

**Wladimir Netto Ungaretti**

**Contribuição ao estudo das relações entre empresariado e  
ambientalismo através de uma análise de conteúdo do jornal  
Gazeta Mercantil**

**Dissertação apresentada no Centro de Filosofia e Ciências Humanas  
da Universidade Federal de Santa Catarina para obtenção do título  
de mestre em sociologia política**

**Orientador: Héctor Ricardo Leis  
Co-orientação: Martha Azevedo**

**Florianópolis  
1996**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA POLÍTICA

**“Contribuição ao Estudo das Relações entre Empresariado e  
Ambientalismo Através de uma Análise de Conteúdo do Jornal  
Gazeta Mercantil**

Wladymir Netto Ungaretti

Esta Dissertação foi julgada e aprovada  
em sua forma final pelo Orientador e  
Membros da Banca Examinadora,  
composta pelos Professores:



---

Prof. Hector Ricardo Leis (M.Sc.)  
Orientador



---

Prof. Ary Cesar Minella (Dr.)  
Membro



---

Profa. Carmen Silvia Rial (Dra.)  
Membro

Florianópolis, junho de 1996.

## Agradecimentos

Dirijo um agradecimento especial ao meu orientador, professor Héctor R. Leis, que com seu fino humor e educação, me proporcionou todas as pistas e indicativos necessários para que chegasse ao final. Agradeço também à professora Martha Azevedo, uma pessoa dedicada à pesquisa e que me possibilitou o domínio de aspectos metodológicos, sem os quais todo o trabalho teria sido impossível. A todos os funcionários das Universidades Federais do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina que resolveram incontáveis problemas burocráticos. À Capes que me proporcionou os recursos necessários para que pudesse passar todo esse tempo estudando. À bibliotecária Zaida Maria Moraes Preussler que deu uma ordem a minha bagunça bibliográfica. Ao Centro de Processamento de Dados da UFRGS que operacionalizou a produção de gráficos e tabelas. Ao escritor e livreiro Arnaldo Campos que me deu o acesso a todos os livros que precisava, quando ainda não dispunha dos recursos da bolsa. Agradecimentos também à professora e antropóloga Maria Noemi que, com sua infinita paciência e bondade, acompanhou todas as etapas de trabalho.

**Nessa recente trajetória estive todo tempo inspirado pela minha filha Manoela Ungaretti. A ela dedico o resultado final desse período de estudos e reflexões.**

A natureza é um templo onde vivos pilares  
Deixam filtrar não raro insólitos enredos;  
O homem o cruza em meio a um bosque de segredos  
Que ali o espreitam com seus olhos familiares

*Charles Baudelaire*

# SUMÁRIO

## LISTA DE FIGURAS

## RESUMO

## ABSTRAT

<b>1. INTRODUÇÃO</b>	<b>11</b>
<b>2. PLATAFORMA TEÓRICA</b>	<b>16</b>
<b>2.1 Desenvolvimento sustentável</b>	<b>18</b>
<b>2.2 Ambientalismo multissetorial</b>	<b>27</b>
<b>2.3 Empresas e meio ambiente</b>	<b>32</b>
<b>2.4 Metodologia: análise de conteúdo</b>	<b>39</b>
<b>2.5 Breve histórico da Gazeta Mercantil</b>	<b>48</b>
<b>2.6 Breve histórico do ambientalismo</b>	<b>54</b>
<b>3. UNIDADES TEMÁTICAS</b>	<b>65</b>
<b>3.1 Políticas ambientais</b>	<b>73</b>
<b>3.2 Desenvolvimento</b>	<b>82</b>
<b>3.3 Urbanismo</b>	<b>90</b>
<b>3.4 Ocorrências</b>	<b>98</b>
<b>3.5 Recursos hídricos</b>	<b>101</b>
<b>3.6 Reciclagem</b>	<b>109</b>
<b>3.7 Nuclear</b>	<b>114</b>

<b>3.8 Legislação</b>	<b>118</b>
<b>3.9 Camada de Ozônio</b>	<b>122</b>
<b>3.10 Matrizes energéticas</b>	<b>126</b>
<b>3.11 Oceanos</b>	<b>129</b>
<b>4. CONCLUSÕES</b>	<b>133</b>
<b>4.1 Sustentabilidade e multissetorialidade</b>	<b>135</b>
<b>4.2 As novas globalizações</b>	<b>142</b>
<b>4.3 O vetor velocidade</b>	<b>146</b>
<b>5. ANEXO</b>	<b>157</b>
<b>6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	<b>158</b>

## **LISTA DE FIGURAS**

Figura 1- Grade de leitura	66
Figura 2- Centimetragem por unidade temática	75
Figura 3- Unidade política ambiental	76
Figura 4- Centimetragem por abertura de página	82
Figura 5- Classificação da unidade desenvolvimento	84
Figura 6- Índices da unidade temática	87
Figura 7- Matérias de abertura de página	90
Figura 8 - Unidade temática urbanismo	93



## RESUMO

Esta dissertação tem o propósito de examinar algumas das especificidades das relações entre o universo empresarial e a problemática ambientalista, através de uma análise de conteúdo, tendo por suporte a página de meio ambiente do jornal Gazeta Mercantil.

O objetivo foi o de verificar: primeiro, em que medida estas relações estão voltadas para as noções de sustentabilidade; segundo, em que grau esse universo empresarial tem sido (ou não) sensível às pressões na direção da construção de práticas orientadas por uma visão ambientalista multissetorial.

A pesquisa se desenvolveu, por um lado, com a fixação de onze unidades temáticas, selecionadas a partir de uma *leitura flutuante* e, de outro lado, pela indicação dos temas amplamente discutidos pela literatura ambiental. Para cada unidade temática estabelecemos quatro índices e a cada um deles foi aplicada uma escala de favorabilidade.

Não partimos de hipóteses pré-fixadas. E o resultado final se constitui, como na proposta inicial, numa contribuição ao estudo das relações entre empresariado/ambientalismo.

## ABSTRACT

This dissertation analyzes some aspects of the relationship between the entrepreneurial universe (business community) and environment issues, through a content analysis applied to the daily page on ecology published in the newspaper Gazeta Mercantil.

The aim was to verify, first, how the relations are concerned with notions on sustainable development; second, how this entrepreneurial universe has or has not been responsive to pressures aimed at forging practices in keeping with environmentalism as a multisector movement.

Gazeta Mercantil provides an opportunity to contribute to the study of the relationship between the business community and the environmental movement. To operationalize this concerns, the author selected eleven themes drawn from a "floating reading" of the newspaper and from the literature on environmental issues. For the observation of each of them, it was established several values and indexes.

## 1. INTRODUÇÃO

A *plataforma teórica* a partir da qual esta dissertação estrutura-se é de fundo multidisciplinar. A construção do texto se fez por três distintas entradas. A primeira delas o *meio ambiente*, através das unidades temáticas construídas. Uma segunda entrada foi o *suporte*, a linguagem jornalística, com a escolha da Gazeta Mercantil, em especial da página de meio ambiente. E uma terceira entrada com o empresariado, um dos *atores* do conjunto proposto.

Não priorizamos nenhuma dessas entradas. Poderíamos propor o exame das relações de outros atores com o ambientalismo, bem como sugerirmos um outro suporte. O tema é que não se alteraria: as questões ambientais.

A procura foi por algumas das especificidades dessa articulação. A afirmativa de que a plataforma teórica é de fundo multidisciplinar é indicativo, por exemplo, de que não estivemos operando com conceitos de um único campo de imanência.

A existência de um entrelaçamento entre aspectos compreensíveis e não compreensíveis, num dado conjunto de relações, está colocada numa vertente diretamente contrária às proposições de que a realidade é submetida a única *razão científica*.

É a partir de uma rede de pressupostos<sup>1</sup> que escrevemos esta dissertação, com o propósito de examinarmos as especificidades desse conjunto de relações entre o universo empresarial e a problemática ambientalista, através de uma análise de conteúdo, tendo por campo de pesquisa a página diária de meio ambiente do jornal Gazeta Mercantil.

O objetivo foi o de verificar: primeiro, em que medida estas relações estão, de fato, norteadas pela implementação de políticas voltadas para o desenvolvimento sustentável; segundo, em que grau esse universo empresarial tem sido (ou não) permeável às pressões na direção da construção de uma visão e de uma prática orientada pelo ambientalismo multissetorial.

A *leitura* proposta da Gazeta Mercantil se constitui numa contribuição ao estudo das relações entre empresariado e ambientalismo. Delimitamos assim, de maneira precisa, os parâmetros entre os quais estivemos operando. Construimos o texto de forma *enciclopédica*<sup>2</sup>, ou seja, recorremos o máximo possível à totalidade dos conhecimentos com os quais estamos familiarizados. A pesquisa se desenvolveu com a fixação de onze unidades temáticas

---

<sup>1</sup> A idéia de pressupostos é tirada do livro *Pensamento Pós-metafísico*, de Jürgen HABERMAS. Nesse mesmo texto, o pensador alemão sugere que, em momentos diferenciados, operamos com níveis de abstrações diversos, ou seja, com um saber-acerca-de-um-horizonte, um saber-acerca-de-um-contexto e um saber-acerca-de-um-pano-de fundo.

<sup>2</sup> No livro *Interpretação e Superinterpretação* Umberto ECO desenvolve esta noção. A de que todos nós recorremos, a cada instante de uma leitura, a uma enciclopédia. E que, quanto mais ampla a enciclopédia, maior nossa capacidade de interpretação. E que, ao escrevermos, também fazemos uso desse recurso.

selecionadas a partir de uma *leitura flutuante*, expressão prática própria do método utilizado e que significa o primeiro contato efetivo com o material de pesquisa. E, de outro lado, pelos temas indicados por grande parte da literatura ambientalista.

Trabalhamos com processos de mensuração dos espaços utilizando a noção de centímetro-coluna. Para cada unidade temática estabelecemos quatro índices, através do mesmo processo de cruzamento de temas propostos pelo jornal e pelos ambientalistas. E para cada uma das onze unidades temáticas, com seus respectivos índices, aplicamos uma escala de atitudes ou favorabilidade.

A escolha recaiu sobre o ano de 1993 por este corresponder ao período imediato à realização da ECO 92, considerada um marco nos debates sobre as questões ambientais, assim como é um outro ponto referencial e histórico a Conferência de Estocolmo de 1972. Não partimos de hipóteses pré-fixadas.

O grande geólogo Charles Lyell dizia que a hipótese científica é elegante e até excitante desde que contradiga o senso comum.<sup>3</sup> Este ponto referencial não foi tomado com qualquer objetivo comparativo. No desenvolvimento da pesquisa se colocaram o que é denominado, na literatura sobre análise de conteúdo, de hipóteses

---

<sup>3</sup> Esta idéia é tirada do livro: GOULD, Jay Stephen. *Darwin e os Grandes Inigmas da Vida*, São Paulo: Martins Fontes, 1992. p.274.

emergentes. Algumas acabaram se confirmando e outras não. E várias delas foram abandonadas.

Bem ao contrário do que propõem os livros didáticos e as diversas escolas metodológicas, a parte mais importante da ciência não está nos modelos nem nos experimentos. Isso só acontece algum tempo depois. Para o biólogo Wilson <sup>4</sup>, o melhor da ciência emerge de um modo mais primitivo do pensar:

***“...através do qual a mente do caçador vai tecendo idéias a partir de fatos velhos, metáforas novas e imagens confusas e semi-ensandecidas de coisas vistas recentemente. Avançar na ciência é elaborar novos padrões de pensar, que definirão por sua vez os modelos e os experimentos” (1994,p.13).***

Tornar claros os atuais processos de mudanças, principalmente quando eles indicam profundas e complexas transformações, como parece estar acontecendo na última década do século, nos colocou diante de algumas dificuldades. A primeira delas esteve na seleção dos dados e elementos, de fato, relevantes e (ou) determinantes. A segunda foi relativa à utilização e (ou)

---

<sup>4</sup> Edward O.WILSON é professor de biologia e pesquisador do Museu de Zoologia Comparada da Universidade de Havard. É autor de várias obras, mas o destaque é para os livros *Sociobiology*, *Biofília*, *The Insects Societies*. No livro *Diversidade da Vida*, editado pela Companhia da Letras, encontramos fascinantes relatos do que seja a biodiversidade. É particularmente tocante a descrição de uma tempestade na bacia amazônica.

construção de esquemas conceituais capazes de, efetivamente, dar um ordenamento aos dados empíricos.

Montaigne (1972) assinalava que gostaria que não se prestasse atenção à escolha das matérias que discutia, mas a maneira como as tratava. E que não vissem o que ele tomava de empréstimo aos outros, mas sim que verificassem se tinha sido capaz de escolher corretamente o que realçava suas idéias, pois que as idéias eram dele. Destacava ainda que não se inspirava nas citações, mas que se valia delas para corroborar o que dizia e que não conseguia expressar tão bem, por uma deficiência de domínio da língua ou por outra incapacidade. Assinalava que não se preocupava com a quantidade e sim com a qualidade das citações, pois poderia sempre utilizar um número bem maior delas.

Estivemos todo o tempo orientados por esta noção. O desenrolar desta tarefa é o que se constituiu na efetiva construção desta dissertação. Escrever sempre se faz pelo absoluto confronto entre quem escreve e o que tem, de fato, a dizer.

## 2. PLATAFORMA TEÓRICA

**...a generalidade mais imperfeita supera teoricamente a pura especialidade.<sup>5</sup>**

**Auguste Comte**

Em 1837, quando Comte inventou, a partir de um:

**"socius latino e de um logos grego, a sociologia para designar o que, até então, ele tinha chamado a física social, a evolução das sociedades humanas já tinha dado lugar a mais de uma pesquisa e a algumas descobertas. A formação de uma palavra cristaliza simplesmente a tomada de consciência de um novo e singular objeto de investigação..."** (COMTE apud DEBRAY:1993.p.13).

As teorias são, antes de mais nada, concebidas para depois serem comprovadas ou não. Uma boa teoria não é aquela considerada irrefutável, mas a que possui uma determinada coerência num campo delimitado. As teorias só se tornam inteiramente comprovadas quando não são mais teorias. A própria idéia de teoria é indicativo de incertezas.

Num conceito, na maioria das vezes, existem partes integrantes de outros conceitos que, por sua vez, correspondiam a

---

<sup>5</sup> Régis DEBRAY é o jornalista que acompanhava Guevara nas selvas bolivianas e que foi preso antes da morte do líder guerrilheiro. Exerceu grande influência na esquerda latino-americana com o livro *Revolução na Revolução*. Anteriormente tinha sido aluno de Althusser, na Escola Normal de Paris, além de ter participado de inúmeras polêmicas teóricas envolvendo Guattari, Deleuze, Foucault e outros intelectuais franceses. A editora Vozes tem publicado seus últimos livros. Passou um pouco despercebido o livro *Curso Geral de Midlologia*, e recentemente a editora publicou *Vida e Morte da Imagem*, que traça uma história do olhar no Ocidente. A obra mais polêmica é *O Estado Sedutor*. E para breve a editora promete lançar *Os Manifestos Midlológicos*. DEBRAY resgata muitos aspectos da obra de McLuhan, bem como de Augusto Comte. Entre outras coisas propõe uma nova periodização para a história ocidental em logoesfera, grafoesfera e videoesfera.



Num conceito, na maioria das vezes, existem partes integrantes de outros conceitos que, por sua vez, correspondiam a outras questões e a outros planos do conhecimento. Um conceito nos empurra na direção de outros conceitos.

Com a noção de **plataforma** procuramos respaldar algumas generalidades que se impuseram diante de tantos cortes; e a não preocupação (obsessiva) pela especialidade. A idéia de **plataforma** indica **base, estrutura de sistemas**, uma conjugação de um infindável número de vetores. Ao contrário, a proposta inicial de fixação de um **marco** era indicativo de um ponto fixo. As teorias apontam para movimentos, para dúvidas.

Nunca, em cerca de dois mil anos, a doutrina do livre comércio tão amplamente se espalhou por todo o planeta. Para o **Financial Times**, Adam Smith derrotou Marx, imobilizou Keynes e pelo menos provisoriamente se impôs. Esta é uma generalidade importante de termos presente. É nesse clima que se colocou, durante todo o tempo, a construção efetiva dos referenciais desta plataforma teórica.

## 2.1 Desenvolvimento sustentável

O problema não está apenas no significado do termo **sustentável**, mas no sentido da expressão **desenvolvimento**, segundo o economista ambiental inglês David Pearce. Em seu livro **Blueprint for a Green Economy**, o economista oferece aos seus leitores mais de 30 diferentes definições para **desenvolvimento sustentável**, todas recolhidas no universo da literatura especializada sobre ambientalismo. Enfatizamos assim, a principal dificuldade na atividade de selecionarmos algumas das variáveis possíveis sobre tal conceito.

O próprio **Relatório Brundtland**<sup>6</sup>, de 1987, nos oferece um conjunto de indicativos para uma definição de desenvolvimento e de sustentabilidade. Num sentido genérico, o texto aponta na direção de que o desenvolvimento sustentável se constitui num processo de transformação, no qual a exploração de recursos, a hierarquização dos investimentos, a orientação do desenvolvimento tecnológico, assim como as políticas institucionais, devam buscar a harmonia com uma visão em direção ao futuro (COMISSÃO MUNDIAL SOBRE O MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO, 1993). A idéia é a do estabelecimento

---

<sup>6</sup> A primeira edição do **Relatório Brundtland**, da Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, foi publicado pela Editora Fundação Getúlio Vargas, em 1988. Posteriormente, em 1991, foi reeditado com o título **Nosso Futuro Comum**. Este relatório é considerado até hoje como um importante documento referencial no debate sobre as questões ambientais.

de uma sustentabilidade entre os diversos sistemas e em diferentes níveis.

Se tivermos por base o texto ***Mudando de Rumo/Uma Perspectiva Empresarial Global sobre o Desenvolvimento e Meio Ambiente***, de 1992, considerado também importante ponto de referência para o estabelecimento da plataforma teórica, nos deparamos com outros enfoques conceituais. Na visão empresarial, pelo menos desse segmento ambientalizado, o desenvolvimento e a sustentabilidade são as pedras angulares de um sistema de mercados abertos e competitivos, no qual os preços devem refletir os custos dos recursos ambientais e outros (SCHMIDHEINY,1992).

Todos estes conceitos pertencem a um determinado campo de imanência e aqui foram instrumentalizados partindo de uma rede de pressupostos. É preciso assinalar, mesmo que de passagem, que tais conceitos possuem também uma história.

Os problemas ambientais da atualidade não são novos. A complexidade das questões relativas ao desenvolvimento também não chega a ser uma novidade. O agravamento da crise de sustentabilidade, em esfera mundial, é que tem forçado a reflexão e a procura de novos caminhos. A fragmentação das instituições ainda impede, em boa parte, a instauração de novas práticas que

harmonizem meio ambiente e crescimento, mesmo com o aumento da consciência de que existe uma interligação.

Se tomarmos a idéia de sustentabilidade em alguns de seus aspectos, iremos verificar que estaremos, na maior parte das vezes, nos reportando aos processos de mudanças econômica e social em países do terceiro mundo.

Satisfazer as necessidades e as aspirações humanas é o principal objetivo do desenvolvimento. Satisfazer necessidades presentes e futuras. Esta idéia bem simples norteia algumas das atuais políticas ambientais derivadas de uma conceituação de desenvolvimento sustentável: retomada do crescimento, atendimento das necessidades básicas das populações, inclusão do meio ambiente e da economia no processo de tomada de decisões, entre outras questões. A problemática do crescimento tem estado no centro dos atuais debates.

Só que este quadro, de um ponto de vista da sustentabilidade, é inteiramente diverso. A visão da utilização das matérias-primas e dos recursos energéticos obedece a uma outra ordem de prioridades.

No *Relatório Brundtland* é destacada a noção de que:

**“...o tema comum a essa estratégia de desenvolvimento sustentável é a necessidade de incluir considerações econômicas e ecológicas no processo de tomada de decisões. Afinal, economia e ecologia estão integradas nas atividades do mundo real...”** (COMISSÃO MUNDIAL SOBRE O MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO, 1992,p.67).

Esta é uma perspectiva que vem se impondo de forma decisiva. Se a atividade econômica deve resultar em formas sustentáveis de desenvolvimento, o meio ambiente não pode mais ser considerado um fator visto à parte (ou não integrado) ao processo decisório na instância econômica (MAcNEILL,1991).

Decorrente dessa visão foi possível estabelecermos o fato de cada vez mais os vínculos entre a instância econômica e as questões ecológicas, nas diversas partes do planeta, colocam em evidência, por exemplo, as desigualdades crescentes entre ricos e pobres. A questão das relações internacionais é básica para encontrarmos o caminho de um maior equilíbrio. Novos mecanismos de governabilidade mundial são discutidos. Os aspectos relativos às barreiras tarifárias, às políticas protecionistas dos países

industrializados, a criação de blocos e de outros mecanismos estão na ordem do dia.

O papel a ser desempenhado pelas multinacionais no estabelecimento de uma nova ordem é outra discussão em aberto. Elas são geradoras de novas tecnologias, fato de grande importância para a implantação de políticas de menor impacto sobre o meio ambiente como um todo. A proposição de uma economia mundial sustentável passa, necessariamente, pela redefinição do papel dos grandes conglomerados econômicos. As relações de mercado, numa perspectiva de sustentabilidade, precisariam ser repensadas também numa outra dimensão.

Existe uma ligação estreita entre o crescimento populacional (países do terceiro mundo) e o desenvolvimento. Este é um problema da maior complexidade. Embora tenha crescido a produção mundial de alimentos por habitantes, a fome é uma realidade evidente. Enquanto que em algumas regiões do planeta as populações não dispõem dos recursos mínimos para uma atividade agrícola de subsistência, existem estoques de alimentos nos Estados Unidos (EUA) e na Europa a partir de mecanismos de subsídios. A preocupação com a sustentabilidade está vinculada também com aspectos relativos aos estoques e a comercialização de produtos agrícolas. Muitos indicadores apontam para o fato de que o mundo

vive uma das mais rápidas seqüências de crescimento de sua história. A previsão é que a população duplique ao longo ao próximo século (MAcNEILL,1991).

As políticas dos setores industriais, em diversas partes do mundo, também passam por um processo de reavaliação. Cada vez mais tem se imposto a atividade de reciclagem de resíduos e a reutilização de diversos materiais. Em um novo planejamento industrial, os processos decisórios dos governos e das indústrias têm que levar em conta as questões referentes aos recursos e ao meio ambiente. Assim haverá uma redução dos gastos de energia, bem como um maior incentivo aos processos de reciclagem (COMISSÃO MUNDIAL SOBRE MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO,1992).

Coloca-se, desta forma, a necessidade do estabelecimento de políticas que compatibilizem aspectos internacionais-nacionais e estatais-privados.

Outro eixo dos atuais debates é, sem dúvida nenhuma, os problemas decorrentes dos acelerados processos de urbanização. O crescimento das cidades, sem as estruturas correspondentes, é um dos fatores determinantes de muitos desequilíbrios. O lixo, por exemplo, cada vez mais tem se constituído numa questão da maior gravidade. A expansão desordenada das cidades é um dos graves problemas nos países em desenvolvimento. A utilização adequada

dos recursos hídricos também aumentaria em muito a qualidade de vida. Segundo a Organização Mundial da Saúde, doenças relacionadas com a falta de uso de água são responsáveis por mais da metade das mortes de crianças nos países do terceiro mundo (SCHMIDHEINY,1992).

***“As formas tradicionais de soberania nacional são constantemente desafiadas pelas realidades de interdependência econômica e ecológica. Isso é especialmente verdadeiro nos ecossistemas compartilhados”*** (COMISSÃO MUNDIAL SOBRE MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO,1992,p.293).

É aqui que um outro importante aspecto da sustentabilidade se coloca. Ainda segundo o *Relatório Brundtand*, de 1987, o desenvolvimento sustentável, numa visão voltada para o próximo século, e até mesmo para a própria sobrevivência, será possível ou não, a partir da implantação de políticas de administração dos oceanos e de outras áreas consideradas de bem comum. A preservação dos oceanos é um componente fundamental na proposta de uma efetiva sustentabilidade. Com certa freqüência, ainda presenciamos desastres com grandes petroleiros e outras formas de poluição. O turismo desordenado tem destruído as regiões costeiras.



Algumas das atuais tendências do pensamento econômico estão tentando estabelecer o denominado custo total de diversos estragos ambientais e outros danos provocados pela poluição. Desde já, algumas organizações ambientalistas alertam para o fato de que determinar custos ainda desconhecidos, associados aos impactos ecológicos, poderá sobrecarregar ainda mais os países pobres.

A questão energética está na base das tentativas de se encontrar o caminho para o desenvolvimento sustentável. Os impactos ambientais da produção e do consumo de energia são complexos (SCHMIDHEINY, 1992).

Uma outra variante de idêntica importância é a que diz respeito às novas regras do comércio exterior. Existem muitas controvérsias sobre tais normas.

Um ponto de grande tensão sempre presente é o que se refere às relações entre nações ricas e pobres. Muitos países, tanto industriais quanto em desenvolvimento (hoje denominados de emergentes), impõem desgastes aos ecossistemas. Alguns fazem isso através da riqueza e outros através da pobreza. Permanece na ordem do dia o debate sobre as relações norte-sul. O impacto agregado de qualquer comunidade sobre o meio ambiente pode ser pensado a partir de alguns fatores básicos, segundo inúmeros estudiosos: sua população, seu consumo e sua atividade econômica

per capita. População, consumo e eficiência tecnológica estão envolvidos na degradação ambiental (MACNEILL,1991).

***“O desenvolvimento sustentável encontra-se no centro de uma transformação global, econômica, tecnológica, social, política e cultural que redefinirá os limites do que é possível e do que é desejável”***  
(SCHMIDHEINY,1992,p.85).

Para alguns setores empresariais, as preocupações ambientais, quando pensadas de um ponto de vista do desenvolvimento sustentável, não têm significado apenas um aumento de custos, mas um ponto de partida para o incentivo a uma maior competitividade. É possível perceber que existem graus diferenciados de percepção da crise atual.

As (novas) necessidades impostas por um crescimento econômico limpo, em grande parte do tecido social, nas mais diversas comunidades, têm colocado na ordem do dia o debate sobre a importância da transferência de conhecimentos tecnológicos. É aqui que se situa outra variante do debate norte-sul, assim como o papel a ser desempenhado (numa nova perspectiva) pelas agências internacionais como Banco Mundial, Fundo Monetário Internacional (FMI), Acordo Geral de Tarifas e Comércio (GATT) e outros. Diversos vetores apontam para a necessidade de uma discussão sobre a atual

complexidade de aspectos relacionados com a governabilidade mundial. Continuam presentes os debates em torno da redefinição do papel a ser desempenhado pelos organismos internacionais.

A sustentabilidade incorpora a noção abrangente de outros parceiros interessados: uma ampliação da clientela, no tempo e no espaço, das pessoas afetadas pelas ações industriais. As organizações bem sucedidas serão aquelas que superarem seus concorrentes em termos de valor adicionado para seus parceiros interessados, não só os consumidores, como também os empregados, os investidores, os fornecedores e as comunidades locais. O desafio é trazer à tona uma verdadeira parceria. Uma cooperação em que ambas as partes se beneficiem (SCHMIDHEINY,1992).

## **2.2 Ambientalismo multissetorial**

Outro eixo importante é o que aponta na direção do crescimento de posturas, teóricas e práticas, orientadas por uma visão ambientalista multissetorial. Este conceito procura dar conta de um fenômeno que se acentuou a partir da segunda metade da década de 70, quando a preocupação com as questões relativas ao meio ambiente começaram a permear todo o tecido social (VIOLA; LEIS,1992).

Esta tendência passou a fazer parte da agenda de associações e grupos comunitários, e agências estatais nos níveis: municipal, estadual e federal; organizações não-governamentais com outras preocupações sociais, cientistas e instituições, fundações, empresariado, políticos, entidades religiosas, e educadores de um modo geral.

A preocupação ambiental passa por um determinado tipo de consenso. O meio ambiente e a economia, por exemplo, deveriam estar integrados em nossas principais instituições com poder decisório: governo, indústria e todos os segmentos envolvidos no processo. Mas não apenas como uma tendência. De alguma forma, esta conceituação integra, num sentido mais amplo, a proposição da construção de uma concepção mais sistêmica da vida.

Em 1991, os senadores norte-americanos Witth e Heinz, num estudo sobre políticas públicas concluíram que:

***"...nos últimos dois anos, temos testemunhado mudanças drásticas no panorama político das medidas ambientais. Legisladores, burocratas, ambientalistas, comerciantes e cidadãos de todos os tipos passaram a reconhecer que os instrumentos baseados no mercado fazem parte de nossa carteira de políticas relacionadas com o meio ambiente e os recursos naturais"***  
(WIRTH; HEINZ apud SCHMDIHEINY:1992,p.25).

Assim, foi possível entendermos e operarmos melhor, com um certo grau maior de precisão, com o conceito de ambientalismo multissetorial. A necessidade de um aprofundamento das relações entre as várias instâncias decisórias é visível. Mas deverá continuar sendo uma tarefa de alta complexidade fazer com que os preços reflitam o impacto ecológico e o uso dos recursos naturais.

Uma noção que tem ganho maior espaço, em sintonia com a conceituação de ambientalismo multissetorial, é a de que o avanço em direção à sustentabilidade deverá impor parcerias empresariais inovadoras; e uma verdadeira integração entre as esferas públicas e privadas. Para muitos setores, já se tornou uma realidade concreta a necessidade de uma maior cooperação tecnológica entre empresas, incluindo até mesmo uma aproximação entre os processos de industrialização e segmentos voltados apenas para o comércio exterior.

Essa tendência a uma multissetorialidade é, sem dúvida nenhuma, decorrente de inúmeros fatores. Uma delas é a importância que a questão ambiental adquiriu em termos de legislação, embora existam dificuldades de consolidação e até mesmo algumas distâncias entre discursos e práticas. Com o avanço das preocupações ambientalistas passou a ocorrer uma convergência de esforços. Os veículos de comunicação de massa desempenham um

papel de destaque nesse processo. A Gazeta Mercantil, por exemplo, é um jornal fundamentalmente de economia, voltado para um universo de leitores integrado pelos mais diversos setores empresariais, e possuía a única página de meio ambiente da imprensa brasileira, desde 1988, com periodicidade diária. Com a modernização comemorativa aos 75 anos de existência, em 1995, a página de meio ambiente desapareceu, mas o destaque a tais questões não se alterou. O material passou a ser distribuído por todas as editorias. Um indicativo, inclusive, de uma visão de multissetorialidade.

O básico dessa concepção é que a questão ambiental atravessa, na atualidade, todo o tecido social. Num sentido estrito, as preocupações ambientalistas, pelo menos por um determinado período, passavam quase que só pelas associações, pequenos grupos e algumas outras entidades. Crescentemente tais organizações passaram a se diferenciar pelo grau de profissionalismo, semi-profissionalismo, ou por terem uma atividade amadora. Essa rede (multissetorial) se estendeu quando as agências governamentais ganharam maior destaque, tanto a um nível municipal, estadual como nacional.

O tecido social é mais amplamente contaminado pela importância dos aspectos ambientais quando as organizações não-

governamentais passam a desempenhar um importante papel. Existe também uma faixa de atuação ambientalista que é a ocupada pelos cientistas, tanto em termos de pesquisas individuais como de instituições.

O setor empresarial, evidentemente, como parte integrante de toda a trama social, é também tocado pelas questões referentes ao meio ambiente. Segmentos mais sensíveis à problemática, igualmente orientados pela idéia do lucro, procuram caminhos na direção de uma maior sustentabilidade. É evidente que existem setores pouco propensos a terem tais preocupações. Não há vetores únicos e/ou dominantes.

Outra ponta, é a política enquanto uma esfera importante e decisiva para o avanço (ou não) das visões que procuram uma melhor qualidade de vida. Aqui entram os políticos profissionais propriamente ditos, militantes de um modo geral, partidos e até mesmo quadros da estrutura pública. Também tem crescido o papel das instituições religiosas, bem como de toda a rede de educadores e de formadores de opinião.

Este conceito de ambientalismo multissetorial, no seu sentido mais amplo, se constituiu num importante instrumento de leitura do objeto de pesquisa, na medida que possibilitou não

perdermos de vista os diversos entrelaçamentos que ocorrem no plano do real-concreto.

Na procura da especificidade, o que necessariamente nem sempre é preciso encontrar, estivemos considerando as diferenças que estas noções despertam em circunstâncias diversas.

Para o filósofo francês Serres, a mudança global que se prepara hoje:

***“...não leva apenas a história ao mundo, mas também transforma o vigor deste em precariedade, em uma infinita fragilidade. Morre-se de fome nos desertos, de sufocação na areia movediça viscosa ou de afogamento nos rios cheios. Vencido, o mundo enfim nos vence”(1991, p.22).<sup>7</sup>***

### 2.3 Empresas e meio ambiente

Tendo por base as conceituações de desenvolvimento sustentável e de ambientalismo multissetorial, em algumas de suas variáveis, e considerando, mais uma vez, a existência de uma rede de pressupostos, é que propomos algumas considerações (complementares) sobre as relações entre empresa e meio ambiente. Isto como parte da plataforma teórica a partir da qual estivemos

---

<sup>7</sup> Durante muitos anos, o filósofo Michel SERRES ocupou uma posição discreta nos meios intelectuais franceses. Grande parte de sua obra trata das relações entre ciência e filosofia. Ganhou especial destaque sua obra *O Contrato Natural*, pois, segundo alguns críticos, o fato de lecionar com frequência nos Estados Unidos, em especial na Califórnia, faz de Serres um dos defensores de posições contra o antropocentrismo, em nome dos direitos da natureza, devendo o antigo *contrato social* dar lugar a um novo *contrato natural*. A idéia é a de que o homem não é o centro do mundo. E que o cosmo, enquanto tal, deveria ser defendido contra os homens.



operando. Os dois conceitos foram de amplitude suficiente para o desenvolvimento da pesquisa.

É importante destacarmos ainda que a assimilação da problemática ambiental vai depender de muitos fatores: crenças, ideologias, culturas dos diferentes grupos sociais, organização da sociedade, envolvimento dos setores públicos e privados, ação de organismos locais, nacionais, internacionais e inúmeros outros aspectos de ordem conjuntural (MAIMON,1992).

Precisamos considerar que é expressivo, na atualidade, o impacto decorrente da atividade industrial em termos de destruição do meio ambiente. Os economistas clássicos pouco consideraram, em suas teorias, os aspectos relativos às questões ambientais. Uma exceção ocorreu com Malthus que, na sua elaboração teórica, relacionava o crescimento populacional com a limitação de recursos naturais. Já a teoria keynesiana tinha por pano de fundo a depressão econômica; o marxismo, a luta de classes e o domínio do homem sobre a natureza.

Os impactos ambientais, decorrentes das atividades industriais, também possuem uma história e se apresentam em graus diferenciados. Nos países desenvolvidos essa relação se estabelece de uma determinada forma inteiramente diversa do que nos países em desenvolvimento. E hoje, nos denominados países emergentes, a

diferença também ocorre em função de muitas outras variáveis: setor de produção, domínio de tecnologias, organização da sociedade, legislação ambiental, etc.

Essa relação (empresa e meio ambiente) também tem estado sujeita a fatores de ordem conjuntural. Os choques do petróleo, em 1973 e 1979, bem como a redução de algumas matérias-primas determinaram uma mudança de atitude, pelo menos por parte de alguns setores empresariais. A conjugação de todas estas variáveis, e de algumas outras não relacionadas, acabou impondo a institucionalização da responsabilidade ambiental. E as empresas, em linhas gerais, observando todas essas nuances, procuraram se adaptar às novas exigências de mercado com a incorporação das chamadas tecnologias limpas. A esse aspecto, se conjugou também uma política de marketing verde, numa tentativa de melhoria de imagem. Em alguns poucos setores empresariais existe a preocupação com a projeção de situações futuras, bem como com a adoção de políticas preventivas.

As distintas práticas de atuação ambiental, no plano empresarial, decorrem da percepção da responsabilidade com a sustentabilidade que, por sua vez, é resultante da conjugação dos fatores já apontados. É nessa direção que algumas empresas já adotaram sistemas de perícia, com uma determinada regularidade.

Nos Estados Unidos, por exemplo, alguns setores empresariais criaram verdadeiras auditorias ambientais. Esse sistema de auditorias vem sendo implantado em quase todos os países da Europa, nos mais diversos setores de produção.

As perguntas que se colocaram durante todo o tempo foram as seguintes: que tendência é dominante hoje quando falamos na relação empresariado-meio ambiente? O que predomina são empresas ambientalizadas ou não? A ambientalização é maior nas áreas mais desenvolvidas ou não? Daí, decorre a idéia de estabelecermos uma contribuição ao entendimento de algumas das questões colocadas.

Uma das tendências observadas, nas últimas décadas, é a que têm sido denominada de produtos verdes. As empresas deixam de enxergar o meio ambiente como um fator apenas adicional de custos. A visão é a de lucrar com produtos limpos exigidos pelo mercado (MAIMON, 1992).

Nessa mesma linha, ganharam espaço os setores industriais voltados para a produção de equipamentos de controle de fontes de poluição. Uma pesquisa do Instituto Gallup, realizada com a população de 22 países, apontou que pelo menos em 20 deles, os problemas ambientais foram considerados tão prioritários quanto o crescimento econômico. Uma outra pesquisa indicou que, no ano de

1990, cerca de 9,2% dos produtos lançados no mercado eram anunciados como verdes. Em um grande número de países o selo verde é uma realidade (MAIMON,1992).

No Brasil, existem indicativos de que tem crescido o nível de preocupação com as questões ambientais. A realização da ECO 92 acentuou esta tendência, mas também colocou na ordem do dia algumas dificuldades. A incorporação da variável ambiental, por parte de alguns setores industriais, ainda se limita às exigências dos sistemas de fiscalização do poder público. E tem estado sujeita a muitos fatores de ordem política e conjuntural. As contradições geradas pelos inúmeros desníveis da sociedade brasileira, bem como a imposta inserção no processo de globalização, faz da variável ambiental um fator determinante em alguns setores, mas em outros não. Muitas vezes, um setor empresarial se ambientaliza por exigência do mercado externo. O que também representa um avanço. Não existe um vetor único e dominante. Em 1991, foi criada a Fundação para o Desenvolvimento Sustentável, entidade ligada ao empresariado internacional que se aglutina em torno da **Business Council for Sustainable Development**. Esta Fundação reúne empresas como a Vale do Rio Doce, Gazeta Mercantil, Varig, Mannesmann, Aracruz, entre vários outros grupos de diversos setores da produção.

Uma constatação foi possível realizar: os setores empresariais com melhor desempenho ambiental são aqueles que estão submetidos, por razões de mercado, às exigências do processo de internacionalização da economia. Importadores pressionados por consumidores pressionam as empresas nacionais. Ocorre um encadeamento. Até mesmo as empresas estatais, embora mais lentamente, estão passando por processos de ambientalização para terem acesso a empréstimos de organismos internacionais.

Toda a literatura mais específica sobre a relação entre o universo empresarial e o ambientalismo é nitidamente marcada por algumas questões. Uma delas, por exemplo, é a que aponta para um descompasso entre a política de marketing e a adoção efetiva de práticas sustentáveis.

Para o *Worldwatch Institute* as preocupações com o meio ambiente, que já foram consideradas como forma de desviar a atenção de questões mais importantes, estão servindo de base para a próxima revolução industrial.

A proteção ao meio ambiente ganha espaço como atividade empresarial significativa. Segundo levantamentos realizados pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), o mercado mundial de bens e serviços ambientais movimentou cerca de 200 bilhões de dólares, em 1990.

E a previsão é de que esse mercado terá um crescimento em torno de 50% até o ano 2000 (BROWN, 1993).

Um grande leque de filosofias e práticas ambientais está norteando as atividades empresariais. Num nível bem atrasado estão alguns setores que alegam que seus produtos encarecerão com o aumento de custos ambientais. Quase sempre esse tipo de alegação é acompanhado por grandes gastos com publicidade, no que os ambientalistas denominam de banho verde. Num nível bem avançado, com alto grau de ambientalização, iremos encontrar setores empresariais que reformularam seus processos produtivos norteados pelas práticas de reciclagem e pela economia energética, mantendo ou ampliando as margens de lucratividade. A própria atividade de proteção ambiental, cada vez mais, vem se constituindo num importante ramo empresarial.

A dificuldade continuará sendo exatamente na apreensão do vetor determinante nas diversas conjuturas, tanto num plano nacional como internacional. O que constituiu, na verdade, em mais uma justificativa para o desenvolvimento da pesquisa. Entre os dois extremos existe uma trama de discursos e práticas.

## 2.4 Metodologia: análise de conteúdo

*Em qualquer circunstância, previne Bachelard, o imediato deve dar lugar ao construído*<sup>8</sup>.

Régis Debray

Parte integrante do quadro teórico são os denominados procedimentos metodológicos. Aqui também há uma plataforma e, igualmente, cortes que possibilitaram determinar em que patamar de abstração nos situamos a cada etapa. Em termos metodológicos, optamos pelo procedimento denominado análise de conteúdo. Algumas considerações sobre o método antecedem a exposição dos aspectos mais gerais das técnicas que foram operacionalizadas. Foi preciso retrazar um breve histórico da evolução dos procedimentos que, a partir de um determinado momento, passaram a ser denominados de análise de conteúdo.

A definição clássica é a de Berelson citado por Bardin no seu livro *Content Analysis in Communication Research*.

---

<sup>8</sup> Nascido em Barsur-Aube, no interior da França, em 1884, BACHELARD gostava de se considerar um filósofo rural. Morreu em 1962, deixando uma extensa obra. Ele teria ainda dito, numa certa ocasião, que durante o dia ele era um físico e que durante a noite se dedicava à poesia e ao devaneio. A editora Tempo Brasileiro publicou seu primeiro livro no Brasil, em 1968, denominado *O Novo Espírito Científico*. Louis Althusser, filósofo que realiza uma das últimas releituras de Marx, busca em Bachelard uma série de conceitos. É desse campo de imanência que vem a idéia de corte epistemológico. As obras denominadas de devaneios da matéria, além da beleza, são um importante referencial para quem trabalha com as questões ambientais. No livro *O Direito de Sonhar*, publicado pela Difei, em 1985, na terceira parte encontramos um texto denominado *Devaneio e Rádio*, que poderíamos, hoje, classificar com um clássico.

Dizia ele:

***“A análise de conteúdo é uma técnica de investigação que têm por finalidade a descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto da comunicação”*** (BERELSON apud BARDIN:1991,p.19)

Mais recentemente, o método tem sido definido como sendo um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção destas mensagens (BARDIN,1991).

Assim como todo conceito tem uma história, as diversas práticas metodológicas também possuem uma, bem como apresentam uma trajetória na direção de uma maior ou menor utilização, em função de fatores dos mais variados. Em torno da Segunda Guerra mundial, o método de análise de conteúdo foi amplamente utilizado nos Estados Unidos, com o objetivo de melhor entender os processos de propanganda nazista, principalmente em termos de mensagens radiofônicas. É desse período alguns trabalhos considerados clássicos.



Ao propormos a operacionalização da presente dissertação, através da utilização das técnicas da análise de conteúdo, tornou-se impossível desconhecer que estivemos lidando com questões referentes à linguagem. E lidando com jornalismo. Mais uma vez com linguagens. Daí se justifica, plenamente, assinalarmos esta preocupação teórica com uma idéia extraída de Wittgenstein:

***“A linguagem é um traje que disfarça o pensamento. E, na verdade, de um modo tal que não se pode inferir, da forma exterior do traje, a forma do pensamento trajado; isso porque a forma exterior do traje foi constituída segundo fins inteiramente diferentes de tornar reconhecível a forma do corpo”***  
(1993,p.165).<sup>9</sup>

É preciso, mesmo que de forma breve, assinalarmos que o método de análise de conteúdo não significa a utilização das mesmas técnicas aplicadas ao campo da lingüística, embora o objeto seja o mesmo, ou seja, a linguagem. Tanto a análise de conteúdo

---

<sup>9</sup> Ludwig Josef Johann WITTGENSTEIN nasceu em Viena, a 26 de abril de 1889. Depois de concluir os estudos secundários na Áustria, WITTGENSTEIN passou a estudar mecânica em Berlim. Com 19 anos de idade foi para a Inglaterra onde realizou estudos e projetos ligados à aeronáutica. Além do *Tractatus Logico-Philosophicus* e das *Investigações Lógicas*, deixou uma série de textos filosóficos. Seu poeta preferido era Rainer Maria Rilke, o qual produziu trabalhos que influenciaram filósofos posteriores. WITTGENSTEIN morreu em 29 de abril de 1951, de câncer, mas pouco antes de perder a consciência pediu ao médico: *Diga-lhes que eu tive uma vida maravilhosa*. Nos últimos anos de sua vida, tinha renunciado à cátedra de filosofia, passando a trabalhar ora como porteiro ora como ajudante de laboratório num hospital.

como a lingüística comportam um número razoável de definições. Mas não seria demais dizer que esta última trabalha com a língua no plano da teoria.

O que diferencia a análise de conteúdo da lingüística é o trabalhar com a palavra, embora a distinção fundamental resida noutro lado. A lingüística estuda a língua para descrever seu funcionamento. A análise de conteúdo procura conhecer aquilo que está por trás das palavras sobre as quais se debruça. A lingüística é um estudo da língua, a análise de conteúdo é uma busca de outras realidades através das mensagens (BARDIN,1991).

Como todo procedimento metodológico a análise de conteúdo comporta uma série de etapas. Foi quando nos deparamos com um conjunto de expressões (específicas) do universo operacional da proposta. Algumas regras precisaram ser observadas, mesmo parecendo obviedades. Uma delas foi a **regra de representatividade**, ou seja, que nada do material delimitado como objeto de pesquisa ficasse de fora. Esta regra apontou para uma situação em que a amostragem é, de fato, representativa do universo escolhido. De igual importância foi a **regra de homogeneidade**, onde o material investigado obedeceu a critérios precisos de escolha. E por último, a **regra de pertinência**, onde observamos se a fonte escolhida possibilitava, efetivamente, a proposta de análise.

A análise de conteúdo se estabeleceu a partir da classificação em categorias dos elementos dos textos examinados e dos referenciais indicados na literatura ambientalista. Os componentes examinados foram variados: palavras, frases, parágrafos, textos inteiros, fotos, etc. Trabalhamos a partir de palavras-chaves, as denominadas "keywords". Este procedimento consistiu, basicamente, em relacionar uma lista de palavras que expressavam determinada atitude ou tendência e, a partir daí, trabalharmos o universo escolhido. O mesmo procedimento foi adotado no caso da escolha de frases ou de parágrafos como unidades de análise.

Cada processo metodológico, refletindo suas técnicas correspondentes e seu próprio campo de operações, possui e (ou) constrói uma linguagem própria. Em análise de conteúdo não é diferente. O primeiro contato com o material é denominado de **leitura flutuante**. É a etapa inicial de investigação, em que quase sempre não existe uma hipótese, situação que se manteve até o final da pesquisa. Chegamos à formulação do que é denominado de **hipóteses emergentes**.

Outra expressão usada no processo de trabalho é a de **recorte do texto** que, em verdade, se constitui na delimitação das categorias ou unidades temáticas. A partir desse recorte, com a

fixação de categorias ou unidades temáticas, passamos a falar em unidades comparáveis de categorização.

A codificação poderia se fazer através de unidades de registro como, por exemplo, em termos de palavras. Quando assim procedemos, estivemos observando duas possibilidades: a escolha de palavras-chaves ou palavras-tema. Existiu sempre uma outra alternativa. A de trabalharmos com as denominadas unidades de contexto. Com esse procedimento técnico estivemos operando com a idéia de uma frase para um parágrafo, com um parágrafo para um determinado tema ou com um título para uma página.

A conjugação destas noções é que possibilitou a montagem da grade de unidades temáticas e dos índices com os quais estivemos operando. A grade de leitura do material de pesquisa se fez por várias tentativas até chegarmos a um quadro o mais abrangente possível. O trabalho de pesquisa, de fato, só teve início com a certeza de que a grade de leitura era adequada.

Alguns autores que trabalham com análise de conteúdo falam em **tonalidades** e, a partir daí, trabalham com variáveis como **favorável-desfavorável** ou ainda **negativo-positivo**. Esse procedimento também é conhecido por **escala de favorabilidade**, em que são estabelecidas uma pontuação para variáveis que vão de **normal, positivo, muito positivo, negativo e muito negativo**.

Também aplicamos uma **escala de favorabilidade** ao material examinado. Construimos uma escala com as noções de **muito desfavorável, desfavorável, neutra, favorável e muito favorável**.

Uma expressão sempre presente nos trabalhos que utilizam as técnicas da análise de conteúdo, bem como o material mais teórico sobre o assunto, é a inferência. A literatura desse campo da metodologia fala em um saber a mais, quando nos distanciamos de uma **leitura aderente**. Existe todo um debate sobre este aspecto do método de análise de conteúdo, mas basicamente a inferência seria o processo de utilização de raciocínios de dedução lógica. Os capítulos teóricos que tratam sobre a questão, como por exemplo, no texto **Análise de Conteúdo**, de Bardin, utilizam quase que só referências no campo da comunicação: mensagem, significação, código, suporte, canal, emissor e receptor. Todos esses elementos são considerados pólos de inferência, ou seja, elementos possíveis de serem pensados a partir de raciocínios lógicos-dedutivos.

A proposição é a de que os resultados brutos de uma pesquisa, após serem submetidos às diversas etapas de classificação e ordenamento, se constituam num quadro sugestivo de inferências e que se criem novas possibilidades de interpretação. Em grande parte, os resultados de uma análise de conteúdo, com a

obtenção de inferências específicas ou gerais, sugerem novas possibilidades de uma pesquisa com a utilização de outras metodologias e outras técnicas de investigação. Esteve sempre presente a proposição inicial de estabelecermos uma contribuição.

Ao delimitarmos como campo de pesquisa um ano de páginas de meio ambiente do jornal Gazeta Mercantil, observamos a **regra de exaustividade**. Nada desse material ficou de fora. A **regra de representatividade** também foi observada na medida em que a amostragem foi representativa do universo escolhido, cerca de 235 edições. Também é possível afirmarmos que a **regra de homogeneidade** foi respeitada, pois o material selecionado obedeceu a critérios precisos de escolha. E por último, a **regra de pertinência**, onde consideramos que a fonte escolhida apresentava, de fato, as condições para o desenvolvimento da proposta.

A decisão ficou subordinada ao processo denominado de **leitura flutuante**, que nada mais é do que o primeiro contato efetivo com o material de pesquisa. Construimos algumas **hipóteses emergentes**. Um outro aspecto importante do processo de operacionalização da pesquisa foi o denominado **recorte do texto**. Nessa etapa, foram delimitadas as categorias ou unidades temáticas.

Em sucessivas abordagens do material foi possível apontarmos como unidades temáticas, na esfera do ambientalismo,

aspectos relativos à reciclagem, urbanismo, lixo, recursos hídricos, oceanos, desastres, políticas públicas, energia, parcerias tecnológicas, saúde, desenvolvimento, agricultura, sustentabilidade, crescimento populacional, matrizes energéticas e ambientalismo entre outras. Unidades temáticas que, amplamente, encontramos em toda a literatura especializada pesquisada. Na seqüência, verificamos em que medida essas unidades temáticas convergiam ou não, o peso em termos de centimetragem, as variáveis apontadas pelos índices e em que escala de favorabilidade as questões foram tratadas.

Ao sugerirmos, na abertura de cada aspecto abordado, uma idéia norteadora, com conceituações mais abstratas, consideramos, em parte, desenvolvida uma importante variante do quadro teórico.

***"A ciência, considerada como um conjunto pronto e acabado de conhecimentos, é a mais impessoal das produções humanas; mas considerada como um projeto que se realiza progressivamente, ela é tão subjetiva e psicologicamente condicionada como qualquer empreendimento humano"***  
(EINSTEIN apud THUILLIER:1994,p.227).

No estabelecimento da plataforma teórica foi **“...preciso rachar as palavras ou as frases para delas extrair os enunciados”** (DELEUZE;1992,p.20).

Ernst Haeckel, o grande divulgador da teoria evolucionista na Alemanha, tinha por hábito criar novas palavras. Um grande número delas não tiveram uso, mas algumas sobrevieram como por exemplo: ontogenia, filogenia e ecologia. O exato sentido desta última é o estudo da diversidade orgânica (GOULD,1992).

O filósofo francês ainda sugere: **“...o pensar é sempre uma tentativa de experimentar e não de interpretar, e que a experimentação é sempre o atual, o nascente, o novo, o que está em vias de se fazer”** (DELEUZE,1992,p.132).

## 2.5 Breve histórico da Gazeta Mercantil

**...encontrar semelhanças mesmo onde elas parecem não existir e saber descobrir diferenças mesmo onde parecem existir apenas semelhanças...**

Antonio Gramsci <sup>10</sup>

---

<sup>10</sup> As obras do pensador marxista italiano foram amplamente divulgadas em torno da década 70/80 pela editora Civilização Brasileira, em pleno regime autoritário. No livro publicado com o título de *Os Intelectuais e a Organização da Cultura*, o capítulo III é todo ele dedicado ao jornalismo. É interessante notar que mesmo sendo um *leninista*, o pensador italiano não ficava preso às concepções expressas por Lenin no livro *Que Fazer?*



O pensador marxista italiano também assinalava que é absolutamente impossível falarmos de um negócio jornalístico e editorial sério se não existir um elemento básico, ou seja, a organização de clientes, de uma massa de compradores. Ele assinala que **“há necessidade de uma organização particular, estreitamente ligada à orientação ideológica da mercadoria vendida”** (GRAMSCI, 1978, p. 164).

Pensar aspectos relativos ao jornalismo significa, pelo menos hoje, em grande parte, pensar as acelerações decorrentes de um poder resultante do controle sobre o vetor velocidade. Diz Virilio:

**“Quaisquer que sejam suas performances motoras, os novos veículos são hoje ultrapassados pela videoperformance da transmissão de imagens, a representação instantânea de dados (câmara ultra-rápida capaz de apreender um milhão de imagens por segundo, equipamento de teledecação, câmaras de alta definição decimétrica dos satélites espíões, termografia infravermelha, imagens de radar...”**  
(1993, p. 24)

O jornalismo sempre foi fonte para pesquisas das mais variadas naturezas, tendo em vista se constituir no registro das singularidades do cotidiano. Sua importância também reside no fato de que o leitor comum, o leitor médio de um determinado universo de compradores não tem, necessariamente, hábitos científicos

permanentes, qualificação que só se adquire por uma longa atividade de treinamento, cabendo ao jornalismo traduzir um determinado universo para um outro universo, ou seja para o universo de seus leitores.

O jornal Gazeta Mercantil criou sua página dedicada às questões ambientais no segundo semestre de 1988. A idéia surgiu como decorrência de um problema que, em torno deste período, começou a se tornar cada vez mais grave: um número crescente de empresas sendo acionadas judicialmente por desrespeito à legislação ambiental. Estas matérias passaram a ocupar a maior parte do espaço dedicado aos assuntos da área de legislação. A partir disto, o jornal criou uma página diária, toda ela voltada para os assuntos da área de meio ambiente. De início, o espaço não foi bem recebido pelos empresários que o viam com uma certa desconfiança, sendo freqüente a recusa de receber repórteres do jornal. Este quadro foi gradativamente sendo alterado com o passar do tempo. A Gazeta Mercantil traduz para o seu universo de leitores (empresariado, executivos e dirigentes intermediários), com o material sobre meio ambiente, um universo que possui especificidades para o universo das atividades empresariais, em níveis diversos de importância e de significação.

Em meados de 1973, a Gazeta Mercantil era um jornal de anúncios de títulos protestados, com um público de leitores basicamente de comerciantes, com suas páginas ocupadas por extensas listas de concordatas e falências. Foi no segundo semestre de 1973, que o deputado Herbert Levy, proprietário da empresa, resolveu investir na idéia da edição de um grande jornal voltado para os assuntos que interessavam aos setores empresariais.

Todo veículo de comunicação possui seus critérios de avaliação da eficiência (ou não) de suas mensagens. A pesquisa acadêmica, é claro, produz um outro tipo de conhecimento. Para um melhor entendimento do que seja o jornal Gazeta Mercantil é preciso considerar a existência de um sistema integrado. Uma estação multimídia. O jornal diário é impresso, simultaneamente, em seis capitais. Como parte deste sistema temos a revista **Balanço Anual**, que se constitui no mais completo anuário econômico brasileiro, tendo em vista a massa de informações, assim como a qualidade e a precisão dos dados selecionados. Outro produto do sistema é a **International Weekly Edition**, uma **newsletter** semanal, em inglês, com textos que sintetizam as informações importantes para os executivos. Esta **newsletter** é distribuída no Brasil, Estados Unidos, Canadá, Europa e Oriente Médio.

O grupo Gazeta promove ainda Seminários no Brasil e no Exterior para discussão e atualização de questões relacionadas com a economia nacional e internacional. Outra atividade, igualmente importante dentro do complexo multimídia, é a do Centro de Documentação e Pesquisa, um verdadeiro Banco de Dados que, na área de economia, reúne 250 mil assuntos catalogados, além de dados relativos ao desempenho de aproximadamente 25 mil empresas. Esta visão de construção de um complexo multimídia-multimeios tem feito da Gazeta Mercantil um dos mais importantes veículos de comunicação desde os anos 70, sendo seu universo de leitores cada vez maior no meio empresarial.

A página de meio ambiente, criada a partir do segundo semestre de 1988, sem dúvida nenhuma, se constituiu num importante marco pois, pela primeira vez, um veículo da grande imprensa, voltado para o segmento empresarial, passou a abordar os problemas ambientais assumindo, portanto, uma posição inovadora.

Em grande parte, decorrente dos processos que determinam uma aceleração no circuito informativo, o jornal Gazeta Mercantil, no ano de 1995, adotou uma gestão empresarial cujo slogan é **Ano I da Nova Era**. Pela primeira vez no país, uma empresa da área de comunicação negociou suas ações num pregão da Bolsa de Valores de São Paulo. Esta foi a fórmula encontrada para superar

a crise enfrentada pelo jornal no ano de 1994. Para sensibilizar os investidores o jornal contratou a **Ernst Young**, empresa multinacional de auditoria com credibilidade em todo o mundo, na área de consultoria, para uma avaliação do patrimônio. A empresa analisou o comportamento da Gazeta nos últimos oito anos e projetou seu desempenho possível até o ano 2002, utilizando como pano de fundo alguns cenários macroeconômicos. A conclusão foi que a empresa, em pleno funcionamento, teria o valor de 136 milhões de dólares. Este número foi suficiente para mobilizar os investidores. Sua abertura de capital está limitada a 30% das ações preferenciais, e estas terão um dividendo mínimo de 6% ano ano.

Ao completar 75 anos de existência, no ano de 1995, mantendo as características básicas de sua linha editorial, passou por uma série de reformulações gráficas. Muitas sessões do jornal desapareceram em termos de áreas fixas dentro da estrutura da edição diária, embora a cobertura e publicação das matérias continuem inalteradas. Como todo veículo da mídia impressa, a Gazeta Mercantil, no **Ano I da Nova Era**, buscou acompanhar os processos impostos, na área da comunicação, com a revolução teletecnológica dessa última década do século. A empresa criou uma série de novos produtos. A Gazeta Mercantil Informações Eletrônicas veicula notícias através de computador com o serviço **InvestNews**,

único serviço interativo de informações eletrônicas *on-line* sobre economia, além de um *CD-Rom* Multimídia da revista *Balanço Anual*, com dados e análise do desempenho das empresas instaladas no país. Outro projeto é a edição semanal da Gazeta na Argentina, voltada para o Mercosul.

## 2.6 Breve histórico do ambientalismo

*Assim, o príncipe, antigo pastor de animais, deverá tornar-se piloto ou cibernético, físico, em todos os sentidos.*

*Michel Serres*

Esta é a imagem percebida pela filósofo francês quando olha para a própria história do homem. Impregnados por essa verdadeira trama é que procuramos localizar os espaços teóricos no campo do ambientalismo. A epígrafe do capítulo é, sem dúvida, uma outra idéia sobre a evolução humana. E que envolve uma visão sistêmica. Uma trama de relações de sistemas.

A Suméria, considerada a primeira grande civilização, apareceu há uns cinco mil anos, na Mesopotâmia, nas planícies dos cursos inferiores dos rios Tigre e do Eufrates. Foi aí que começou a crônica escrita da humanidade. Num primeiro momento, em tabuletas de argila, depois em papiro, pergaminho, pano e papel. E agora, em

disquetes. Aos sumérios e aos inventores do alfabeto devemos todos os registros.

Diante da necessidade de reconstituição de uma trajetória histórica de um determinado movimento, encontramos algumas dificuldades. A principal delas é a de por onde começar. A concepção de começo nunca é coincidente. Com a pré-história do ambientalismo não é diferente. Para operarmos a proposta de dissertação foi preciso ter como referencial teórico, antes de mais nada, importantes aspectos históricos.

Não é incomum nos depararmos com a afirmativa de que o movimento ambientalista não teve um começo muito preciso. Em diferentes épocas, por razões diversas, em lugares diferentes do planeta, poderíamos verificar preocupações com as questões ambientais.

A natureza não fez nada em vão, dizia Aristóteles, e tudo teve um propósito. O próprio homem foi visto de diferentes maneiras como parte integrante da natureza. Também para Aristóteles foi descrito como animal político; animal que fabrica utensílios por Benjamin Franklin; para Edmundo Burke, o homem foi visto como um animal religioso. No século XVII, os principais pensadores defendiam a tese de que os animais possuíam uma razão, mas de qualidade inferior. John Locke, por exemplo, defendia a posição de que os

animais possuíam memória, sensibilidade e imaginação, mas não tinham a capacidade de raciocínios abstratos. Para David Hume, a denominada *razão humana* e o *instinto animal* eram graus diferenciados de uma mesma qualidade. Em 1677, o escritor inglês de temas rurais John Worlidge registrava ***“uma espécie de percepção nas plantas, aproximando-se elas de quem as nutriu e preservou, e fugindo ou evitando aquele que as feriu”*** (THOMAS,1989,p.214)<sup>11</sup>.

Em 12 de maio de 1862, o *Time* noticiou que extensões inteiras de terra no interior, antes tão férteis quanto os campos de Devonshire, foram varridas por pragas mortais até ficarem tão áridas quanto as areias do Mar Morto (McCORMICK,1992).

Seria possível também falarmos numa pré-história do movimento ambientalista recuperando o papel desempenhado pela engenharia florestal alemã do século XIX<sup>12</sup>.

Engels<sup>13</sup>, falando sobre os cavalos e cães dizia:

---

<sup>11</sup> Keith THOMAS, com o seu livro *O Homem e o Mundo Natural*, merece bem mais do que simplesmente constar na lista bibliográfica. O livro remonta importantes aspectos das relações dos homens com os animais. THOMAS é professor na Universidade de Oxford e tem vários outros trabalhos no campo da história.

<sup>12</sup> Sobre a relação do homem com as plantas é básico ressaltar a importância do livro *Imperialismo Ecológico*, de Alfred W.CROSBY, professor de Estudos Americanos na Universidade do Texas, em Austin. É um estudioso, de modo geral, da história biológica.

<sup>13</sup> Em 1876, Engels escreveu *O Papel Desempenhado pelo Trabalho na Transição do Macaco em Homem* e que, segundo estudiosos, era uma formulação idêntica a do biólogo e naturalista Haeckel, do ano de 1874. Seu trabalho foi publicado postumamente, em 1886; mas segundo os mesmos estudiosos, sua importância estava nas conclusões: Engels, preocupado com suas teorias do materialismo dialético, rebate as acertivas do *a priori* da primazia cerebral da ciência oficial. Ele era altamente interessado nas ciências naturais, tendo escrito o *Anti-Dühring*, além de outros textos do que ele denominava de dialética da natureza.



**“...qualquer pessoa que tenha convivido com esses animais dificilmente poderá deixar de acreditar que há inúmeros casos em que eles sentem sua incapacidade de falar como um defeito, embora infelizmente irremediável, devido ao fato de que as cordas vocais serem demasiado especilizadas em uma direção definida”**  
(ENGELS apud THOMAS:1989,p.116).

Abandonando essa ampla rede de possibilidades e considerando a existência de muitos pressupostos, propomos um corte. Tomamos como ponto de partida, para efeito de reconstrução de uma breve história do ambientalismo, a década de 60/70 quando, de fato, pela explosão dos processos comunicativos, tais preocupações passaram a ocupar um destaque maior. Tendência que já apontava na direção dos atuais processos de globalização.

A partir desse corte, é possível situarmos episódios e acontecimentos decisivos para uma brevíssima história do ambientalismo. Em 1962, as livrarias americanas colocaram à disposição do público o livro ***Silent Spring***, de Rachel Carson, que tinha um tema não muito atraente: pesticidas e inseticidas sintéticos. Em pouco tempo foram adquiridos meio milhão de exemplares, tendo ficado na lista dos mais vendidos do ***New York Times*** por 31 semanas (McCORNICK,1992).

Sem dúvida esse é um ponto de referência. Em 1973, o livro foi traduzido em 15 países. Quase que de imediato foi atacado

pelo Departamento de Agricultura dos Estados Unidos. Segundo alguns, numa visão retrospectiva, o livro teve o mérito de jogar, no plano da esfera pública, uma questão antes colocada apenas nos meios acadêmicos e científicos em geral.

Em abril de 1970, os norte-americanos realizaram uma grande concentração, em torno de 300 mil pessoas, ainda considerada uma das maiores manifestações ambientalistas no denominado Dia da Terra. Toda a imprensa norte-americana registrou o fato destacando a importância decisiva do acontecimento. Para alguns historiadores, aqui se situa um ponto de ruptura com o nascimento do que ficou conhecido por um longo período de o novo ambientalismo. Já estavam em andamento os preparativos para a Conferência das Nações Unidas para discutir os problemas ambientais, que se realizaria em Estocolmo, com representantes de 113 países.

A primeira grande questão ambiental, de amplitude planetária se colocou, imediatamente, no pós-guerra. Começa aí a era atômica. Na reconstituição ampliada da história do ambientalismo, a questão atômica poderia ser examinada num capítulo à parte, tendo em vista sua importância. Os testes nucleares desencadearam uma reação mundial. Nesse mesmo período começamos a ter informações sobre vários desastres ambientais, de

diferentes intensidades. Mais recentemente, a questão nuclear se colocou, uma outra vez, com o acidente de Chernobyl. A isso se conjugou um avanço significativo, por parte dos grupos ambientalistas, em termos de informações científicas. E, em contrapartida, houve uma conjugação com outros movimentos sociais. Em meados de 1968/1972, estivemos bem perto do apocalipse. As lideranças ambientalistas desse período criaram um clima de tensão e de alarme. Tiveram um papel importante em termos de mobilização dos mais diversos segmentos sociais, em torno das questões referentes ao meio ambiente. Três aspectos dominaram a cena: poluição, crescimento populacional e tecnologia.

Aqui é importante destacar duas polêmicas. A primeira delas sobre as áreas comuns, como os oceanos. O debate sobre a degradação dessas áreas criou algumas condições para a melhoria da administração desses espaços. A outra polêmica importante foi a referente ao crescimento populacional.

Em setembro de 1968, ocorreu, em Paris, a Conferência da Biosfera. Mas o marco é, sem dúvida nenhuma, a Conferência das Nações Unidas sobre o meio ambiente, de Estocolmo, em junho de 1972. Representantes de 113 países, 19 organismos intergovernamentais e cerca de 400 Organizações Não-Governamentais (ONGs) estiveram presentes ao encontro. A

Conferência de Estocolmo produziu uma Declaração e um Plano de Ação. São documentos referenciais e balizadores, em termos históricos. A partir daí, foram realizadas as conferências temáticas: 1974, sobre população; habitat, em 1976; desertificação, em 1977; e questões energéticas, em 1981.

Para muitos ambientalistas, a Conferência da Biosfera de Paris, em 1968, teve tanta ou maior importância que o encontro de Estocolmo, realizado em 1972. Esta última, sem dúvida nenhuma, de maior repercussão em termos de espaço na mídia da época. A Conferência Intergovernamental de Especialistas Racionais dos Recursos da Biosfera foi realizada em Paris, sob o patrocínio da UNESCO, de primeiro a treze de setembro de 1968. Esta Conferência estabeleceu uma plataforma de 20 recomendações, sendo as primeiras baseadas na absoluta necessidade de avançar nas pesquisas sobre diversos ecossistemas.

Grande parte dos temas abordados e das indicações de Estocolmo se constituíram em reafirmações dos debates da Conferência da Biosfera. Uma única e importante diferença. Enquanto em Paris foram privilegiados os aspectos científicos, em Estocolmo foram examinados temas políticos, sociais e econômicos. Entre os documentos produzidos pela Conferência de Estocolmo

temos uma lista de Princípios e um Plano de Ação. Mas, basicamente, cinco aspectos foram destacados.

O primeiro deles é o de que os recursos naturais deveriam ser resguardados e conservados, e que os recursos renováveis deveriam ser compartilhados. A seguir: o desenvolvimento e a preocupação ambiental deveriam estar integrados, cabendo aos países em desenvolvimento administrarem mais racionalmente seus recursos. Em terceiro lugar: cada país deveria estabelecer seus próprios padrões ambientais, mas não colocando em risco outros países. Outro ponto importante, é que a poluição nunca deveria se tornar superior à capacidade de recuperação do meio ambiente. E por último: ciência, tecnologia, educação e pesquisa deveriam se voltar para a proteção ambiental.

Até hoje, a Conferência de Estocolmo é considerada como um momento decisivo para a evolução do pensamento ambientalista. O encontro foi uma confirmação da tendência de valorização de todos os aspectos relacionados com o meio ambiente humano. Mas a principal alteração ocorreu em função de uma mudança de enfoque. De uma atitude popular e panfletária, ainda própria dos movimentos dos países desenvolvidos, o ambientalismo passou para uma etapa de procura de alternativas reais.

De 1972 até a realização da ECO 92, no Rio de Janeiro, o ambientalismo esteve integrado, e, de alguma forma, sujeito (como todos os movimentos) ao acelerado processo de mudanças desses últimos vinte anos. Mais uma vez se coloca aqui o vetor velocidade. A ECO 92 refletiu a fragmentação e algumas perplexidades que a sociedade humana vive quando da aproximação do final desse século. Contudo, a Conferência do Rio também se constituiu num importante marco que, certamente, iremos ter uma noção mais precisa no futuro, com um certo distanciamento dado pelo olhar histórico e retrospectivo. Nossa pesquisa se desenvolveu pelo período imediato de um ano após a ECO 92.

É importante assinalarmos o fato de que nos países europeus e católicos, pelo menos a maioria deles como a França, nos quais existe uma forte tradição cartesiana, o debate sobre as questões ecológicas não chegou a envolver grandes teóricos, bem ao contrário do que ocorreu nos países anglo-saxões ou de tradição germânica. Mas onde os problemas ecológicos resultaram em debates mais normativos, três correntes básicas se estruturaram.

A primeira delas, sem dúvida a mais ingênua, mas também a menos dogmática e menos ideológica, considera que através da defesa da natureza estaríamos, em verdade, defendendo o homem. O meio ambiente:

**"...não está dotado, neste caso, de um valor intrínseco. Simplesmente, a consciência despertou para o fato de que, se continuarmos destruindo o meio que o cerca, o homem corre o risco de colocar sua própria existência em perigo..."**  
(FERRY, 1994, p.22).

Esta seria uma posição que poderíamos denominar de humanista, num certo sentido antropocentrista. Uma segunda posição, é aquela que atribui significado moral a seres não-humanos. A idéia básica é a de que é preciso diminuir o máximo a soma de sofrimentos no mundo, assim como aumentar o bem-estar. Esta é uma posição muito presente no mundo anglo-saxão. É uma posição contrária ao antropocentrismo **"...visto que os animais estão doravante incluídos, em pé de igualdade com os homens, na esfera das preocupações morais "** (FERRY, 1994, p.23).

E uma terceira, é aquela que reivindica um direito das árvores, ou seja, da natureza como tal, incluindo as formas de vida animal e vegetal. Para muitas pessoas, essa é a ideologia dominante, pelo menos na Alemanha e nos EUA.

A história de um período, em verdade, é um relatório dessa fração baseado numa amostra selecionada de datas e fatos retirados de um conjunto de informações, o qual, é sempre seguro supor-se, está incompleto.

O critério de seleção é, necessária e inevitavelmente, subjetivo. Assim, não podemos falar da história de um período. Um historiador pode estar seguramente errado, mas nunca pode ter a certeza de estar certo (ABRAHAM,1995).



### 3. UNIDADES TEMÁTICAS

***A cada minuto, o homem contemporâneo tem uma imagem do mundo e de sua sociedade como parte dele. Ele reage em função dessa imagem. Ele não pára de transformá-la ou de confirmá-la.***

*Jean-François Revel*

A escolha das unidades temáticas se constituiu a partir do cruzamento dos indicativos recolhidos na literatura sobre ambientalismo e do material editado pelo jornal. A decisão por um determinado conjunto de temas também foi resultante da escolha de quatro índices por unidade. Muitas vezes, uma determinada informação poderia ter sido jogada em mais de uma unidade. Optamos sempre por um determinado registro, após considerarmos um conjunto de fatores: cartola, título, lead, linhas de apoio e legendas. Destacamos, de todo o material examinado, os textos de abertura de páginas.

A esse universo aplicamos a mesma grade das unidades temáticas e a mesma escala de favorabilidade. Os textos de abertura de páginas, em princípio, são os destaques do editor.

O objeto de pesquisa foi constituído pelas 235 edições da Gazeta Mercantil, no ano de 1993, cerca de 6 mil textos, 40.773 centímetros de matérias, através de onze unidades temáticas,

integradas cada uma delas por quatro índices, perfazendo um total de 44 unidades de registro. A pesquisa poderia ter sido realizada apenas por sistema de uma amostragem.

Em cada unidade temática, além dos números obtidos em termos de centimetragem e de favorabilidade, jogamos com as informações mais destacadas do universo correspondente, assim como também com alguns referenciais mais expressivos e que justificaram a própria escolha da respectiva unidade. (Figura 1)

UNIDADES TEMATICAS		INDICES			
COD	UNIDADES	1	2	3	4
1	Urbanismo	Planejamento	Crescimento	Qualidade de vida	Outras
2	Recursos Hídricos	Abastecimento	Poluição	Recuperação	Outras
3	Reciclagem	Domiciliar	Industrial	Novas Tecnologias	Outras
4	Carnada de Ozônio	Proteção/Novas Tecn	Legislação	Ciência	Outras
5	Ocorrências	Naturais	Provocadas	Ação ambientalista	Outras
6	Oceanos	Nacional	Intremacional	Recursos	Outras
7	Matrizes Energéticas	Racionalização	Alternativas	Previsões	Outras
8	Desenvolvimento	Sustentabilidade	Agências	Ação empresarial	Outras
9	Política Ambiental	Flora	Fauna	Solo	Outras
10	Nuclear	Segurança/acidentes	Utilização	Programa nacional	Outras
11	Legislação	Nacional	Internacional	Disputas/ações	Outras

FIGURA 1 -GRADE DE LEITURA

Após a realização da denominada *leitura flutuante* e de vários ensaios chegamos a esta grade de *leitura* do material de pesquisa. Trabalhamos com 44 unidades de registro, o que permitiu uma ampla abrangência.

Os índices de cada unidade temática foram construídos seguindo os mesmos critérios, ou seja, o cruzamento de temas

literatura ambientalista e temas indicados pela denominada **leitura flutuante** (primeiro contato com o material pesquisado). A construção desses índices também obedeceu a um objetivo de maior amplitude, ou seja, que o menor número possível de matérias escapasse a uma **leitura**.

Na unidade temática **urbanismo**, por exemplo, outros índices poderiam ter sido construídos. Os mais abrangentes, pelas primeiras leituras do material e que coincidiam com o referencial utilizado, na própria escolha da unidade, foram **planejamento, crescimento e qualidade de vida**. Estes temas constam em qualquer agenda de debates sobre urbanismo.

Em **recursos hídricos** a idéia foi a mesma. Construimos os índices que abarcavam o maior número possível de matérias que, por sua vez, se constituíram numa resultante do cruzamento dos temas da literatura ambientalista e opções editoriais do jornal. Os índices **abastecimento, poluição e recuperação** se mostraram eficazes para o registro da temática.

Na unidade **reciclagem**, após as primeiras leituras, os temas mais freqüentes foram os referentes aos processos envolvendo a reciclagem de materiais **domésticos, industriais** e a procura por **novas tecnologias**. Estes temas estiveram presentes em toda a literatura que tratava das questões relativas a reciclagem.

As matérias referentes à camada de ozônio, presentes tanto na literatura ambientalista como nas páginas do jornal, justificaram a construção dessa unidade temática. A fixação dos índices se deu através de diversas tentativas, pois eram muitas as variantes. Escolhemos os índices **proteção/novas tecnologias, legislação e ciências**. A leitura se constituiu na verificação do avanço (ou não) da procura de novas tecnologias que aumentem e preservem a proteção da camada de ozônio, bem como a melhoria da legislação. Por último, registrar o que os cientistas estão dizendo sobre a questão.

A unidade temática **ocorrências** foi construída com o objetivo de mostrar uma série de informações veiculadas pela página de meio ambiente e que ficavam de fora das demais classificações. Jogamos no índice **naturais** todos os registros de fenômenos naturais: terremotos, furacões, enchentes, etc. No índice **provocadas**, as ocorrências registradas pela ação e interferência direta dos homens. E por último, **ações ambientalistas** para assinalar as atividades das entidades e organismos envolvidos nos processos e nas práticas de proteção ambiental.

Na unidade temática **oceanos** optamos pelos índices **nacional, internacional e recursos** com o objetivo de registrarmos os diversos casos de poluição dos mares por derramamento de óleo

de navios petroleiros, estabelecendo uma distinção entre as ocorrências nacionais e as internacionais. E o índice **recursos** para assinalarmos as matérias que tratavam de temas relacionados com a exploração de recursos dos oceanos. Estes índices escolhidos foram os mais abrangentes e possibilitaram o exame do maior número de matérias.

Como índices da unidade temática **matrizes energéticas** temos **racionalização, alternativas e previsões**. Estes foram construídos por indicativos dos referenciais ambientalistas. Esta unidade temática teve pouca importância pelo fato do jornal possuir uma editoria à parte para o tema energia.

Os índices **sustentabilidade, agências e ação empresarial** construídos para a unidade temática **desenvolvimento** resultaram, igualmente, do cruzamento dos temas da literatura ambientalista e da própria leitura do material pesquisado. A idéia de desenvolvimento esteve sempre presente, bem como as noções de sustentabilidade, a intervenção de agências (bancos, organismos internacionais, etc) e a própria ação empresarial. Tanto a unidade temática como os índices se constituíram num importante e abrangente instrumento de registro das matérias publicadas.

Com os índices **flora, fauna e solo** organizamos a unidade temática **políticas ambientais**, cujo objetivo foi o estudo das ações

dos mais diversos tipos, em relação à proteção do meio ambiente. No índice *solo*, só ao final verificamos que sua pequena presença se deveu ao fato de tais matérias serem editadas nas páginas dedicadas ao setor agropecuário.

Os índices *segurança/acidentes, utilização e programa nacional* foram suficientemente abrangentes para a leitura de todo o material que tratava da questão *nuclear*. Estes foram escolhidos mais em função dos primeiros contatos com o material pesquisado do que propriamente de um referencial ambientalista de maior amplitude.

E por último, a unidade temática *legislação* com os índices *nacional, internacional e disputas/ações*. Estes índices tiveram por objetivo verificar a proporção e a importância dada pela editoria para as questões relativas ao tema, bem como o registro de conflitos no plano jurídico.

Tanto as unidades temáticas como seus respectivos índices resultaram do cruzamento de temas abordados pela literatura ambientalista, a qual foi utilizada como um dos elementos do referencial teórico, sempre com o objetivo de estabelecer uma grade de leitura o mais abrangente possível.

Para tanto, em cada unidade temática, utilizamos sempre um quarto índice para marcar o que não era possível enquadrar nos índices anteriores, devido a especificidade dos temas.

A todas as 44 unidades de informação, resultantes da construção de 11 unidades temáticas, cada uma integrada por 4 índices, foi aplicada uma escala de favorabilidade. Estabelecemos uma escala, atribuindo 10 pontos para muito desfavorável, 20 pontos para desfavorável, 30 pontos para neutralidade, 40 pontos para favorável e 50 pontos para muito favorável.

Esta escala teve como noção básica a própria perspectiva de tratamento dado pelo jornal a cada matéria. Ao final, se confirmou uma rigorosa coerência (ideológica) entre espaço dado a cada tema e à pontuação em termos de favorabilidade. Num dos extremos, verificamos que os assuntos de maior espaço editorial tiveram um tratamento mais favorável, e no outro extremo, os de menor espaço, um tratamento mais desfavorável. As pequenas discrepâncias entre centimetragem e tratamento ficaram dentro de uma margem indicativa dessa coerência. O jornal Gazeta Mercantil, em sua página de meio ambiente, não abriu espaço para matérias desfavoráveis a sua concepção editorial de tradução desse universo (questões ambientais) para o universo empresarial.

O insignificante diferencial entre centimetragem e grau de favorabilidade, indicativo da coerência editorial e ideológica, no tratamento do material publicado pelo jornal, não diminuiu a importância da utilização desse recurso de *leitura*, proposto pela grade construída. Ao contrário, é indicativo do elevado grau de importância atribuído às questões ambientais por parte do periódico examinado, além da absoluta necessidade de respeitabilidade e de legitimação junto ao seu universo de leitores (basicamente integrado por empresariado). Quando não foi possível precisarmos o grau de tratamento dado a uma informação, atribuímos uma pontuação neutra. Isto foi o que ocorreu na unidade temática *ocorrências*, em especial no índice *naturais*.

Todos os dados utilizados em cada uma das unidades temáticas foram diretamente retirados das matérias examinadas, quando do processo de aplicação da grade de leitura. Indicamos no texto o autor de cada matéria; mas, quando não constava a autoria, indicamos o título da mesma. As respectivas datas de publicação das matérias, cujos dados recorreremos para exemplificação, bem como outros indicativos constam na bibliografia de acordo com as normas. Não incluímos diretamente no texto a data de cada matéria citada para evitar o alinhamento das informações no formato de um simples relatório.



### 3.1 Políticas ambientais

**...em parte alguma encontramos a natureza na sua totalidade como nas suas menores criaturas.**

Stephen Jay Gould <sup>14</sup>.

A unidade é pensada a partir da idéia de biodiversidade. Willian Beebe, importante explorador e naturalista, falando sobre a abóbada das florestas, afirmava em 1917: **“Há mais um continente de vida ainda por ser descoberto, não sobre a Terra, mas sessenta metros acima dela”** (BEEBE apud WILSON:1994,p.53).

Poucos habitats no mundo com cerca de um quilômetro quadrado contêm menos de mil espécies de plantas e animais. Uma floresta pluvial, única no mundo, estendia-se num passado não muito distante de Recife a Florianópolis, passando pelo Rio de Janeiro. E da qual o naturalista Darwin a bordo do Beagle -<sup>15</sup> escreveu certa vez: **“...cipós entrelaçando cipós-tranças como de cabelo, lindas lipedopteras...”** (DARWIN apud WILSON:1994,p.286). Isso foi em 1832,

<sup>14</sup> Stephen Jay GOULD ensina biologia, geologia e história da ciência na Universidade de Havard. É autor de *Ontogeny and Phyloney, Ever Since Darwin (Darwin e o mistério do Homem)*, além do de *O Polegar do Panda*. Utilizamos no presente texto, o livro *Vida Maravilhosa*, editado pela Companhia das Letras.

<sup>15</sup> DARWIN desenvolveu sua teoria da evolução, em 1838, e publicou suas idéias 21 anos depois. Ele próprio relatava que sua teoria tinha nascido de um insight enquanto lia, por absoluto acaso, o livro *Essay on Population*, de Malthus. As biografias científicas convencionais passam muitas informações enganosas sobre a vida dos grandes pensadores. DARWIN acreditava que não tinha concluído ainda seu trabalho de pesquisa. Pretendia reunir uma soma imbatível de dados. É importante assinalarmos que ele, assim como Lamarck e Haeckel, os maiores evolucionistas do século XIX, da Inglaterra, França e Alemanha, respectivamente, nunca chegaram a usar a palavra *evolução*. DARWIN usava *descendência com modificação*; Lamarck usava a expressão *transformismo*; e Haeckel, *teoria das transmutações*.

quando colocou os pés na América do Sul e fez suas primeiras anotações.

Em cinco anos (1985/90), dez estados perderam cerca de 536.480 hectares de Mata Atlântica, aproximadamente 6% do que restava. O levantamento é do Atlas da Evolução dos Remanescentes Florestais, projeto desenvolvido pela Fundação SOS Mata Atlântica e pelo Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (SERRA, 1993).

Em centimetragem, esta unidade alcançou o primeiro lugar com 8.151cm. Isto representou cerca de 19,99% do total de todo o material examinado em 235 edições. Dos 8.151cm cerca de 2.512 foram para matérias de abertura, o que colocou a unidade temática ***política ambiental*** em segundo lugar, com 15,78% de todo o material classificado como abertura de página.

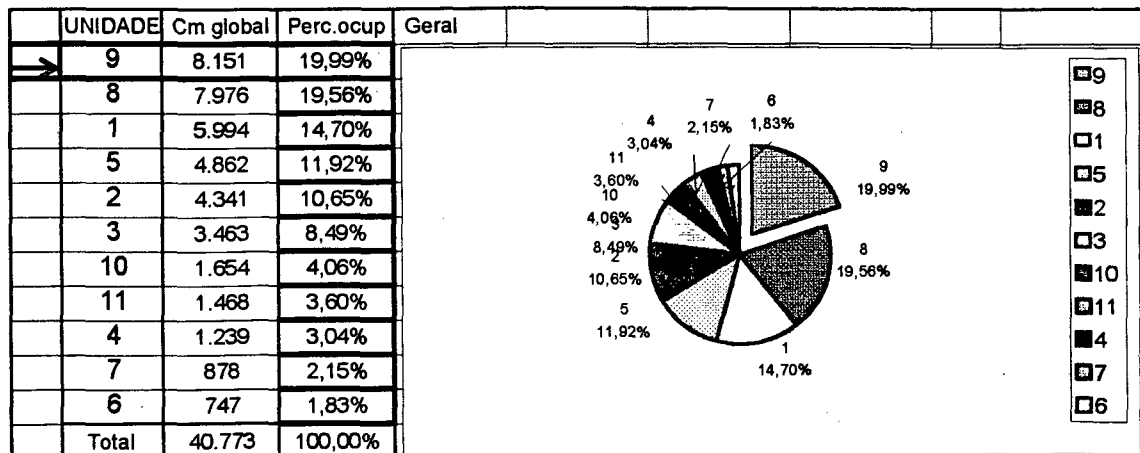


FIGURA 2 - Centimetragem por unidade temática

A unidade *política ambiental* obteve a maior centimetragem, com destaque para o índice *flora*, onde foram registradas as matérias, em grande número, referentes às florestas, em especial sobre a mata Atlântica.

A unidade *política ambiental* foi concebida com o sentido de registrar o material que contivesse informações referentes às florestas, aos animais e ao solo. Construimos os índices *flora*, *fauna*, *solo* e *outras*. Aplicamos alguns dos critérios já descritos. Na escolha dessa unidade consideramos a cartola, o título e o lead de cada matéria. Muitas vezes, uma matéria poderia ser considerada sob o signo de mais de uma unidade. Optamos pela conjugação dos três aspectos apontados. A ênfase dada a um ou outro aspecto é que possibilitou a decisão por uma determinada unidade temática.

Uma grande parte do material foi classificada no índice *flora* que obteve 2.867cm, enquanto que *fauna* ficou com 873cm e solo 222cm. Foram examinadas 1.953 matérias, sendo 630 do índice

**flora**, seguido 171 matérias sobre **fauna**, 54 referente a **solo**. Cerca de 1.098 matérias foram classificadas no índice **outras**, por serem consideradas pertencentes à unidade temática, mas não nos índices escolhidos.

9

Soma de Cm	Índices				
Unidade	Flora	Fauna	Solo	Outras	Total
1	1.142	1.367	3.070	415	5.994
2	1.433	741	1.638	529	4.341
3	904	2.119	94	346	3.463
4	673	193	249	124	1.239
5	2.166	2.381	271	44	4.862
6	204	255	246	42	747
7	69	421	212	176	878
8	1.899	1.666	3.955	456	7.976
9	2.867	873	222	4.189	8.151
10	1.093	0	458	103	1.654
11	624	488	301	55	1.468
Total					40.773

FIGURA 3 - Unidade **política ambiental**

Na escala de favorabilidade a unidade ficou com o valor absoluto de 7.200, o que significa 30,64 pontos na classificação. As matérias desse conjunto foram as que receberam o melhor tratamento. Ficaram em primeiro lugar. Este resultado foi obtido pelo valor absoluto de pontos dividido pelo número de edições.

Na unidade **política ambiental** foi possível percebermos a operacionalidade dos dois conceitos da plataforma teórica: desenvolvimento sustentável e ambientalismo multissetorial. De um lado, temos um conjunto de ações com uma nítida preocupação com

a sustentabilidade, de outro lado, uma verdadeira rede envolvendo diversas instâncias de decisão.

O índice *flora* obteve a maior centimetragem, cerca de 2.867cm, seguido de *fauna* com 873 e de *solo* com 222cm. Essa alta centimetragem do primeiro índice se deve, fundamentalmente, ao fato de que as questões envolvendo as florestas chamam mais a atenção. Até por que, aqui se nota uma ação empresarial mais atuante, envolvendo exportações legais e ilegais de madeira, com ações de desmatamento dentro ou não das normas estabelecidas. Existe toda uma pressão internacional em torno da preservação das florestas nativas, tanto por parte de movimentos internacionais de entidades ambientalistas como também dos importadores de madeira que, por sua vez, são pressionados pelos consumidores de seus respectivos países.

Uma das entidades ambientalistas internacionais mais conservadoras, a *The Nature Conservancy* ainda coordena uma campanha internacional para levantar fundos destinados à compra de áreas da Mata Atlântica, na região de Guaraqueçaba, no Paraná. A entidade defende a idéia de comprar terras para projetos de preservação (CARVALHO, 1993).

A baixa centimetragem do índice *solo* não foi indicativo de uma despreocupação com a degradação dos solos. Estas matérias

foram deslocadas para outras editorias, em especial para a destinada ao material de agropecuária. A página de meio ambiente abriu espaço, por exemplo, para a Convenção Internacional de Combate à Desertificação realizada em Genebra, na Suíça, com a participação de representantes de 100 países (ACORDO para controlar...1993).

São muitas e variadas as pressões pela preservação das florestas que ainda restam em todo o planeta. Existe um *olhar* internacional sobre as nossas florestas. Cada vez mais, descobrimos a absoluta e vital necessidade de preservação da biodiversidade. A Mata Atlântica cobria originalmente cerca de um milhão de quilômetros quadrados. A costa sul do país é uma das mais desenvolvidas agricolamente, a mais povoada e a mais desmatada. As florestas desse complexo de biodiversidades foram reduzidas a menos de 5% da cobertura original. As atividades ambientalista são diversificadas nessa questão. O que se percebe é uma forte atuação de organismos nacionais e internacionais, bem como de agentes do poder público.

Esse *olhar* sobre as florestas provoca muitas divergências no plano do comércio internacional. Exportadores brasileiros de madeira desenvolveram uma série de manifestações contra o que eles consideram *barreiras comerciais* da Comunidade Econômica

Européia, enquanto que estes países falam na adoção de um selo verde (FAGÁ,1993).

Com o objetivo de fixar normas internacionais aceitas por todos, o **Fores Stewardship Council**, comitê integrado por ambientalistas, madeireiros, fabricantes de papel e representantes de diversas indústrias ligadas à exploração de florestas, realizou durante o ano de 1993, em Toronto (Canadá), vários encontros que buscavam um acordo para a criação de um selo verde (FAGÁ,1993).

A problemática do desmatamento ocupa uma boa parte das discussões no campo do ambientalismo, o que se refletiu na pesquisa realizada. O desmatamento excessivo deverá se agravar nas próximas décadas, segundo a Academia Internacional de Meio Ambiente, com sede em Genebra, na Suíça (DESENVOLVIMENTO excessivo na...1993).

A Fundação Mata Virgem tem solicitado a suspensão imediata das exportações de madeira, principalmente de mogno, por ser esta última uma espécie em extinção (GRUPO ambientalista quer ...1993).

Percebe-se uma grande preocupação internacional com a implantação de políticas de preservação das florestas ou de implantação de projetos auto-sustentáveis. O Fundo para o Meio Ambiente Global, organismo vinculado ao Banco Mundial, liberou, no

ano de 1993, recursos na ordem de quatro bilhões de dólares para projetos de proteção ambiental, priorizando países como o Brasil, China e Índia, considerados estratégicos para a idéia de desenvolvimento com sustentabilidade (TACHINARDI,1993).

No entanto, para a direção do Centro Nosso Futuro Comum, uma das maiores ONGs do mundo, com sede em Genebra, responsável pelo Fórum Global na ECO 92, continua existindo uma enorme distância entre os discursos governamentais e o efetivo cumprimento da Agenda 21, lista de princípios adotada pelos países de comum acordo (ADEODATO,1993).

A atividade biológica que fornece as parcelas mais importante dos nossos alimentos e matérias-primas ocorre na terça parte da superfície terrestre que não está coberta de água, cerca de 13 bilhões de ha. Segundo a Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura, através de um levantamento realizado em 1986, cerca de 11% dessa terra, em torno de 1,5 bilhões de ha, era utilizada para a produção agrícola. Desse total, aproximadamente 25% são campos e pastagens ou áreas de produção de alimentos para animais. Uma área um pouco maior, em torno de 31%, é coberta por florestas. O restante 33% são áreas desérticas ou ocupadas por construções. Desde 1981 não tem sido



registrado um aumento expressivo das áreas cultivadas, mas ao contrário, as áreas esgotadas são cada vez maiores (BROWN,1190).

Num importante ensaio, *The Tragedy of the Commons*, de 1968, o ecólogo Hardin comparou o estado global do meio ambiente com a degradação das terras de pastagem na Idade Média, onde cada pastor tinha lucros durante um curto período de tempo em detrimento do futuro de todas as demais pessoas. Este ensaio termina propondo uma outra dimensão para as nossas noções de liberdade e igualdade:

***"A ruína é o destino para o qual todos os homens se dirigem, cada um interessado em si próprio, numa sociedade que acredita na liberdade de uso do que é patrimônio de todos. Esta liberdade trará a ruína para todos nós"*** (HARDIN apud BROWN:1992,p.206).

Não deixa de ser irônico o fato de que em nossos esforços de melhorar a produtividade da Terra em nosso benefício, estejamos, efetivamente, reduzindo sua capacidade de suportar todos os tipos de vida, inclusive a própria vida humana. Continuamos colocando em risco a biodiversidade.

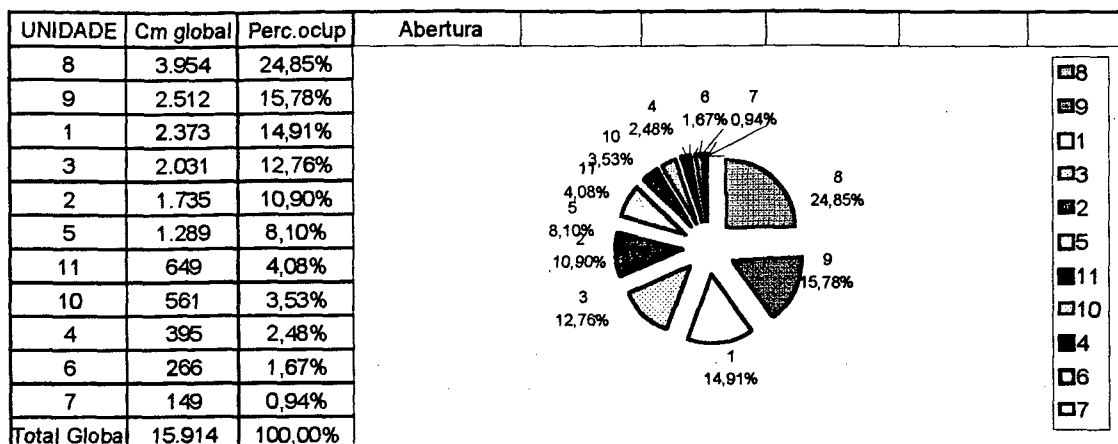


FIGURA 4 - Centimetragem por abertura de página

Consideradas apenas as matérias de abertura de páginas, a unidade **políticas ambientais** passa para segundo lugar, invertendo a posição com a unidade **desenvolvimento**.

### 3.2 Desenvolvimento

***A concepção energética da renda foi pressentida por inúmeros economistas clássicos, dos fisiocracias a Marx.***

*Daniel Hémary*

Embora esta unidade temática tenha ocupado o segundo lugar em termos de centimetragem, permeia toda a dissertação a noção de desenvolvimento. Fixamos como um dos principais elementos da plataforma teórica o conceito de desenvolvimento sustentável, mas abrindo um leque de possibilidades em termos do que, de fato, poderia expressar esta idéia.

Consideramos para efeito de registro do material dessa unidade temática os seguintes índices: **sustentabilidade**, para as

matérias que expressassem exatamente a idéia de desenvolvimento com sustentabilidade; **agências**, para o registro do material que aliasse a idéia de desenvolvimento com a ação de entidades, bancos e organismos governamentais (a noção também da plataforma teórica de ambientalismo multissetorial); **ação empresarial**, para o material que diretamente apontasse para a atividade de desenvolvimento por dispositivos de empresas, conglomerados e atores individualizados. Desta forma, foi possível o registro de todo o material que transmitisse ao leitor a idéia de desenvolvimento. E, como em todas as demais unidades temáticas, jogamos no índice **outras** as matérias que escapavam dos três índices anteriores.

Nas 235 edições examinadas, cerca de 1.360 textos expressavam alguma idéia de desenvolvimento. O índice **sustentabilidade** esteve presente em 272 matérias, enquanto **agências** ficou com 352. O índice **ação empresarial** com 664, e por último 72 matérias para o índice **outras**.

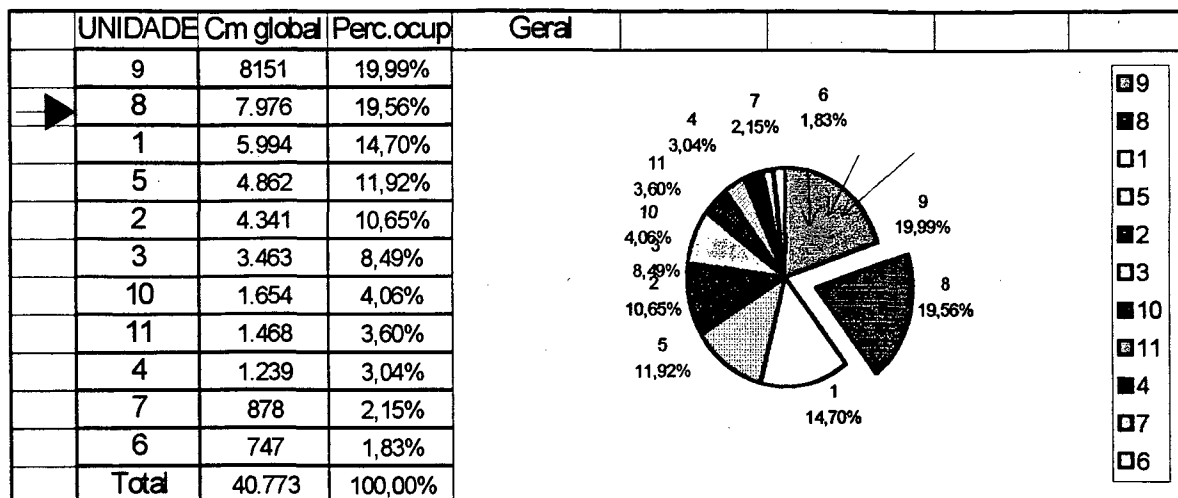


FIGURA 5 - Classificação da unidade desenvolvimento

A unidade temática **desenvolvimento**, considerando o total global de matérias examinadas, ocupou a segunda posição, com destaque para o índice **ação empresarial**. Em termos de matérias de abertura de página ocupou o primeiro lugar. Se não fosse considerado o **noticiário diário** esta unidade ocuparia o primeiro lugar.

É na esfera dessa unidade que se estabeleceram de forma mais nítida algumas das relações existente, nessa última década do século, entre o universo empresarial e as preocupações ambientalistas, tanto num sentido de vanguarda com na noção de sustentabilidade, como também num sentido ainda arcaico de desenvolvimento, sem qualquer respeito à natureza.

A própria questão ambiental se tornou uma atividade empresarial. A **Ernst & Young**, a segunda maior empresa de consultoria do mundo, se associou a duas empresas nacionais, formando o maior consórcio do gênero com o objetivo de conquistar uma expressiva parcela do mercado brasileiro de consultoria e

auditoria ambiental. A empresa calcula que deverá movimentar, com esta atividade, em torno de 110 milhões de dólares até o final da década (ADEODATO,1993).

Um expressivo setor ambientalizado do empresariado internacional, representado na Câmara do Comércio Internacional, com sede em Paris, no ano de 1993, organizou um Conselho Mundial de Empresas para o Meio Ambiente, também com sede na capital francesa. Em torno da **Carta das Empresas para o Desenvolvimento Sustentável**, onde são estabelecidos dezesseis princípios gerais que devem ser seguidos na gestão ambiental, se agrupavam 1.050 entidades de mais de 50 países (HIRSZMAN,1993).

A unidade temática **desenvolvimento** obteve uma centimetragem total de 7.976cm, que correspondeu a 19,56% de todo o material examinado e ao segundo lugar na classificação geral. Na escala de favorabilidade a unidade obteve 5.854 pontos em termos absolutos, representando 24,91% pontos, segunda posição em termos de tratamento.

Um bom exemplo da multiplicidade/complexidade das ações que envolvem as práticas e idéias relativas ao desenvolvimento é, sem dúvida, a ação conjunta da ONG Pró-Natura, financiada pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento, no Projeto Jurema, no Mato Grosso, com o objetivo de preservar as

florestas tropicais, considerado pela ONU como exemplo de desenvolvimento sustentável (CARDONA,1993).

Outro exemplo, é o da destinação de recursos do Fundo de Cooperação Econômica Ultramarina (OECE), com sede no Japão, para projetos ambientais brasileiros, no valor de 840 milhões de dólares, ao longo do ano de 1993 (TACHINARDI,1993). Informação que foi registrada na unidade temática **desenvolvimento**, especificamente no índice **agências**. Também foi registrado nesse índice o estabelecimento de acordos entre os governos do Japão e do Brasil, em que os japoneses se comprometem no fornecimento de suportes técnicos para o desenvolvimento de trabalhos de controle da poluição e conservação de florestas tropicais (JAPÃO aumentará cooperação... 1993).

É grande a participação dos japoneses em projetos ambientais, confirmando o fato de existir uma divisão internacional de atribuições. Os Estados Unidos cuidam dos aspectos de segurança da governabilidade mundial. A Alemanha cuida de financiar a reconstrução do leste europeu. E o Japão investe em projetos de sustentabilidade nos países emergentes.

Os graus de preocupação com as questões ambientais são os mais diversos, em função de inúmeros fatores. Entre os anos de 1978 e 1992 foram registrados cerca de 1.120 acidentes com

transporte de produtos perigosos, sendo que 40,7% deles ocorreram na malha viária do estado de São Paulo. Estes dados são da Agência Ambiental Paulista (CETESB). Pressionada, a empresa Nitro Química, indústria do grupo Votorantim, iniciou a implantação de um programa de controle e segurança de produtos perigosos, transportados pela empresa por todo o país (SERRA,1993). A Fundação Ambiental do Sul, entidade criada por empresas da cidade gaúcha de Caxias do Sul, no RGS, numa iniciativa da Câmara da Indústria e Comércio da cidade, está investindo 1,85 milhões de dólares na implantação de uma Central de Resíduos Industriais. A previsão é de que a Central tenha condições para resolver o problema de poluição ambiental por resíduos industriais nos próximos 25 anos (BARALDI,1993).

Unid. selecionada

8

Soma de Cm	Índices				
Unidade	Sustentabilidade	Agências	Ação empresarial	Outras	Total
1	1.142	1.367	3.070	415	5.994
2	1.433	741	1.638	529	4.341
3	904	2.119	94	346	3.463
4	673	193	249	124	1.239
5	2.166	2.381	271	44	4.862
6	204	255	246	42	747
7	69	421	212	176	878
8	1.899	1.666	3.955	456	7.976
9	2.867	873	222	4.189	8.151
10	1.093	0	458	103	1.654
11	624	488	301	55	1.468
Total					40.773

FIGURA 6 - Colocação dos índices na unidade temática

A iniciativa é resultante de todo o processo gradativo, do aumento com as preocupação com a questão ambiental, bem como do nível crescente das atividades produtivas, sendo que o pano de fundo é toda a malha social envolvida com tais problemas.

Cada vez mais se impõe a noção de que as relações entre as sociedades humanas e a biosfera não podem continuar sendo reduzidas unicamente à esfera da economia e das instâncias sociais, pois percebemos que tais relações estão também colocadas enquanto espécie biológica.

Existem alguns indicativos de que a necessidade de construção de um mundo ambientalmente sustentável está fazendo avançar a idéia de uma economia globalizada. Num universo, no qual a indústria privada controla a maior parte dos investimentos de capital, responde pela imensa maioria dos empregos e produz volumes cada vez maiores de bens e serviços, o papel desse setor na destruição do meio ambiente é central. As preocupações com o meio ambiente, consideradas como algo secundário no passado, estão se tornando, gradativamente, um dos principais veículos da próxima revolução industrial (BROWN, 1993).

As atividades de proteção ao meio ambiente já se constituem num setor produtivo importante. Segundo a Organização Para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico, no ano de 1990, o



mercado mundial para bens e serviços ambientais movimentou cerca de 200 bilhões de dólares.

A organização prevê que esse mercado terá um crescimento estimado em 60%, o que tornará a proteção ao meio ambiente uma das indústrias de mais rápido crescimento no mundo. De 80% a 90% desse crescente ramo industrial (da proteção ambiental), é integrado por aproximadamente 30 mil firmas norte-americanas, 20 mil européias e 9 mil japonesas, nos denominados países do Primeiro Mundo.

Um enorme potencial de crescimento desse setor é apontado por especialistas em novos negócios. E as áreas fundamentais são as de criação de alternativas para o motor de combustão interna, substituição do aço por produtos sintéticos leves, desenvolvimento de fontes solares de eletricidade, substituição da pesca em alto mar por aquacultura e uma infinidade de outras atividades lucrativas (BROWN, 1993).

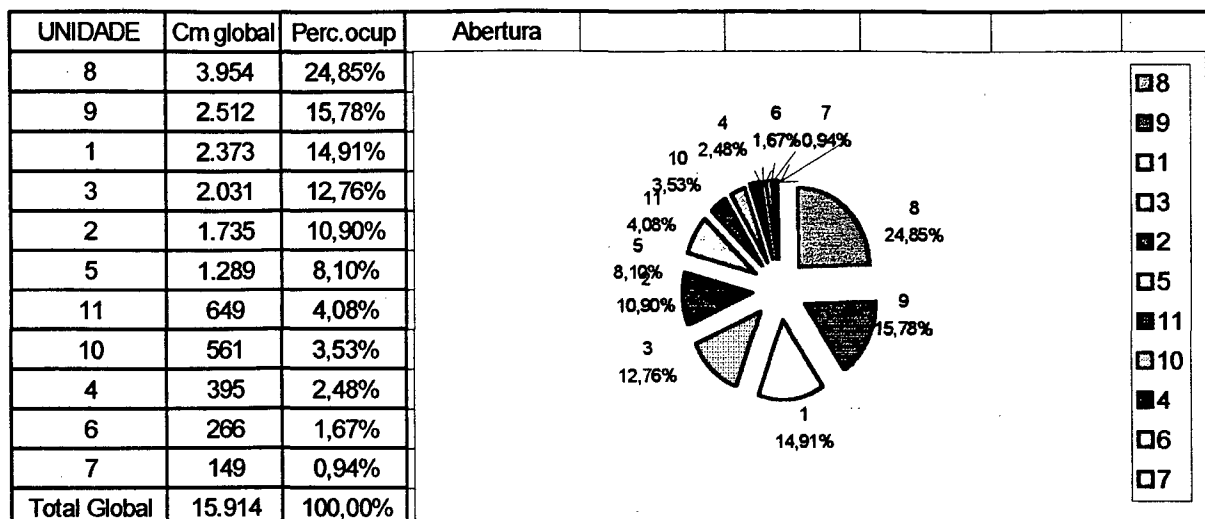


FIGURA 7 - Porcentagens: matérias de abertura de página

Considerados apenas os textos de abertura de páginas a unidade **desenvolvimento** ocupou a maior centimetragem, refletindo também dessa forma a importância editorial dada aos temas dessa unidade.

### 3.3 Urbanismo

*...a metacidade teletópica se constituiu agora em torno da janela e do teleporto, ou seja, em torno da tela...*

Paul Virilio

A noção mais geral que norteia a **leitura** dessa unidade temática é do filósofo Serres. Diz ele, entre outras coisas, ao falar sobre o que somos e representamos hoje:

*"...à noite, visível pelos diversos satélites, como a maior galáxia de luz do planeta, bem mais povoada que os Estados Unidos, a megalópole Europa começa em Milão atravessa os Alpes através da Suíça, contorna o Reno pela Alemanha e o Benelux, segue pela Inglaterra, atravessa o mar do Norte e termina em Dublin..."* (1990, p.26).

sendo este um conjunto humano possível de ser comparado aos Grandes Lagos ou até mesmo às geleiras da Groenlândia. E que esta homogeneidade, esta verdadeira placa **"...há muito modifica o albedo<sup>16</sup> a circulação das águas, o calor médio e a formação das nuvens ou dos ventos..."** (SERRES,1990,p.26). Ou seja: os elementos e, ainda mais, o número e a evolução das espécies vivas.

Para o filósofo francês, esta placa humana das grandes concentrações urbanas pesa sobre o planeta **"...não pelo peso de carne, mas pelas redes de relacionamentos cruzados e pelo número de objetos-mundo de que dispõe, comporta-se como um mar"** (SERRES,1990,p.27). É importante termos presente o quanto o crescimento dos centros urbanos vem alterando a ecologia humana. No passado, distribuído por todo o planeta, entre uma imensidão de florestas, montanhas, desertos e massas geladas, o ser humano desaparecia. Diz o filósofo francês:

**"Não era preciso que o universo se armasse para esmagá-lo: um vapor, uma gota de água bastava para matá-lo; engolido como um ponto, eis o homem de outrora, sobre quem o clima vencia a guerra"** (SERRES,1990,p.27).

---

<sup>16</sup> É o poder difusor de uma superfície; fração de luz incidente que é difundida pela superfície. Relação entre a luz refletida pela superfície de um planeta ou satélite e a luz que aquele ou este recebe do sol, segundo o *Novo Dicionário Aurélio*, da editora Nova Fronteira.

Após a realização da denominada *leitura flutuante* (primeiros contatos com o material), estabelecemos como índices os temas relativos a *planejamento, crescimento e qualidade de vida*, além do índice denominado *outras*, com o objetivo de enquadrar o material que não fosse possível de classificar nos itens anteriores. Também por termos percebido que a escolha correspondia às idéias e às informações que o material passava aos leitores.

Muitas vezes, uma determinada matéria poderia ser classificada em qualquer um dos índices. Uma matéria, por exemplo, ao falar de crescimento, abordava questões relativas à falta de planejamento com reflexos na qualidade de vida de uma dada população. A decisão sempre foi adotada em função de um ou outro aspecto na cartola, no título e no lead da matéria. E, na impossibilidade de uma definição precisa, o texto foi registrado no quarto índice.

No material examinado, dentre as onze unidades temáticas escolhidas, as questões relativas a *urbanismo* ocuparam o terceiro lugar em centimetragem global com um total de 5.994cm, representando cerca de 14,70% de todo o material examinado. Sem dúvida, este foi um importante indicativo. Este mesmo bloco de matérias, na escala de favorabilidade, atingiu um número global de

4.190 pontos. Este valor dividido por 235 edições deu à unidade temática 17,83 pontos, e a quarta posição em termos de tratamento.

Assim, verificamos que **qualidade de vida** atingiu do total de 5.994cm, cerca de 3.070cm; logo a seguir, as matérias relativas a **crescimento** atingiram a centimetragem 1.367; e, por último, **planejamento**, com 1.142cm. O índice quatro obteve 415cm, isto indica que poucas informações escaparam da classificação nos índices básicos criados para a unidade temática.

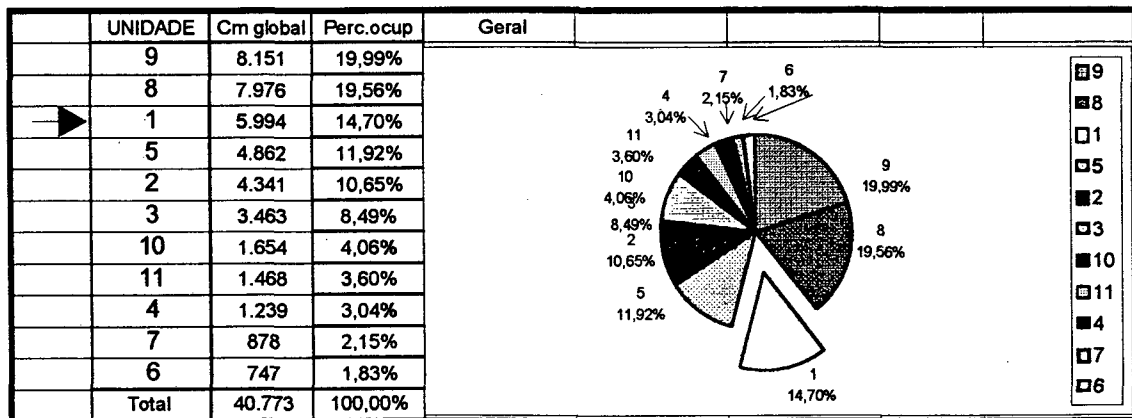


FIGURA 8 - Unidade temática **urbanismo** em terceiro lugar

Nessa unidade temática foi possível verificarmos uma verdadeira multissetorialidade ambiental, pois aqui se inter cruzam um verdadeiro sistema de relações entre os mais diversos setores, com interesses públicos/privados, empresariais/ambientalistas, estatais ou não.

No trabalho de edição do material de meio ambiente, o fato de **urbanismo** ter ocupado esta posição de destaque é

indicativo de que jornalisticamente, este material apresenta um determinado interesse. É claro que, no cotidiano do trabalho de edição, muitos fatores aleatórios podem determinar uma ou outra decisão, mas sempre com uma interferência relativa na linha adotada pela publicação.

É importante também assinalarmos que, do total de 5.994cm atingidos pela unidade temática, cerca de 2.373cm foram de matérias de abertura de página, o que editorialmente também é indicativo da importância dada ao assunto. O índice *planejamento* ficou com 516cm, *crescimento* com 505cm, *qualidade de vida* 1.308cm. E o índice *outras* com 44cm. Considerando-se as matérias de abertura de página a unidade temática *urbanismo* ocupou o terceiro lugar com cerca de 14,91% das matérias.

Na Conferência das Cidades para o Século XXI realizada, em 1993, no Rio de Janeiro, Nelson Mello e Souza, representante da Organização dos Estados Americanos (OEA), em sua intervenção destacou o fato de que o acelerado crescimento populacional, nos últimos vinte anos, com uma divisão cada vez mais acentuada entre áreas mais e menos desenvolvidas nas megacidades, reproduz os mesmos conflitos evidenciados na ECO 92 entre países do norte e sul.

No mesmo encontro, o representante da Associação Mundial, entidade que reúne 59 grandes cidades do mundo, apontou o fato de que no final do século existirão cerca de 408 cidades com mais de um milhão de habitantes, sendo que 219 nos países em desenvolvimento (PAULINO NETO, 1993).

Esta questão do crescimento nos coloca diante de inúmeros temas: loteamentos e utilização do solo urbano, saneamento básico, fornecimento de água, qualidade do ar, controle de ruídos, impacto ambiental com obras, lixo doméstico, resíduos industriais, entre outros tantos aspectos. No conjunto do material examinado, verificamos a existência de um estrangulamento das grandes cidades do país em relação ao destino final do lixo. Não existem estatísticas precisas sobre as questões referentes ao lixo destas cidades e, até mesmo, nas de porte médio.

Em alguns países ocorre toda uma discussão sobre o que é ou não lixo. Na Alemanha, por exemplo, onde existe um forte trabalho de educação para a reciclagem, a ampliação do número de materiais considerados tóxicos, determinou um aumento na produção de lixo tóxico. A questão tem sido discutida na OCDE que busca padrões comuns aos países que tomam parte desse organismo (AUMENTO do lixo... 1993).

Na unidade temática *urbanismo* consideramos as matérias referentes ao lixo no índice *qualidade de vida*. Procuramos localizar nesse material indicativos do quadro que o jornal passava a seus leitores. Tanto nas grandes cidades como nas que ainda são consideradas de porte médio existe um infindável número de políticas públicas em relação à questão. Não há uma política empresarial definida. Ainda são poucas as iniciativas de parceria. Os investimentos públicos são altos em quase todas as soluções em implantação e/ou em estudos. Não consideramos aqui o material que diretamente passava como central a idéia de reciclagem, tendo em vista que também trabalhamos com a unidade temática *reciclagem*.

Grande parte dos recursos públicos são jogados em projetos de aterros sanitários e, nas cidades de grande porte, na construção de sistemas de incineração, além de programas de coleta seletiva. No ano de 1993, a previsão era de que São Paulo produzisse 12 mil toneladas diárias de lixo doméstico (SERRA, 1993). O governo desse período abriu concorrência internacional para construção de incineradores. Enquanto que em Manaus, a produção diária de lixo é de 35 toneladas, a opção tem sido pela implantação de células biológicas. São valas concretadas onde o lixo é depositado para depois receber microorganismos. Cada vala tem a



capacidade de 154 mil toneladas, e após um ano o material será reaproveitado como adubo (SERRA,1993).

Segundo dados da Organização Panamericana de Saúde, a América Latina produz em torno de 250 mil toneladas diárias de lixo doméstico, sendo que apenas 30% são dispostas de forma adequada. Estes números foram discutidos em 1993, período correspondente à pesquisa, no Primeiro Simpósio Latino-Americano de Resíduos Sólidos, realizado em São Paulo (SERRA,1993). Os habitantes de três grandes cidades: México, Buenos Aires e São Paulo produzem uma média diária de 1,8 quilos de lixo.

No início do século, apenas uma entre dez pessoas viviam nas cidades. Em torno do ano 2001, mais da metade da população mundial estará nas cidades.

Examinamos cerca de 124 matérias, sendo que 30 delas foram de abertura de página. E a divisão por índices foi de 23 matérias para **planejamento**, 26 para **crescimento** e 64 para **qualidade de vida** e apenas 11 para o índice **outras**.

Está surgindo uma nova arquitetura. O novo escritório desse final de século cria o teletrabalhador e/ou um novo telespectador. Uma residência que é um centro de imprensa. Quando em 1980, Ted Turner criou em Atlanta a Cable News Network, uma cadeia de TV para transmitir notícias 24h por dia, o apartamento dos

assinantes foi transformado numa central dos **acontecimentos mundiais**. A videoperformace cria uma nova sedentariedade urbana. Uma nova relação com o meio ambiente urbano está surgindo nessa última década do século.

### 3.4 Ocorrências

***De maneira gradual, o foco de atenções expandiu-se da poluição do ar e da água para abranger problemas relativos ao uso da terra - como desmatamento e erosão do solo - e em seguida as ameaças globais, a longo prazo, da destruição da camada de ozônio e do aquecimento global.***

*Chistopher Flavin; John E. Young*

Esta unidade alcançou a centimetragem de 4.862, representando cerca de 11,92% de todo o material examinando nas 235 edições do ano de 1993. Ela foi concebida, após a realização da denominada **leitura flutuante**. O objetivo foi o de registrar uma série de informações que não eram adequadamente classificadas em outras unidades temáticas. (Ver Anexo A)

Criamos os índices **ocorrências naturais** com o sentido de verificar o espaço destinado ao registro de fenômenos naturais que, de uma forma ou de outra, se contrapunham ao registro das

**ocorrências provocadas** pela intervenção direta do homem, sendo este o segundo índice. O terceiro indicador, **ações ambientalistas**, para o registro do material que diretamente apontasse para os demais tipos de iniciativas, nas mais variadas instâncias. E por último, jogamos no índice **outras** todo o material pertencente à unidade que não classificado nos três primeiros índices.

Este conjunto, considerando-se a centimetragem de 4.862, ocupou a quarta posição no quadro geral. Não incluímos aqui as ocorrências envolvendo acidentes marítimos e nucleares, pois consideramos este material em duas outras unidades temáticas, denominadas de **oceanos e nuclear**.

Desse total, cerca de 2.166cm foram de matérias referentes a **ocorrências naturais**. A própria Organização das Nações Unidas (ONU) instituiu, em 1993, a Década Internacional para a Redução dos Desastres Naturais (DANILO,1993). Este índice foi concebido para o registro de uma série de fenômenos que abalam as comunidades, mesmos aquelas que dispõem de alta tecnologia e de redes de informação altamente desenvolvidas.

No dia 15 de setembro de 1993, por exemplo, e nas edições que se seguiram, o jornal abriu espaço para uma série de tremores no Japão. Em outubro, a página de meio ambiente registrou a morte de 1.700 pessoas nas enchentes do Nepal.

Em 01 de outubro e nas edições imediatamente após esta data, o jornal abriu espaço para o maior terremoto da década, ocorrido na Índia, com a morte de pelo menos 28 mil pessoas. É interessante registrar que uma boa parte desse material faz referências às modificações provocadas em função da ação humana. A ONU, ao instituir a Década Internacional para a Redução dos Desastres Naturais, assinala não só as perdas em vidas, mas o fato de que os custos das atividades de reconstrução, após uma catástrofe, são cada vez maiores, em função da complexidade crescente das redes de serviços nas áreas urbanas. Os equipamentos urbanos estão mais sofisticados.

O índice **ocorrências provocadas** atingiu 2.381cm, sendo que cerca de 947 foram para matérias de abertura de página. A Gazeta dedicou cerca de 271cm para informações que envolviam diretamente a ação de ambientalistas. E por último, o índice **outras** com 44cm.

Considerando-se o conjunto de todo material examinado verificamos que a unidade teve 850 matérias, sendo 75 delas em abertura de páginas. Desse total 460 matérias foram classificadas no índice de **ocorrências naturais**, 330 em **ocorrências provocadas**, 40 em **ações ambientalistas** e 20 no índice **outras**.

Na escala de favorabilidade, a unidade temática ficou em terceiro lugar. Em números absolutos ficou com 4.270 pontos que, divididos por 235 edições, deu à unidade 18,17 pontos. Às matérias do índice **ocorrências naturais** demos sempre 30 pontos, correspondendo na escala montada a uma posição de neutralidade.

A unidade temática teve uma alta colocação, tanto em termos de favorabilidade como em centimetragem, em função de uma das características básicas do jornalismo. Ou seja, do jornal diário constituir-se no registro das singularidades do cotidiano, a notícia propriamente dita. Diante de ameaças globais, desenvolve-se um sistema de vigilância também global. No índice **ações ambientalistas** verificamos uma efetiva ação de entidades e organismos internacionais, com diferentes níveis de intervenção e/ou poder decisório.

### 3.5 Recursos hídricos

***Contemplar a água é ecoar-se, é dissolver-se, é morrer***

***Gaston Bachelard***

O estudo realizado por Bachelard (1989,p.15) sobre a relação da água com os sonhos, num **ensaio** sobre a imaginação da matéria, é a noção mais geral e orientadora desta unidade temática.

Para ele **"...a água é o objeto de uma das maiores valorizações do pensamento humano: a valorização da pureza"**. E mais ainda: que seria dessa visão de pureza sem a imagem de uma água cristalina e límpida, **"...sem esse belo pleonasma que nos fala de uma água pura?"**

Ao pensarmos a questão dos recursos hídricos precisamos lembrar de que nada é comparável ao lago imenso de águas claras à beira do qual foi construído o Império Asteca, no século XVI, e a metrópole de muitos milhões de habitantes, completamente sufocada pela falta de água que é a cidade do México nesse final de século.

De outro lado, ao sul do continente euro-asiático temos uma sucessão de quatro mares: o mar Mediterrâneo, que vai até o Mar Negro, logo a seguir, atrás das montanhas do Cáucaso, encontramos o mar Cáspio e, finalmente, o mar de Aral. Neste último desaguam dois rios: o Syr-Daria e o Amu-Daria, ambos cruzam toda a Ásia Central. Nas margens dos dois rios tínhamos campos arados, muitos pomares e uma diversidade de animais. Em duas décadas, a partir de 1960, a produção de algodão, com sistema de irrigação sem qualquer critério de planejamento, transformou o Uzbequistão num imenso deserto. A paisagem rural mudou completamente. Plantações de algodão substituíram tudo (KAPUSCINSKI, 1993).

Estruturamos a unidade temática a partir dos índices: **abastecimento**, **poluição**, **recuperação** e **outras**; registrando nesse último todo o material não possível de ser classificado nos três aspectos básicos. Em valores absolutos, **recursos hídricos** atingiu cerca de 4.341cm e, na escala de favorabilidade, 3.220.

Esta unidade, considerando a centimetragem de 4.341, representou cerca de 10.65% de todo o material examinado nas 235 edições. E considerando o valor absoluto de 3.220 pontos obtidos na escala de favorabilidade chegamos ao valor de 13,70 pontos, quinto lugar. (Ver Anexo A)

O índice **recuperação** ficou com 1.638cm, seguido de **abastecimento** com 1.433cm e **poluição** com 741cm. Para que tenhamos uma idéia aproximada do universo que envolve as questões referentes aos recursos hídricos é pertinente lembrar: primeiro, desde 1950, o uso global de água simplesmente triplicou numa taxa estimada - no ano de 1993 - de 4.340km cúbicos, cerca de oito vezes mais do que o fluxo anual de um rio como o Mississipi; segundo, calcula-se que os suprimentos *per capita* de água, em todo o mundo são hoje um terço inferiores às reservas de 1970, uma vez que 1,8 bilhões de pessoas foram acrescentadas ao planeta desde esse ano; terceiro, muitas nações são classificadas hoje como na categoria de países com reservas hídricas esgotadas, sendo que

cerca de 26 delas englobam perto de 232 milhões de pessoas (POSTEL apud BROWN; 1993).

Em centimetragem o índice **outras** ficou com 529cm. Aqui, mais uma vez, utilizamos o critério de valorização do aspecto destacado com maior importância pelas próprias matérias, examinando a idéia passada a partir de considerações em torno da cartola, título e lead. A unidade **recursos hídricos**, por algumas especificidades, possibilitou uma rápida classificação do material. Após as primeiras leituras, foi possível identificarmos como sendo os índices mais abrangentes os escolhidos: **abastecimento, poluição e recuperação**. O fato deste último ocupar o maior peso indicou que os níveis de destruição dos mananciais, em períodos anteriores, foi de tal ordem que é absolutamente importante a realização de investimentos e atividades de recuperação.

Consideradas apenas as matérias de abertura de página verificamos que tivemos cerca de 1.735cm, o que coloca a unidade temática em quinto lugar, representando cerca de 10,90% de todo o material utilizado em destaque na abertura de página.

O setor agrícola reivindica cerca de dois terços de toda a água removida de rios, lagos, riachos e de depósitos subterrâneos para sistemas de irrigação. Produzir alimentos em quantidade suficiente para a população mundial em crescimento, com economia



de água, é um dos desafios desse final de século (POSTEL apud BROWN;1993).

No setor industrial, uma noção que está se impondo é a da reciclagem. Na fabricação de um infindável número de produtos (desde roupas e computadores até papel, plásticos e aparelhos eletromésticos) uma grande quantidade de água é usada. A produção de um quilo de papel pode chegar a exigir 700kg de água. A fabricação de uma tonelada de aço pode implicar em gastos de 280 toneladas de água.

Nesta unidade temática foi possível verificarmos um entrelaçamento de políticas públicas e privadas (empresariais ou não). No ano da pesquisa, o estado de São Paulo e Federação das Indústrias do Estado (FIESP) estabeleceram uma série de acordos e normas em função, por exemplo, do projeto de despoluição industrial do rio Tietê. Um acordo que demonstra o avanço na melhoria da preservação dos recursos hídricos é o que estabeleceu o autocontrole dos efluentes. Cerca de 335 empresas de um total de 1.250, todas dentro das normas exigidas em termos de tratamento de seus efluentes, periodicamente, passariam a enviar relatórios à agência ambiental (SERRA,1993).

Outro exemplo das múltiplas relações (a idéia de ambientalismo multissetorial), é o programa de despoluição e

proteção ambiental da bacia do rio Paraíba do Sul, no estado do Rio de Janeiro, elaborado pelo Ministério das Minas e Energia em parceria com a empresa estatal francesa Beture do Rio Setame, com uma previsão inicial de gastos em torno de 3,2 bilhões de dólares, ao longo de 17 anos. A metade desses recursos deverá ser coberta pelo pagamento de taxas por parte dos usuários de água. O projeto abrange os três estados cortados pelo rio: Minas Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro.

Aqui também encontramos diferenciados níveis de comprometimento (ou não) com a idéia de sustentabilidade. No ano de 93, um estudo apontou que os níveis de destruição do rio Paraíba, no estado de São Paulo, continuavam altos. Em torno de umas trinta cidades lançavam por dia 77,6 mil quilos de esgoto doméstico, sendo que apenas 22% após tratamento adequado. Cerca de 190 indústrias da região despejavam no rio o equivalente a 7,7 mil quilos de carga poluidora por dia, com 85,5% do material com tratamento (SILVEIRA,1993). São números indicativos de uma situação de desequilíbrio entre investimentos públicos e privados.

A recuperação dos mananciais tem se constituído numa atividade empresarial. O projeto de despoluição do Tietê, por exemplo, abriu boas perspectivas de ganhos para 85 grandes empresas do setor de equipamentos para saneamento básico. No

primeiro semestre de 1993, as empresas tiveram um faturamento de 131 milhões de dólares (FAGÁ,1993).

Considerado todo o material da unidade temática, tivemos um total de 196 matérias, sendo que 54 delas foram de abertura de página. É importante assinalarmos que o índice **recuperação** teve 76 matérias, seguido das que diziam respeito a **abastecimento** com 64 e por último as de **poluição** com 28 textos. Em abertura de página, o índice **recuperação** obteve o maior número de matérias, cerca de 24.

Quando Heródoto definia o Egito como um **dom do Nilo**, lembrava, antes de mais nada, do papel desempenhado pelos grandes rios nos primeiros sistemas agroenergéticos centralizados da história. Os homens organizavam sistemas de irrigação das plantações, mas também sistemas de energia motriz, além do transporte.

Os engenheiros já construíram mais de 36 mil grandes barragens em todo mundo para controlar inundações e fornecer energia elétrica, água para irrigação, suprimentos industriais e água potável para uma população. (POSTEL,1993).

É raro localizarmos, nos tempos atuais, um rio que corra livremente para o mar. O cálculo é que desde 1950, o uso global de água mais do que quadriplicou, ficando atualmente numa taxa em

torno de 4.340 quilômetros cúbicos por ano, cerca de oito vezes maior do que o fluxo anual do rio Mississippi.

Existem estimativas que apontam para o fato de que os suprimentos *per capita* de água, em todo o mundo, são hoje um terço inferiores as reservas existentes em 1970, uma vez que 1,8 bilhões de pessoas foram acrescentadas ao planeta desde esse ano. Atualmente, em torno de 26 países, com uma população estimada em 232 milhões de pessoas, são classificados na categoria de escassos em água (POSTEL,1993).

Quanto mais água é destinada às necessidades humanas, menos água para a sustentabilidade dos ecossistemas. A natureza aqui, também tem sido sacrificada

Para se ter uma idéia das proporções do problema, é bom lembrar que o Banco Mundial, em colaboração com o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, trabalha em diversos países (entre eles Chile, China, Índia e Coréia do Sul), para identificar cidades que poderiam servir de modelo para o desenvolvimento demonstrativo de políticas de conservação da água urbana (BROWN,1993).

Como diz Bachelard (1989,p.33): **"O verdadeiro olho da terra é a água"**.

### 3.6 Reciclagem

***As únicas grandes indústrias que terão sucesso serão as que sucatearem seus próprios produtos antes que uma outra a faça.***

*Bill Gates*

Esta visão, expressada pelo fundador da Microsoft, tem a abrangência e a profundidade essencial para servir de pano de fundo na unidade temática **reciclagem**. Esta ficou com a sexta posição no conjunto do material examinado em 235 edições, com a centimetragem de 3.463, representando cerca de 8,49%. Se consideradas apenas as matérias de abertura de página, a unidade ficou com 2.031cm, cerca de 12,76%, ocupando assim a quarta posição, indicativo do peso cada vez maior dado às políticas de reciclagem, tanto domiciliar como de origem industrial.

A única fabricante nacional de latas de alumínio, a Reynolds Latasa, no ano de 93, reciclou 38 milhões de latas, mas pretende desenvolver uma política de reciclagem de 6% do volume produzido, cerca de seis milhões de latas, perto de 135 toneladas, volume de lixo calculado em torno de 14 caminhões (ADEODATO,1993).

Segundo alguns estudos, apenas 6% das latas de aço usadas em embalagens são recicladas, no país. A previsão é a de

que dentro de dois anos se alcance cerca de 20% de todo o material descartado. Este tipo de reciclagem não envolve a separação seletiva, pois pode ser feita magneticamente (FAGÁ,1993). Construimos para este bloco os índices **domiciliar, industrial, novas tecnologias e outras**. O primeiro índice ficou com 904cm, o segundo com 2.119cm e **novas tecnologias** com 94cm. O índice **outras** com 346cm. A reciclagem industrial teve um maior espaço no material pesquisado, sendo que dos 2.119cm cerca de 1.173cm foram de matérias editadas em abertura de página.

Existem indicativos de uma forte política empresarial, tanto no plano nacional como internacional, no sentido de ampliar e incentivar as políticas de reciclagem. No ano de 93, a Suíça implantou a primeira unidade mundial com tecnologia japonesa, para a reciclagem em escala comercial de pilhas de uso doméstico. O projeto original foi desenvolvido pelo grupo ambientalista suíço Micgros. Todos os fabricantes e importadores de pilhas neste país concordaram com um acréscimo de 10% aos seus preços para cobrir os custos (ADEODATO,1993).

Nos Estados Unidos, o setor industrial tem reagido contra a exigência de assumir o ônus da reciclagem. Esta unidade temática está em relação direta com a unidade **urbanismo**, em particular com

índice *qualidade de vida*, onde foram registradas as matérias referentes ao lixo.

A Tetra Pak, por exemplo, está desenvolvendo estudos para descobrir novos usos para os resíduos das embalagens cartonadas. No ano de 91, a empresa comercializou 60 milhões de embalagens em 112 países e seu segundo maior mercado, depois do Japão, é a Alemanha, onde a consciência ecológica pressiona pela implantação de políticas de reaproveitamento de materiais descartáveis. O leite longa vida utiliza embalagem Tetra Pak, e tem aumentado o seu uso (FAGÁ,1993).

Na Alemanha, os produtos que possuem um ponto verde, denominado de *der grüne Punkt* são separados pelos próprios consumidores. Mas os movimentos ambientalistas criticam a *Duales System Deutschland*, empresa especializada na coleta do sistema de ponto verde; e, segundo eles, tal prática serve de justificativa para que não ocorra maiores investimentos em política de proteção ambiental. Além disso, a empresa é acusada de cartelização, pois cerca de 44% da matéria-prima da indústria alemã de papel trabalha com sucata (GENILLARD,1993).

A unidade temática, consideradas as matérias apenas de abertura de página, obteve a quarta posição com 2.031cm, cerca de 12,76% do material examinado.

Se considerarmos o conjunto do material avaliado na unidade, verificamos que tivemos um total de 189 matérias, sendo que 81 delas foram editadas na abertura de página. E desses totais, tivemos 123 textos no índice *reciclagem industrial* e 48 textos do índice *reciclagem doméstica*.

Existe uma entidade denominada Compromisso Empresarial para a Reciclagem (SEMPRE) que reúne dez grandes empresas, todas interessadas em processos de reciclagem, sendo que ano de 1993, a entidade publicou o segundo volume dos Cadernos de Reciclagem (ADEODATO,1993).

Um relatório do Instituto Nacional de Propriedade Industrial apontou, no ano de 1993, a existência de 162 patentes depositadas no Brasil, nos Estados Unidos e na Europa, todas elas envolvendo novas tecnologias e técnicas de reciclagem de papel e celulose (ADEODATO,1993).

Nos Estados Unidos, as empresas realizam análises do ciclo de vida dos produtos, a denominada *life-cycle analysis* - LCA. Pesquisas indicam, por exemplo, que entre os copos de papel e os de poliestireno, estes últimos causam menos poluição do ar e da água, além de ser necessário menos energia na produção dos mesmos (EMPRESAS analisam ciclo...1993).



Na escala de favorabilidade o tema **reciclagem** obteve em números absolutos 2.360 pontos, cerca de 10,04 pontos, ocupando o sexto lugar em termos de tratamento. Pelo número de matérias que relatam as experiências e as atividades de reciclagem em outros países é possível inferir que esta não é uma atividade expressiva no plano interno.

No setor de papel e celulose é onde estão concentrados os maiores esforços. Nos Estados Unidos, grandes conglomerados estabeleceram políticas agressivas para aumentar o uso de papel reciclado. Seis corporações que gastam anualmente um bilhão de dólares na compra de papel vão participar das atividades do Fundo para a Defesa do Meio Ambiente. Nessa mesma linha, os fabricantes de papel dos Estados Unidos estiveram envolvidos nos últimos anos com atividades educacionais (ou não) visando a reciclagem de 50% de todo papel que os americanos deverão usar até o ano 2000 (FABRICANTES pretendem reciclar...1993).

Este tema ocupa um bom espaço na imprensa norte-americana. A Gazeta reproduziu matéria do **The Wall Street Journal** com uma série de dados demonstrativos de que a reciclagem é uma idéia popular, mas ainda deficitária (RECICLAGEM é popular...1993).

Sustentabilidade e reciclagem estão associadas. A racionalidade produtiva do capitalismo impõem as práticas de

reciclagem no plano industrial. No campo dessa unidade temática, foi possível percebermos um verdadeiro emaranhado de políticas, proposições e práticas perpassando toda a rede social, com graus diferenciados de consciência em relação à necessidade de encontrarmos caminhos para o desenvolvimento, para o aumento de produtividade, mas com sustentabilidade.

### 3.7 Nuclear

Com uma chamada de capa Chuva Atômica, a revista *Visão*, de junho de 1959, abria assim sua matéria de balanço dos efeitos da radiação, cerca de onze anos após as explosões, e quando ainda as grandes potências da época realizam seus testes nucleares. Hiroshima e Nagasaki ficaram inscritas na memória da humanidade, mas foi preciso mais um desastre pacífico para um novo alerta. Para que fosse retomado esse fio da história.

Passaram-se 41 anos: Chernobyl. Em 26 de abril de 1986 esta sonoridade tomou conta do mundo. Chernobyl esta bem mais próximo do que Hiroshima e Nagasaki. Chernobyl é, nove anos após o acidente, uma verdadeira cidade fantasma.

A unidade ficou em sétimo lugar com uma centimetragem total de 1.654, cerca de 4,06 de todo o material examinado. Na

escala de favorabilidade, os textos referentes à unidade ficaram com 1.110 pontos, em torno de 4,72 pontos, em nono lugar em termos de tratamento. Não se percebe, pelas matérias publicadas, uma presença mais efetiva das atividades empresariais no que se refere à utilização de energia nuclear.

Para efeito de classificação das matérias examinadas construímos os seguintes índices: **segurança/acidentes**, **utilização**, **programa nacional** e **outras**. O primeiro índice obteve a centimetragem de 1.093, sendo que 329 foram para matérias de abertura de página. No índice **utilização** não registramos nenhum texto, mas em **programa nacional** tivemos 458cm, dos quais 232cm foram para textos de abertura de página.

Um estudo desenvolvido pela organização ambientalista **Greenpeace**, realizado nos anos 1992/1993, demonstrava que os reatores nucleares em operação na usina brasileira de Angra I estão sujeitos a um determinado tipo de rachadura no vaso que contém o combustível atômico. Daí a maior possibilidade de ocorrência de acidentes. Este estudo apontava a existência de problemas graves em 188 reatores que utilizavam a técnica de água pressurizada, todos eles espalhados em doze países (PINTO,1993).

Coincidentemente, alguns dias após a divulgação dos resultados obtidos no estudo do grupo ambientalista, na edição

correspondente aos dias 27/29 de março, a página de meio ambiente divulgou a informação de que a radiação da água que circulava nos equipamentos de Angra I tinha ultrapassado os limites normais e que várias verificações seriam realizadas. E, logo a seguir, numa reunião extraordinária do Conselho Nacional de Meio Ambiente (CONAMA) solicitava a paralisação das obras de Angra II até a conclusão de um aprofundado relatório de impacto ambiental (UM RELATÓRIO para...1993).

O fim do socialismo real, nos países do leste europeu, recolocou na ordem do dia a questão nuclear, mas não mais em função das possibilidades de um conflito entre as grandes potências. A pulverização dos arsenais nucleares, no leste europeu, bem como o acesso às informações sobre tecnologias, instaurou uma nova era nuclear. Em abril de 1993, a Agência de Energia Nuclear de Viena, classificou de nível 7 o acidente nuclear em Tomsk, cidade russa localizada na Sibéria. As próprias autoridades russas consideraram o acidente como o mais grave depois de Chernobyl. A usina contaminou uma área de 120Km quadrados, da floresta siberiana. E, em seguida, o **Greenpeace** divulgou uma nota pedindo a desativação de todas as usinas russas (TESTES desmentem previsão...1993).

Esta unidade temática considerada em sua totalidade teve 168 matérias, sendo 14 delas em destaque de abertura de página. No

plano interno, o maior número de matérias foi para aspectos envolvendo as usinas de Angra I e II. No ano da pesquisa, o governo encaminhou ao Congresso Nacional um projeto de lei visando regular o licenciamento e inspeção de aproximadamente 150 instalações nucleares existentes no país. A matéria indicava a inexistência de regras e de uma vigilância efetiva (LOPES,1993).

Na Argentina, parlamentares apoiados por 92 entidades ambientalistas, entre as quais o **Greenpeace**, no ano de 1993, estiveram em campanha pelo fechamento da Usina Atucha I. Nos assuntos nucleares foi constante a presença da atividade dos ambientalistas do **Greenpeace**.

No Brasil, o governo acelerou a liberação de verbas para a implantação do Centro de Referência de Atendimento e Assistência a Radioacidentados, o primeiro da América Latina (HOLLANDA,1993).

A página de meio ambiente quase sempre abriu pouco espaço para informações favoráveis ao emprego da energia nuclear. Nos encontros internacionais, os representantes brasileiros estiveram defendendo a adoção de um Código Internacional de Transporte Marítimo de Combustível Nuclear Irradiado.

Sete anos após o acidente de Chernobyl, os medidores de radiação indicavam níveis de cinco a dez vezes acima do normal,

sendo que, em algumas localidades da região, os níveis atingiam em torno de cinco mil pontos.

A Organização Mundial da Saúde recebe com regularidade informações médicas atualizadas sobre 200 mil pessoas da Bielorrússia, 600 mil da Rússia e 340 mil da Ucrânia, em função de Chernobyl (OMS considera Chernobyl...1993).

### 3.8 Legislação

*O direito precede a ciência, e, talvez, a engendre; ou melhor: uma origem comum, abstrata e sagrada os reúne*

*Michel Serres*

Ao falar das primeiras leis sobre a Terra, o filósofo francês Serres (1991) nos remete à história da civilização egípcia nas margens do Nilo. As enchentes inundavam os limites dos campos utilizados na agricultura no vale que o rio fecundava. Quando da estiagem, funcionários reais, chamados harpedonaptas, agrimensores ou geômetras, mediam as terras tomadas pelo limo e iôdo, para redistribuí-las. E assim a vida recomeçava. Assinala ainda Serres:

**"O primeiro sacerdote que, com esta ponta de corda na mão, tendo cercado um terreno, viu os vizinhos satisfeitos com os limites do terreno, foi o verdadeiro fundador do pensamento analítico e, a partir dele, do direito e da geometria" (1991,p.68).**

A unidade temática **legislação** se colocou pela necessidade de verificarmos que nível de destaque tais questões tinham no conjunto da página de meio ambiente. De saída, se colocaram como os melhores índices aspectos relativos às legislações **nacionais e internacionais**, além do registro de **ações e conflitos** na justiça. E, como nas demais unidades, registramos todo o material que não se enquadrasse, no índice **outras**. Esta unidade temática ficou em oitavo lugar, com uma centimetragem de 1.468, representando cerca de 3,60% de todo o material. Foram examinadas 396 matérias, sendo que 99 delas em abertura de página.

Uma boa parte do material dizia respeito aos aspectos que envolviam normas reguladoras das relações comerciais. Enquanto o governo brasileiro, por exemplo, apoiava o documento da Rodada do Uruguai do Acordo Geral de Tarifas e Comércio sobre barreiras técnicas ao comércio, a entidade ambientalista **World Wide Fund for Nature** divulgava na Suíça um relatório. O documento apontava que

o acordo implicava numa reversão nos esforços para a elevação dos padrões ambientais (TACHINARDI,1993).

Considerados os textos da unidade utilizados em abertura de página, tivemos uma centimetragem de 649, cerca de 4,08% de todo o material examinado. **Legislação** ficou, assim, com a sétima posição.

Dentro da escala de favorabilidade a unidade chegou aos 1.390 pontos em números absolutos. Este valor, dividido pelo número de edições, deu à unidade 5,91 pontos, o que colocou a mesma em sétimo lugar. (Ver Anexo A)

Se considerarmos a unidade pelos respectivos índices teremos o seguinte quadro: **nacional** com 624cm, **internacional** 488cm, **disputas/ações** com 301cm, e por último 55cm para o índice **outras**.

O **Financial Times**, refletindo as discussões sobre as questões relativas à economia, abriu grandes espaços para o debate sobre os reflexos das disputas ambientais no comércio internacional. A Gazeta Mercantil reproduziu algumas matérias. No debate travado na Organização Mundial de Comércio (OMC), ganhou destaque as análises que são desenvolvidas pelo **Institute for Internacional Economics**, com sede em Washington. Os ambientalistas, segundo este Instituto, apontam para os seguintes fatos: que a liberalização



do comércio, com o correspondente crescimento econômico, venha a aumentar a exploração desordenada do meio ambiente, acelerando os já avançados processos de esgotamento das diversas reservas; que os países com legislações ambientais mais brandas obtenham vantagens competitivas nas relações comerciais; que as normas comerciais passem por cima de legislações ambientais regionais e locais mais avançadas na idéia de preservação; e por último, o fato de que as normas do Gatt sejam utilizadas para controlar os insubordinados contra a ***nova-ordem-mundial-de-uma-economia-globalizada***.

É interessante assinalar que tais análises indicam também que o crescimento econômico eleva os padrões de cuidados com o meio ambiente. A principal causa do desmatamento, por exemplo, é a produção de lenha. Com a implantação de sistemas alternativos diminui a utilização de madeira para esse fim. A qualidade do ar e da água melhora com o aumento da renda dos países emergentes.

Existe uma complexa relação entre as legislações, as questões ambientais e o denominado livre comércio. O Brasil, no ano de 1993, não estava conseguindo cumprir compromissos assumidos para ter acesso ao mercado norte-americano de carne bovina. Um relatório de um funcionário do governo americano que, durante um mês esteve no país, para averiguar as condições de fiscalização

sanitária da carne bovina industrializada e enviada para os EUA, apontava para o fato de que o produto exportado não obedecia aos padrões da legislação do país.

No entanto, analisando o documento Diretrizes Básicas em Matéria de Política Ambiental do Mercosul, o jornal destaca o fato de que o Brasil tem uma legislação ambiental mais ampla e avançada do que os demais países do bloco.

Embora a unidade temática tenha ficado com a oitava posição, cerca de 1.468cm ou 3,60% de todo o material examinado, é possível perceber que as questões relativas às legislações ambientais aumentam de importância. E que existe uma estreita conexão entre aspectos relativos às leis e todas as outras instâncias do processo produtivo como um todo. Os denominados processos de globalização colocam na ordem do dia a discussão de leis igualmente globalizadas.

### 3.9 Camada de Ozônio

***A imaginação não é, como sugere a etimologia, a faculdade de formar imagens da realidade; é a faculdade de formar imagens que ultrapassam a realidade, que cantam a realidade.***

***Gaston Bachelard***

Existe uma certeza: somos protegidos dos raios solares ultravioletas pelo o ozônio encontrado na estratosfera. Desde 1979, quando se descobriu que estava ocorrendo uma redução do ozônio, na altura do continente antártico, este é um tema em permanente evidência em todas as instâncias do debate sobre a sustentabilidade.

Esta unidade temática foi estruturada a partir de três índices: **proteção/novas tecnologias**, **legislação**, **ciência**, além do índice **outras** para o registro do material restante. A idéia de **proteção/novas tecnologias** foi com o objetivo de registrar as matérias que expressassem, exatamente, noções efetivas de proteção, bem como o emprego de novas alternativas. O índice **legislação** teve por finalidade o registro de tudo que está sendo proposto, tanto no plano nacional como internacional, com o objetivo de instrumentalizar medidas de proteção da camada de ozônio. E o índice **ciências** o de registrar as matérias indicativas de novos avanços no entendimento da questão.

A unidade temática **camada de ozônio**, em termos de centimetragem global, ficou na nona colocação com um total de 1.239cm, representando cerca de 3,04% do total do material examinado. (Ver Anexo A)

Independente do peso da unidade temática em relação ao conjunto do material, foi possível verificarmos a presença das duas idéias básicas que nortearam a pesquisa. De um lado, a idéia de sustentabilidade e, de outro, as múltiplas relações entre as diversas esferas envolvidas com as questões relativas ao meio ambiente. Nessa unidade temática se verificou uma presença bem efetiva de vários segmentos empresariais.

Na escala de favorabilidade a unidade ficou com o oitavo lugar. Atingiu 1.220 pontos em termos absolutos, cerca de 5,19 pontos. Na edição dos dias 6 e 8 de março, a página de meio ambiente deu destaque para um relatório da Organização Meteorológica Mundial, da ONU, apontando para uma redução da camada de ozônio de 9 a 20% em cima da maior parte do hemisfério norte. As informações e dados sobre a questão são os mais desencontrados.

A mesma Organização, através de vários estudos constatou uma redução da camada de ozônio, nas zonas iluminadas pelo sol da Antártica, durante o mês de agosto (SILVEIRA,1993). Já cientistas britânicos constataram que a camada de ozônio da Antártica tinha atingido o seu nível mais profundo com a destruição de dois terços da faixa protetora (CIENTISTAS detectam nível...1993).

Considerando o item abertura de página, a unidade temática ficou com apenas 395cm, cerca de 2,48%. A Agência de Proteção Ambiental norte-americana proibiu a liberação, na atmosfera, de gases tipo freon, usados atualmente em geladeiras e aparelhos de ar condicionado. Segundo estudos da agência, mais da metade dos gases utilizado vazam durante a vida útil dos equipamentos. Numa primeira estimativa, anualmente, a agência calcula que são liberados 111 mil toneladas de gases CFC.

A empresa Coca-Cola anunciou (em 1993) um plano de substituição de seus equipamentos que utilizam gases CFC. Esta empresa pretende utilizar tecnologias alternativas. O principal desafio é a substituição do CFC nas máquinas *pós-mix* e *pré-mix*, utilizadas na venda de refrigerantes em copo (ADEODATO,1993). Nessa mesma direção, a General Motors do Brasil anunciou que seus veículos com equipamentos de ar condicionado não mais usarão o CFC. A empresa substituirá o produto pelo gás HFC, mas ainda utilizará cerca de 40t do CFC para a fabricação de componentes de espuma (MANCINI,1993).

Embora a unidade temática tenha sido pouco expressiva em termos de centimetragem, se percebe uma grande preocupação com o problema. O Banco Mundial, por exemplo, liberou no ano de 1993, cerca de 10,9 milhões de dólares para projetos de redução do

CFC. Os recursos saíram do Fundo Multilateral de Proteção da Camada de Ozônio, mantido pelas nações desenvolvidas (BANCO Mundial libera...1993). Nos Estados Unidos foi estabelecido que o prazo final para eliminação do uso do CFC é em 2001.

No Brasil, o Ibama (ano 1993) começou a controlar o uso de produtos nocivos à camada de ozônio, estabelecendo, num primeiro momento, o efetivo cadastramento das empresas que operam com o CFC (VILARDAGA,1993). Foram examinadas 148 matérias, sendo 24 delas em abertura de página.

### **3.10 Matrizes energéticas**

***A maior parte das reflexões sobre a importância da energia em nossas sociedades restringe-se a pontos de vistas parciais.***

*Daniel Hémerly et al.*

Para evitar algumas dessas visões parciais, os autores de ***Uma História da Energia***, entre eles Daniel Hémerly (1993), propõem o conceito de sistemas energéticos, com o objetivo de abarcar as características ecológicas e tecnológicas, bem como as estruturas sociais de apropriação e gestão das fontes de energia. Esta foi a noção, a partir da qual, trabalhamos com esta unidade temática.

Em 1880, em Nova York, Thomas Edison colocou em funcionamento a primeira companhia elétrica do mundo. Num pequeno galpão, localizado na *Wall Street*, ele conectou uma caldeira de carvão com um motor movido a vapor e a um dínamo. Este conjunto foi ligado a vários fios que, subterraneamente, se estendiam até um edifício próximo. E quando as chaves foram acionadas, na estação de *Pearl Street*, no dia 6 de setembro de 1882, cerca de 158 lâmpadas (também um projeto de Thomas Edison) se acenderam. Os primeiros clientes da Companhia Edson de Iluminação Elétrica foram: *J.P. Morgan* e o jornal *The New York Times* (FLAVIN;LESSEN,1994).

Desde a época de *O Capital* de Marx, temos alguns elementos para uma reflexão sistemática sobre as relações do homem com a natureza, e no centro das quais encontramos a idéia de energia. Até hoje, não foi inteiramente ultrapassada a noção de modo de produção. Este é ainda um campo de imanência. Para Marx **"...toda produção é apropriação da natureza pelo indivíduo, no interior de uma forma social determinada por esta..."** (MARX apud HÉMERY:1993,p.10). O pensador alemão concebe, no *O Capital*, a lógica da destruição tendencial do meio ambiente pelo modo de produção capitalista, mas acaba privilegiando dois outros aspectos do processo: o capital e o trabalho. Com o tempo o marxismo perdeu

de vista a relação sociedade-natureza. Ao perder de vista as múltiplas relações entre as determinantes naturais e as sociais, ficaram abandonadas as possibilidades de uma reflexão que estabelecesse a relação entre as instâncias sociais de produção e a biosfera.

Os marxistas passaram a considerar os problemas energéticos apenas como problemas relativos à produção e às relações de troca. Ainda estão presentes, em grande parte, quando discutimos as questões energéticas, alguns referenciais do campo de imanência marxista. Não se trata de uma crítica ao paradigma marxista, mas um importante registro.

A unidade temática **matrizes energéticas** teve apenas 878 centímetros, representando cerca de 2,15% de todo o material examinado em 235 edições, ocupando assim a décima posição. Compusemos com o índices **racionalização, alternativas, previsões e outras**. O índice **alternativas** ficou com a maior centimetragem, cerca de 421. (Ver Anexo A)

A principal razão da baixa centimetragem da unidade como um todo se deveu ao fato do jornal possuir uma editoria só para as questões referentes à energia. Examinamos 168 matérias, sendo que 149 foram utilizadas em abertura de páginas. Na escala de favorabilidade, as poucas questões referentes às matrizes



energéticas obtiveram 878 pontos, representando 3,45%, a décima posição.

O debate sobre as questões energéticas está permeando toda a discussão sobre a necessidade de políticas de auto-sustentabilidade. Para alguns estudiosos, o mundo está permanentemente oscilando entre uma e outra crise energética, fato que coloca em jogo a economia global.

Um estudo desenvolvido pelo *World Energy Conference* (Conferência Mundial sobre Energia) concluiu, em 1989, que por volta do ano 2020 o mundo estará fazendo uso de pelo menos mais 75% de energia, ainda fornecida pelo carvão, pelo petróleo e pela energia nuclear (FLAVIN; LENSSEN apud BROWN; 1993).

## 2.11 Oceanos

***Os oceanos podem parecer invulneráveis, mas estão sujeitos às mesmas pressões básicas que degradam o ambiente terrestre -rápido crescimento populacional, expansão industrial...***

*Peter Weber*

Para um grande número de pesquisadores, a real base ecológica da biosfera são os oceanos. Se tomado todo o complexo hídrico, desde águas salobras e rios que desembocam diretamente

no mar, considerando ainda as profundezas do oceano, teremos perto de 90% do hábitat mundial (WEBER apud BROWN;1994).

Cerca de três quartos de toda a poluição que atinge hoje os oceanos é proveniente de atividades desenvolvidas em terra. A degradação das áreas costeiras em decorrência dos acelerados processos de urbanização é uma realidade. Em torno da metade de todos os mangues, banhados e outros ecossistemas costeiros do mundo têm sido desmatados, drenados e passado por outros processos de destruição. Por levantamentos da ONU, entre 20 e 30 milhões de pessoas mais pobres do mundo migram de regiões agrícolas para as grandes megalópolis. As áreas urbanas são uma ameaça permanente aos mares.

A página de meio ambiente do jornal atribuiu muito pouca importância para matérias referentes a oceanos. Construimos a unidade temática com a idéia de que seria possível estabelecer algumas inferências a partir de um conjunto de distinções. Acreditamos que haveria uma relação entre o espaço aberto, menor ou maior, para os índices *nacional* e *internacional*. Estabelecemos ainda o índice *recursos* com a idéia de registrarmos as matérias que indicassem algum tipo de relação com os recursos disponíveis nos oceanos.

Verificamos que as diferenças de centimetragem entre os índices foi muito pequena, pouco expressiva para fornecer algum indicativo mais preciso. O índice *nacional* ficou com 204cm, sendo que 76 foram em matérias de abertura de página. O índice *internacional* obteve a centimetragem de 255, mas 88cm foram para matérias de abertura de página. E *recursos* ficou com 246cm. O índice *outras* ficou com apenas 42cm.

Em quase sua totalidade, esta unidade temática se constituiu de ocorrências envolvendo grandes petroleiros. Nos primeiros dias de 1993, a região costeira da Inglaterra foi atingida por um grande vazamento de petróleo. Um petroleiro de bandeira liberiana que transportava 84 mil toneladas do produto encalhou causando vazamento. Ainda no mês de janeiro, um super petroleiro, com dois milhões de barris de petróleo, foi destruído por um incêndio no norte de Sumatra. Enquanto um outro petroleiro, de bandeira dinamarquesa, com 255 mil toneladas de petróleo, foi abandonado pela tripulação após um choque com outro petroleiro (BUXTON,1993).

Nesta unidade temática ocorreu uma sintonia entre a baixa centimetragem e a baixa pontuação na escala de favorabilidade. A unidade atingiu 700 pontos em números

absolutos, em verdade, 2,98 pontos, ficando com a décima primeira posição dentre todo o material examinado.

Foram analisadas 396 matérias, sendo que 266 foram para abertura de páginas, representando 1,67%. A distribuição entre os índices foi a seguinte: **nacional** com 325cm, **internacional** com 114cm, **recursos** 155cm e **outras** com apenas 55cm. (Ver Anexo A)

As indústrias que dependem diretamente do mar, de modo mais imediato, já sentem os reflexos da crescente degradação biológica dos oceanos. A pesca marinha que fornece ao mundo mais da metade da proteína animal enfrenta uma crise sem precedentes (WEBER apud BROWN;1994). Segundo a Organização de Alimentação e Agricultura ONU, os estoques pesqueiros em todo o planeta estão no limite. A crescente indústria do turismo tem sido atingida, cada vez mais, pela destruição das regiões litorâneas.

Os oceanos cobrem aproximadamente 70% da superfície do globo terrestre, com cerca de 97% da água do planeta. E é certo que a sua função mais importante é a de regular o clima global por meio de processos físicos e biológicos. Pois ao produzir um terço da metade do estoque global de oxigênio, eles nos ajudam a regular importantes processos biológicos. Tem avançado a idéia de que os oceanos são um bem comum, são áreas compartilhadas e que necessitam de uma governabilidade mundial.

#### 4. CONCLUSÕES

*Quantas vezes ouvimos repetir que as distâncias diminuem e que o nosso globo não pára de encolher, seria urgente tirar daí as consequências!*

*Paul Virilio*

A conclusão retoma os aspectos mais relevantes dos capítulos anteriores e procura estabelecer novas possibilidades e/ou inferências. Tratou-se aqui de uma **contribuição** ao estudo das relações entre empresariado e ambientalismo, tendo por suporte um veículo de comunicação de massas, através do emprego de algumas das técnicas do método de análise de conteúdo.

Demarcamos desde o início os limites dessa configuração. A conclusão está, portanto, atrelada ao quadro de uma **contribuição**, sendo que não partimos de uma hipótese. Na plataforma teórica fixamos dois conceitos para efeito de **leitura** do objeto de pesquisa: desenvolvimento sustentável e ambientalismo multissetorial. As conclusões estão, igualmente, atreladas à operacionalidade destes dois conceitos.

Mantidas as atuais tendências de uso dos recursos e de crescimento populacional, segundo cálculos de diversos organismos

internacionais, em torno do ano 2010, deverá ocorrer uma redução de cerca de 20% na disponibilidade de áreas destinadas a pastagem. O setor pesqueiro terá uma redução de 10%. Estes dois setores fornecem a maior parte da proteína consumida pela humanidade. Uma outra estimativa aponta para a redução das áreas cultivadas com irrigação. A área plantada terá uma diminuição de 21%, e as florestas deverão perder em 30% de sua área atual (POSTEL apud BROWN;1994). Tendências do pensamento ambientalista já não discutem apenas aspectos relativos a sustentabilidade, mas os limites dessa capacidade. Mesmo considerando os ganhos em tecnologia/produtividade e um grau mais elevado de consciência ambiental, não foram reduzidos os impactos produzidos por uma população mundial de 5,5 bilhões de pessoas. A correlação entre a população 1/5 mais rica e a 1/5 mais pobre, que era de 30 para 1 na década de 60, passou para de 59 para 1, no ano de 1989 (POSTEL apud BROW;1994).

Uma projeção média realizada pela ONU aponta para o fato de que a população mundial será de 8,9 bilhões de pessoas, em torno do ano 2030. Na década de 80/90, a área mundial disponível para agricultura cresceu apenas 2%, indicativo de que os ganhos na produção mundial de alimentos ocorreu pelo crescimento da produtividade. Um estudo denominado Taxa Global de Degradação

do Solo, contando com o trabalho de 250 cientistas, por um período de três anos, descobriu que 550 milhões de hectares de solo estão em fase de esgotamento como resultado imediato de métodos e práticas agrícolas inadequadas (POSTEL apud BROWN;1994).

#### **4.1 Sustentabilidade e multissetorialidade**

Na unidade *desenvolvimento*, por exemplo, onde os índices foram *sustentabilidade, agências e ação empresarial* foi possível constatarmos o avanço da concepção de que é preciso criar verdadeiras redes de sustentabilidade, pois a fragmentação das políticas empresariais e públicas (ambientalizadas) seria uma variante contrária aos atuais processos de globalização.

Os setores empresariais que se colocam na vanguarda são aqueles que perceberam o crescimento dos negócios de bens e serviços ambientais. Os graus diferenciados de consciência e de intervenção real, no sentido de avanço e da melhoria das relações empresariado/ambientalismo, estão condicionados pelo que denominamos de novas configurações. Na verdade, se constituiriam num outro importante aspecto dos atuais processos de globalização. Estas novas configurações refletiriam o processo de globalização-ainda-fragmentada.

Numa unidade temática como **urbanismo**, cujos índices foram **planejamento, crescimento e qualidade de vida**, existe uma forte presença empresarial, mas as cidades são uma esfera pública. Mesmo com todo o processo de desregulação. Ocorre um verdadeiro estrangulamento dos centros urbanos com problemas que vão desde a destinação das toneladas de lixo produzidas diariamente, até a absoluta incapacidade das atuais estruturas suportarem os processos de crescimento desordenado. Esse caos urbano tem deslocado as atividades empresariais para localidades menores, onde as populações alertadas pelos acelerados processos de comunicação exigem padrões mais elevados de controle ambiental. A questão do urbanismo ainda é tratada muito mais como sendo da esfera pública.

Em **políticas ambientais**, onde construímos os índices **flora, fauna e solo** verificamos os mais diversos graus de entrelaçamento entre os interesses ambientais e empresariais. O processo de destruição das florestas ainda é acelerado, mas as ações pela preservação e reconstituição de áreas destruídas têm ganho cada vez mais espaço. São bem diversificados os projetos que visam a sustentabilidade. Nesse âmbito, é forte a presença da atividade ambientalista, tanto em termos de uma vigilância e educação, como também por propostas alternativas voltadas para a



sustentabilidade. Aqui, se percebe ações globalizadas que buscam o caminho do estabelecimento de verdadeiras redes. Há um fortalecimento da idéia de multissetorialidade.

Na unidade **ocorrências**, em especial no índice **provocadas**, verificamos que em função de configurações das mais diversas, ainda é elevada a participação humana na destruição da biodiversidade. Mas aqui, o registro maior foi para as matérias que relatavam **ocorrências naturais**. O fato se explica: o suporte examinado (jornal) trabalha em cima daquilo que já denominamos de registro das singularidades do cotidiano. A esse índice demos uma pontuação, na escala de favorabilidade, neutra. O índice **ocorrências naturais** foi um contraponto ao índice **ocorrências provocadas**. Estas últimas eram, de fato, as informações que interessavam.

Em **recursos hídricos** verificamos uma forte relação entre as atividades empresariais e as preocupações ambientalistas, pelo fato de que o esgotamento e a destruição de mananciais atinge a todos nós. Há uma intrincada relação no que se refere ao **abastecimento**, tema de um dos índices construídos para o exame do material. Ainda são grandes as práticas poluidoras, tema de outro índice. E verificamos uma forte presença empresarial nas atividades de recuperação por ser um negócio lucrativo. Existem ainda relações

complexas, a nível desta questão, envolvendo os setores privado e público. Aqui também está presente a atual tendência à privatização de um maior número possível de atividades até agora consideradas de competência exclusivamente pública. Foi possível verificarmos uma crise real nessa área, pois aqui percebemos aspectos relativos ao esgotamento das reservas. Em *recursos hídricos* a ação ambientalista e da mídia tem sido determinante para uma melhoria das condições atuais.

A unidade temática *reciclagem* é central nas considerações sobre as relações entre empresariado e ambientalismo. De um lado, temos a atividade empresarial de racionalização de recursos, de maior lucratividade, de economia de energia, de aumento de produtividade; e de outro lado, toda uma atividade ambientalista reeducativa dos mais diversos segmentos sociais. É intensa a reciclagem domiciliar em função de graus cada vez mais elevados de consciência, determinados pela ação dos processos comunicativos. Também é forte a atividade de reciclagem industrial, pelos aspectos já apontados, sendo expressivo o surgimento de novas tecnologias. Embora esta unidade tenha ficado em sexto lugar, em termos de ceteris paribus, verificamos aqui um verdadeiro entrelaçamento de interesses empresariais e ambientais. De um lado, as pressões ambientalistas, de outro, a procura

constante de maior produtividade no capitalismo aproximaram os interesses criando algumas redes de sustentabilidade.

O espaço aberto às matérias referentes aos assuntos da área nuclear foi muito pequeno, e a pontuação em termos de favorabilidade das mais baixas. A concepção editorial no tratamento da unidade temática **nuclear** foi de absoluta coerência. Percebermos que esta questão é, frequentemente, tomada como sendo da esfera pública. Mas é grande a sua utilização em atividades da área privada. É confusa e pouco transparente a ação governamental em relação ao Programa Nuclear Nacional, em especial no que diz respeito às Usinas Nucleares de Angra I e II. Na unidade temática verificamos uma forte presença da ação de grupos ambientalistas internacionais. A rigor, a questão nuclear, não está muito presente no noticiário.

Na unidade temática **legislação** é possível termos uma idéia de algumas das variantes dos atuais processos de globalização. Construimos os índices **nacional**, **internacional** e **ações/disputas**, e estes obtiveram 624, 488 e 301cm, respectivamente. Muitos aspectos relativos às legislações ambientais se cruzam com interesses empresariais, tanto em termos de exploração de recursos como comerciais. Existem disputas ambientais no plano do comércio internacional. Setores empresariais

apostam em fóruns e mecanismos globalizados de regulação-normatização. Ambientalistas alertam que o denominado livre comércio, com correspondente crescimento econômico, poderá acelerar o esgotamento de diversas reservas.

A unidade temática **camada de ozônio** estruturada a partir dos índices **proteção/novas tecnologias, legislação e ciência**, embora envolva fortemente as atividades empresariais, não obteve um correspondente destaque. As matérias, em sua maioria, apresentavam informações referentes à substituição ou redução do CFC.

Outra unidade temática que recebeu pouco destaque é a que se referia às **matrizes energéticas**, pelo fato do jornal trabalhar com uma editoria específica para essa área. É preciso registrar este dado, pois as questões energéticas não foram examinadas e/ou divulgadas nas páginas de meio ambiente.

Por último, a unidade temática **oceanos** ficou com a mais baixa centimetragem. As questões referentes aos oceanos, uma área compartilhada e de bem comum, não foi destacada pelo jornal como sendo uma questão prioritária para a área empresarial, embora se perceba a existência de muitos interesses em jogo, envolvendo os recursos pesqueiros. Nessa unidade, verificamos uma forte ação dos grupos ambientalistas.

Todo o material registrado, em cada unidade temática, com seus respectivos índices, foi submetido a uma escala de favorabilidade. A quase coincidência entre a centimetragem e a pontuação, na escala construída, foi indicativo da coerência editorial no tratamento das matérias publicadas. Uma unidade como **desenvolvimento** atingiu uma determinada centimetragem alta e idêntica pontuação. Enquanto que a unidade temática **nuclear** com baixa centimetragem recebeu também uma pequena pontuação. Esta correlação não invalidou o procedimento adotado. O jornal Gazeta Mercantil, ideologicamente, traduz as questões do universo ambientalista para o universo empresarial. Essa tradução se faz através de uma visão empresarial ambientalizada das questões relativas à sustentabilidade, bem como a partir de um entendimento do entrelaçamento de diferentes instâncias, apontando para uma multissetorialidade.

A **leitura** construída teve por objetivo o registro, o mais abrangente possível, dos temas resultantes do cruzamento dos indicativos da literatura ambientalista e das próprias opções editoriais do jornal. A grade não teve por objetivo o registro dos temas não abordados pela Gazeta, pois haveria necessidade do selecionamento de outros referenciais e um outro tipo de mensuração.

Ao final da *leitura* realizada a partir de 11 unidade temáticas, cada uma delas integrada por 4 índices, perfazendo um total de 44 unidades de informação, cuja grade foi aplicada a 235 edições, não é possível estabelecer inferências sobre a maior ou menor de ambientalização de qualquer setor. É possível afirmarmos que o jornal Gazeta Mercantil, em sua página de meio ambiente, reflete os interesses e as necessidades de maiores informações sobre o tema.

Podemos estabelecer como uma importante inferência o fato de que o jornal traduz com coerência o peso atual atribuído às questões ambientais. O objetivo da Gazeta não é o de um veículo de denúncias, embora estas apareçam com alguma freqüência.

#### **4.2 Novas globalizações**

No atual estágio dos debates sobre os fenômenos relativos à globalização existe ainda uma preocupação com o ordenamento de uma série de informações; e só mais recentemente estão se desenvolvendo algumas *teorias*. Teorias que, como assinalamos, indicam incertezas.

Para o filósofo Deleuze (1993,p.27) “...**todo conceito remete a um problema, a problemas sem os quais não teria sentido...**”

Ou ainda: todo conceito tem uma história.

Com o livro *Os Meios de Comunicação como Extensões do Homem*, de McLuhan (1964) ficamos, pela primeira vez, diante da expressão *aldeia global*. Tratava-se do estudo dos primeiros fenômenos e/ou impactos causados por uma revolução tecnológica que se prenunciava, através da incorporação da TV em nossas vidas. Assim como o telefone acelerou diversos processos, a TV instaurou uma nova era. A revolução teletecnológica a partir da década de 70, definitivamente, nos colocou diante de um número cada vez maior de ecrans. Não mais entramos nas cidades por um portão ou pelo porto, mas pela tela. De alguma forma McLuhan anunciava a Internet.

O debate atual não é mais sobre a necessidade de práticas de sustentabilidade, mas os limites da mesma. A pergunta que, cada vez mais, está sendo colocada na ordem do dia diz respeito a que ponto poderia a população mundial crescer e a produção aumentar sem ultrapassar os limites da sustentabilidade, limites dentro de uma compatibilidade de disposição de rejeitos e que não esgotem os recursos.

O ex-secretário de Defesa dos Estados Unidos e ex-presidente do Banco Mundial propõe uma equação. Para saber se um determinado país caminha na direção do desenvolvimento com sustentabilidade, seria preciso relacionar os futuros níveis populacionais e os futuros padrões de consumo com seu respectivos impactos sobre o meio ambiente. Para ele, as agressões ambientais são resultantes, basicamente, de três fatores: aumento da população, aumento do consumo *per capita* e mudanças nas tecnologias que possam levar à redução das agressões ambientais (McNAMARA 1994).

Um dos aspectos mais relevantes dos atuais processos de globalização é o crescente aumento das discrepâncias entre as novas governabilidades nacionais, incluindo aí novas práticas econômicas, financeiras e democráticas (ou não) e a ingovernabilidade internacional, dada pela imobilidade dos organismos internacionais, quando não estão em jogo os interesses dos pólos de dominação.

A administração de assuntos globais estabeleceu uma verdadeira divisão de trabalho entre os Estados Unidos, a Alemanha e o Japão. Os norte-americanos têm a liderança nas questões que envolvem a segurança mundial. A Alemanha tem a responsabilidade da articulação da reconstrução do leste europeu. E o Japão está



voltado para os países em desenvolvimento, para os projetos de proteção ambiental e de sustentabilidade (TAKAHASHI apud VELLOSO; MARTINS,1994).

A velocidade imposta pela revolução teletecnológica esta forçando o aparecimento de novas configurações. Para os especialistas, uma nova desordem mundial está emergindo. Em torno das lideranças (dos Estados Unidos, Alemanha e Japão), os denominados países emergentes se articulam na criação de seus próprios espaços. Daí, os atuais processos de globalização regionalizadas. Os mecanismos produtivos, nas últimas décadas, se globalizaram e se desnacionalizaram, enquanto que os países procuram uma aproximação com a abertura de zonas de livre comércio. Dois megaespaços chamam a atenção mundial. O espaço econômico europeu, resultante da fusão do Mercado Comum Europeu (CEE) e *European Free Trade Association* (EFTA). E um segundo grande espaço é o Nafta, reunindo os Estados Unidos, Canadá e México. Estes blocos compreendem o Produto Nacional Bruto (PNB) de aproximadamente 6 trilhões de dólares e uma população de 360 milhões de pessoas. Os dois megaespaços movimentam cerca de 65% do comércio internacional, sendo que do restante, 16% cabe ao Japão e 19% fica com o resto do mundo (BARBOSA,1994). Para intervir de maneira mais eficaz nesse quadro, a diplomacia brasileira, no

interior do Itamaraty, criou um Comitê Empresarial Permanente. A velocidade das transformações impõem novas configurações. A concorrência é cada vez mais globalizada. Para competir as empresas, em escala internacional, procuram absorver bens especializados e recursos como conhecimento tecnológico, esquema organizacional, redes de fornecedores, conhecimentos de mercado e outras variantes.

O filósofo francês Deleuze, apropriadamente, afirma que todo o conceito é um paradoxo. Os processos atuais em andamento apontam para fenômenos nos quais os homens procuram encontrar novas palavras e expressões: mísseis inteligentes, bombardeios cirúrgicos, sedentários em movimento, globalização regionalizada. Esta última, seria uma microeconomia da globalização como fenômeno mais geral. Um aparente paradoxo na esfera das conceituações.

#### **4.3 O vetor velocidade**

Um dos aspectos conclusivos é o de que o vetor velocidade, mais do que nunca nesse final de século, estabelece novas formas de poder e um complexo de relações homem-natureza nunca antes imaginados. O filósofo Husserl, em 1934, previu a cerca

das ciências, um quadro só vislumbrado agora, após a revolução eletroeletrônica. Dizia ele que:

***“Deparamos agora de fato com o grande problema do sentido legítimo de uma ciência universal e puramente física da natureza, de uma ciência astronômica-física relativa à infinidade astronômica, e no sentido da física dos tempos modernos, e com o problema de uma ciência da infinidade interna, da infinidade do contínuo da matéria em atomização - a física atômica. Nestas ciências da infinidade da natureza no seu conjunto, considera-se em geral que as carnes não passam de corpos acidentalmente singularizados, que poderiam assim, de maneira concebível, ser inteiramente suprimidos, e que por conseguinte é possível uma natureza em organismos, sem animais, sem homem” (HUSSERL apud VIRILIO:1993, p.111).***

Não é mais possível conhecermos a posição de um determinado conceito e ignorar sua velocidade, que em realidade, se constitui na sua veracidade. Ou ainda: conhecer sua velocidade/operacionalidade e desconhecer sua posição.

É a partir de uma perspectiva idêntica que o filósofo Serres formula uma questão teórica da qual não podemos escapar, ainda mais quando se tem pela frente os limites próprios de uma dissertação de mestrado, onde se impuseram um infindável número de cortes. Esta questão é a que se refere às idades/tempos dos conceitos.

Se pergunta ele: como datar um conceito matemático em Leibniz, considerando o fato de que existem pelo menos uma três idades para cada conceito? Em nosso caso: que idades poderiam ser, por exemplo, apontadas no conceito de desenvolvimento sustentável?

Para Serres, existem no mínimo três idades: a **idade de sua aparição** dentro de um determinado campo; a **idade de sua reativação**, no conjunto do sistema que lhe dá um sentido inteiramente novo; e uma **idade recorrente** de seu poder num dado contexto e que só agora com o nosso **olhar** presente/atual é possível avaliar. Se consideramos como ponto inicial de observação a ordem cronológica o que, de fato conta, é a **idade de sua aparição**. Mas se tivermos um outro ponto de partida, como por exemplo, de como um conceito se articula num determinado campo, o que importa é o sentido de sincronia, é a **idade de sua reativação**. E se nos colocarmos, por último, num outro plano o que importa é a **idade recorrente**, o de sua validade histórica. Para Serres (1990) este último sentido é o que, em realidade, se constitui na sua verdade científica.

Trabalhamos com o conceito de **desenvolvimento sustentável** e de **ambientalismo multissetorial**, no plano da **idade de sua reativação**, ou seja, no plano do que estes conceitos

rearticulam de novo dentro de um dado sistema de relações. Fizemos, evidentemente, referências à **idade de sua aparição**, destacando alguns elementos históricos do ambientalismo e das atividades empresariais. A **idade recorrente** está em aberto. As futuras gerações poderão avaliar a **verdade científica das idéias** com as quais procuramos pensar as relações homem-natureza, nesse final de século, mesmo ao nível de uma **contribuição**.

A velocidade nas mudanças tecnológicas, o crescimento da base de participantes e a própria aceleração na difusão de novas tecnologias tem levado a ciclos de vida tecnológica mais curtos a todos os processos, bem como dos próprios produtos. A decorrência imediata desse fato é a pressão no sentido da obtenção de lucros o mais depressa possível. Mais velocidade em todas as instâncias. Uma variante decorrente desse quadro tem sido a globalização do desenvolvimento tecnológico entre os países mais desenvolvidos, bem como o estabelecimento de alianças estratégicas. Existe toda uma tentativa de aumentar a utilização das instituições multilaterais formais e/ou oficializadas como a ONU, o FMI, o Banco Mundial, o Grupo dos Sete (G7) e o Grupo do Rio, não mais como organismos de simples interação entre Estados, mas também como instâncias de administração coletiva no plano internacional. Essa tendência ao globalismo pós-guerra fria, bem como a tendência de normatividade

dos processos é perceptível diante das conferências internacionais: Meio Ambiente e Desenvolvimento, em 1992; Direitos Humanos, em 1993; População, em 1994; e Mulher, em 1995.

Como parte integrante dessas novas configurações, temos uma proliferação de organizações nacionais e internacionais com sentido não-governamental, mas com um importante peso nos processos decisórios. É claro que a cidadania, nos países desenvolvidos, dispõem de recursos e de níveis de consciência dos problemas globais muito mais aguçada.

Em função do acelerado ritmo de mudanças tecnológicas, o conhecimento está se tornando, cada vez mais, a questão central dos processos produtivos. Toffler denominou essa configuração de *economia simbólica*, onde o poder está com os detentores dos conhecimentos. Nos denominados países emergentes, a questão central continua sendo não só a aquisição de tecnologias, mas a utilização e a difusão com elevados graus de eficiência. A ênfase dada à capacitação tecnológica significa, basicamente, o investimentos em pessoas e não em equipamentos. A utilização eficiente dos novos processos tecnológicos, por parte dos países emergentes do leste Asiático, é decorrente de altos investimentos educacionais.

A velocidade e a qualidade dos processos técnicos de comunicação, compreendendo a atualização dos dados que vão desde o esboço de um projeto até sua execução, é absolutamente essencial para o sucesso dos negócios. Para especialistas ocidentais a assimilação desse vetor tem sido determinante para o avanço da economia japonesa.

As novas tecnologias eletroeletrônicas aumentam os dispositivos de automação. Em todo o mundo, a participação da mão-de-obra nos custos de produção está declinando. Na fabricação de têxteis os custos com mão-de-obra caíram de 30 a 40%, em linhas produtivas inteiramente automatizadas. A competitividade e a velocidade dos lucros são decorrentes de projetos assistidos por computadores, **Computer Aided Design (CAD)**; de máquinas-ferramentas de controle numérico, **Numerically Controlled Machine Tools (NCMT)**; robôs industriais, veículos de direção automática, **Automatic Guided Vehicles (AGV)**; fabricação assistida por computadores, **Computer Aided Manufacturing (CAM)**; armazéns automatizados, **Automated Warehouses**; e sistemas automatizados de ordem e distribuição, **Automated Order and Distribution Systems**. Todo esse universo está voltado para encurtar o tempo entre o projeto de um novo produto e sua produção (DAHLMAN apud VELLOSO; MARTINS, 1994).

No paradigma anterior, de tipo fordista, a estrutura ocupacional, nas fábricas, era hierarquizada. No alto da pirâmide os gerentes, supervisores, assessorados por um grupo de pessoas qualificadas e/ou semi-qualificadas. E logo abaixo, os trabalhadores não qualificados.

No novo paradigma toda a força de trabalho deve ser qualificada. As novas máquinas (com sistemas da microeletrônica) são sensíveis e dependem de operadores com razoável grau de treinamento.

O novo teletrabalhador precisa ter capacidade de raciocinar, de comunicar-se, de resolver problemas, capacidade de iniciativa e ter sempre presente a necessidade de reeducar-se. A educação deve estar voltada para o ensino da linguagem, de outras línguas e conhecimentos gerais. O treinamento para tarefas específicas perde espaço.

Não é mais possível governar os homens da mesma maneira que no início do século, pois os homens do ano 2000 olham, escutam, riem e pensam de forma diferente.

É no contexto das transformações provocadas pelas teletecnologias de ação à distância que precisamos pensar o meio ambiente. Precisamos pensar uma noção ambientalista não mais voltada, pura e simplesmente, para a resolução dos problemas



causados pelas poluições atmosféricas, sonoras e de diversas outras naturezas. É preciso pensarmos a poluição decorrente da imposição, nessa última década do século, da *aldeia global*, de McLuhan; da globalização atual; da cidade mundo, completamente dependente da velocidade imposta pelas telecomunicações. É preciso chegarmos a um novo equilíbrio, a verdadeiras redes de sustentabilidade diante de uma poluição de novo tipo: a poluição dromosférica, resultante do poder decorrente do domínio do vetor velocidade em todos os processos em andamento.

Mesmo considerando os parâmetros e limites estabelecidos por uma *contribuição* é possível apontarmos algumas outras possibilidades de pesquisa. O estudo, por exemplo, da relação de outros atores, através de outros suportes, com a problemática ambiental, como forma de aferirmos os diferentes graus de consciência em torno de tais questões, com uma noção de comparatividade. Ou, até mesmo, a verificação da especificidade da relação empresariado/ambientalismo, através do estudo de suportes especializados nas áreas química, metalúrgica, têxtil, etc. Ainda utilizando algumas das técnicas de análise de conteúdo, mas com sentido comparativo, poderíamos prôpor o estudo de dois ou mais suportes, pois que a Gazeta apresenta a característica de ser um jornal de alta unidade ideológica, em função do segmento a que está

destinada. Daí, a quase que absoluta coincidência dos espaços abertos a cada temática e o grau de tratamento.

A pesquisa desenvolvida indica, por exemplo, a possibilidade de realização de um estudo visando verificar a relação dos agentes públicos (atores) com a questão ambiental, através das publicações oficiais, tendo como suporte os documentos oficiais. A rigor, cada unidade temática poderia se constituir num campo de pesquisa. Como apontamos, na plataforma teórica, a idéia de desenvolvimento sustentável vem passando por inúmeras variáveis. Em cada um dos temas escolhidos (foram 11 unidades temáticas) existem especificidades nas relações empresariado/ambientalismo. Os interesses empresariais no campo da reciclagem, onde há uma preocupação maior com a lucratividade, e também uma maior noção de ambientalização é de um determinado nível. Já no campo do urbanismo as propostas de sustentabilidade se colocam de outra forma. Na unidade temática **nuclear**, por exemplo, aparece muito pouco a presença do empresariado, mas é sabido que é grande a utilização de materiais radioativos na esfera das atividades privadas.

No quadro de uma **contribuição** não é possível estabelecermos inferências, com razoável grau de precisão, sobre que setores são mais ou menos ambientalizados. Existe uma multiplicidade de ações, todas elas resultantes do cruzamento dos

mais diversos interesses em interação com um quadro social de alta mobilidade e com diferentes níveis de consciência. Durante todo o tempo nos deparamos com algumas dificuldades. De um lado, a dificuldade de seleção dos dados e elementos relevantes e/ou determinantes. E de outro lado, a efetiva utilização e/ou construção de esquemas teóricos que, de fato, nos possibilitassem o ordenamento dos dados empíricos. A velocidade-globalizada-fragmentária não nos permite o estabelecimento de certezas por muito tempo.

O pensamento em ciência parece ser uma coleção mecânica de alguns fatos, um conjunto de induções teóricas e alguns insights. Ela (a ciência) é praticada por seres humanos.

***“A pergunta ‘O que é que mais o angustia’, uma jovem personalidade mediática respondia, recentemente: ‘A idéia de tudo ficar estático. De a máquina parar de funcionar... é por esse motivo que nunca tiro mais de dez dias de férias. Tenho horror ao imobilismo’ (VIRILIO, 1993, p. 117).***

Somos todos, cada vez mais, sedentários em movimento, diante de um número cada vez maior de ecrans. A vigilância-globalizada-de-cidadanias (ação nacional/internacional das ONGs) aperta o cerco por normas de sustentabilidade, mas a poluição provocada pela velocidade globalizada ainda está por ser percebida

e avaliada em toda sua extensão. Mais do que nunca, a lógica empresarial é a da velocidade. Este é o novo desafio para o ambientalismo. Este é o novo paradoxo.

***Qualquer discurso do método, dizia Bachelard, é um discurso de circunstâncias.  
Régis Debray***

***O método, dizia Marcel Granet, é o caminho depois de ter sido percorrido.  
Régis Debray***

***Quanto mais os telescópios forem aperfeiçoados, mais estrelas surgirão.  
Gustave Flaubert***

## ANEXO A

### I - ESCALA DE FAVORABILIDADE

Unidade	Índice				Total	total/ num ed
	1	2	3	4		
1	770	770	2300	350	4190	17,83
2	970	320	1450	480	3220	13,70
3	590	1540	60	170	2360	10,04
4	600	170	290	160	1220	5,19
5	2630	1240	260	140	4270	18,17
6	180	250	200	70	700	2,98
7	110	450	110	140	810	3,45
8	1244	1650	2660	300	5854	24,91
9	2400	610	160	4030	7200	30,64
10	670	0	240	200	1110	4,72
11	490	620	230	50	1390	5,91

### II- NÚMERO TOTAL DE MATÉRIAS

Unidade	1	2	3	4	Total
1	23	26	64	11	124
2	64	28	76	28	196
3	45	123	6	15	189
4	68	16	40	24	148
5	460	330	40	20	850
6	42	42	48	12	144
7	21	84	28	35	168
8	272	352	664	72	1360
9	630	171	54	1098	1953
10	330	0	110	70	510
11	143	187	55	11	396
					<b>6038</b>

### III- MATÉRIAS EM ABERTURA

Unidade	1	2	3	4	Total
1	7	5	17	1	30
2	16	12	24	2	54
3	24	48	3	6	81
4	12	8	4	0	24
5	20	50	5	0	75
6	6	6	12	0	24
7	0	14	0	0	14
8	80	88	240	32	440
9	153	36	0	144	333
10	30	0	30	0	60
11	55	11	22	11	99
					<b>1234</b>

### IV-CLASSIFICAÇÃO GERAL EM CENTÍMETROS

UNIDADE	Cm global	Perc.ocup	Geral
9	8.151	19,99%	
8	7.976	19,56%	
1	5.994	14,70%	
5	4.862	11,92%	
2	4.341	10,65%	
3	3.463	8,49%	
10	1.654	4,06%	
11	1.468	3,60%	
4	1.239	3,04%	
7	878	2,15%	
6	747	1,83%	
Total	40.773	100,00%	

## BIBLIOGRAFIA

- ACORDO para controlar a desertificação. **Gazeta Mercantil**, São Paulo, 11,13 set. 1993. p.10.
- ADEODATO, Sérgio. Ernst & Young associa-se a parceiros brasileiros para disputar mercado. **Gazeta Mercantil**, São Paulo, 19 jan. 1993. p.11.
- \_\_\_\_\_, Sérgio. OGNs afirmam que governos adotaram mas não assumiram Agenda 21. **Gazeta Mercantil**, São Paulo, 1 jun. 1993. p.15.
- \_\_\_\_\_, Sérgio. Relatório do INPI mostra técnicas para reciclagem de papel. **Gazeta Mercantil**, São Paulo, 15 junho. 1993. p.13.
- ALEXANDRE, Charles P. Two Yars the earth Summit it's time to take the pulse of the Planet. **Time Internacional**, n.15, p.34.49, novembro. 1994.
- AUMENTO do lixo urbano desafia a capacidade das administrações. **Gazeta Mercantil**, São Paulo, 8 jul. 1993. p.16.
- BACHELARD, Gaston. **A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria**. São Paulo: Martins Fontes,1989. 202p .
- \_\_\_\_\_, Gaston. **A terra e os devaneios da vontade: ensaio sobre a imaginação da matéria**. São Paulo: Martins Fontes, 1991. 317p.
- BAILEY, Jeff. Reciclagem é popular, porém deficitária. **Gazeta Mercantil**, São Paulo, 13,15 mar. 1993. p.14.
- BARALDI, Roberto. Empresas de Caxias do Sul unem-se para construir Centrai de Resíduos. **Gazeta Mercantil**, São Paulo,6 abr. 1993. p.17.
- BARBOSA, Rubens A. Globalismo, regionalismo e competitividade: novos desafios para a política externa brasileira. In: VELLOSO, João Paulo dos Reis; FRITSCH, Winston (coord.) **A Nova Inserção Internacional do Brasil**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994. 220p. p. 171-193. Fórum Nacional.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977. 225p.
- BAUDELAIRE, Charles. **As Flores do Mal**. 5.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994. 658p.
- BRODSKY, Joseph. **Menos que um**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. 230p.
- BROWN, Lester R (org.). **Qualidade de Vida 1993: Salve o Planeta!** São Paulo: Globo, 1993. 336p.

- BUXTON, James. Tragédia ambiental ameaça a costa da Grã Bretanha. **Gazeta Mercantil**, São Paulo, jan.1993. p. 10.
- CARDONA, Ismar. Projeto do Pró-Natura em Mato Grosso é considerado modelo pela ONU e pelo BID. **Gazeta Mercantil**, São Paulo, 29 abr. 1993. p.15.
- CARVALHO, Maria Cristina. Comprar terra para conservar. **Gazeta Mercantil**, 14 jul. 1993.p.14.
- CHALMERS, Alan. **A fabricação da Ciência**. São Paulo: UNESP, 1994. 185p.
- CIENTISTAS detectam nível recorde de destruição da camada de ozônio. **Gazeta Mercantil**, São Paulo, 6 out. 1993. p.13.
- COMISSÃO MUNDIAL SOBRE MEIO AMBIENTE E O DESENVOLVIMENTO. **O nosso futuro comum**. 2 edição. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas,1991. 430p.
- COMTE, Augusto. **Opúsculos de filosofia social: 1819-1828**. Porto Alegre: Globo, São Paulo: USP,1972. 233p.
- CORDELLIER, Serge; LAPAUTRE, Catherine (coord.). **O Mundo Hoje/1993: anuário econômico e geográfico mundial**. 2 ed. São Paulo: Ensaio, 1993. 499p.
- CROSBY, Alfred W. **Imperialismo Ecológico**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. 319p.
- DAHLMAN, Carl. Os países em desenvolvimento e a terceira revolução industrial. In. VELLOSO, João Paulo dos Reis; MARTINS, Luciano. **A Nova Ordem Mundial em Questão**. 2 edição. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994. 433p. p. 259-290. Fórum Nacional.
- DANILO, Sérgio. ONU instituiu programa para reduzir desastres. **Gazeta Mercantil**, São Paulo, 12 jan. 1993. p.10.
- DEBRAY, Régis. **Curso de Midiologia Geral**. Petrópolis: Vozes, 1993. 419p.
- \_\_\_\_\_, Régis. **O Estado Sedutor**. Petrópolis, Vozes, 1994. 174p.
- \_\_\_\_\_, Régis. **Vida e Morte da Imagem**. Petrópolis: Vozes, 1994. 174p.
- DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992 226p.
- \_\_\_\_\_, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é filosofia?:** Rio de Janeiro. Editora 34, 1993. 279p.
- DESMATAMENTO excessivo na América Central pode causar catástrofe em vinte anos. **Gazeta Mercantil**, São Paulo, 15 nov. 1993. P.18
- DICKSON, Martim. Fabricantes pretendem reciclar metade do papel usado nos Estados Unidos. **Gazeta Mercantil**, São Paulo, 16 fev. 1993. P.17

- EMPRESAS analisam ciclo de vida dos produtos. **Gazeta Mercantil**, São Paulo, 21 outubro. 1993. p.15
- FAGÁ, Francisca Stella. Ambientalistas buscam acôrdo com indústrias para criação do selo verde. **Gazeta Mercantil**, São Paulo, 29 set. 1993. P.14
- \_\_\_\_\_, Francisca Stella. Exportadores temem que selo verde funcione como barreira comercial. **Gazeta Mercantil**, São Paulo, 17 de mar. 1993. p.14
- \_\_\_\_\_, Francisca Stella. Fabricantes de latas de aço planejam recuperar 20% de sua produção anual. **Gazeta Mercantil**, São Paulo, 19 jan.1993. p.16
- \_\_\_\_\_, Francisca Stella. Iniciadas as obras para despoluição do Tietê arruina fabricantes de equipamentos. **Gazeta Mercantil**, São Paulo, 03,05 jul. 1993. p.12
- FERRY, Luc. **A Nova Ordem ecológica**. São Paulo: Ed. Ensaio, 1994. 193p.
- FEYERABEND, Paul. **Contra o Método**. 3 ed. Rio de Janeiro: F. Alves, 1989. 487p.
- FLAVIN, Christopher; LENSSEN, Nicholas. Planejando um sistema energético sustentável. In: BROWN Lester R. (Org.): **Qualidade de vida 1991**. São Paulo: Globo, 1991. 323p. p.43-64.
- \_\_\_\_\_, Christopher; LENSSEN, Nicholas. Remodelando a indústria de energia. In: BROWN, Lester R. **Qualidade de vida 1994**. São Paulo; Globo, 1994. 317p. P.87-109.
- FÓRUM DE ONGS BRASILEIRAS, 1992, Rio de Janeiro. **Meio Ambiente e Desenvolvimento: uma visão das ONGS e dos movimentos sociais brasileiros**. Rio de Janeiro, 1992. 190p.
- GOMES, Laurentinio. Os anos da grande faxina. **Veja**, São Paulo, v. 28, N.22, p.62-67, maio 1995.
- GOULD, Stephen Jay. **Darwin e os grandes enigmas da vida**. São Paulo: Martins Fontes, 1992. 274p.
- \_\_\_\_\_, Stephen Jay. **O polegar do Panda: reflexões sobre a história natural**. São Paulo: Martins Fontes, 1989. 297p.
- \_\_\_\_\_, Stephen Jay. **A Vida maravilhosa**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. 391p.
- GRAMSCI, Anntonio. **Os intelectuais e a organização da cultura**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978. 244p.
- GRUPO ambientalista quer suspensão das exportações. **Gazeta Mercantil**, São Paulo, 17,19 jul. 1993. p.17
- GUEDES, Ana Lúcia Malheiros. **Programas ambientais de empresas multinacionais no Brasil: estudo de casos no setor petroquímico**. Rio de Janeiro, 1993. 274p. **Dissertação (Mestrado em relações internacionais)** - Instituto de Relações



- Internacionais, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 1993. Orientador: Héctor Ricardo Leis.
- HABERMAS, Jürgen. **Pensamento pós-metafísico**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1990. 217p.
- HÉMERY, Daniel; DEBIER, Jean Claude; DELEAGE, Jean Paul. **Uma História da Energia**. Brasília: Edunb, 1993. 440p.
- HIRSZMAN, Maria. Diferenças entre países ricos e pobres impõem desafio à gestão ambiental. **Gazeta Mercantil**, São Paulo, 28 jan. 1993. p.14
- HOLLANDA, Eduardo. Presidente da República ordena que Furnas garanta o acesso à informação. **Gazeta Mercantil**, São Paulo, 27, 29 mar. 1993. p.14
- KAPUSCINSKI, Ryszard. **Imperium**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. 315p.
- LEIS, Héctor Ricardo. Ambientalismo: um projeto realista-utópico para a política mundial. In: VIOLA, Eduardo J.; LEIS, Héctor Ricardo; SHERER- Warren, Ilse et al. **Meio Ambiente, desenvolvimento e cidadania: desafios para as ciências sociais**. São Paulo: Cortez, Florianópolis: UFSC, 1995. 220p. P. 15-43.
- \_\_\_\_\_, Héctor Ricardo. Ecologia e soberania na Antártica ou o papel da questão ambiental como agente transformador da ordem internacional. In: LEIS, Héctor Ricardo (org). **Ecologia e política mundial**. Rio de Janeiro: FASE, Petrópolis: Vozes, 1991. 147p. p. 51-64.
- MACNEILL, Jim; WINSEMIUS, Pieter. KAKUKHIJI, Tizo. **Para Além da Interdependência: a relação entre economia mundial e ecologia da Terra**. Rio de Janeiro: Zahar, 1992. 147p.
- MAIMON, Dalia. **Ensaio sobre economia do meio ambiente**. São Paulo: Edição Aped, 1992. 144p.
- MARTIN, Jean-Marie. **A economia mundial de energia**. São Paulo: UNESP, 1992. 135p.
- MCCORMICK, John. **Rumo ao paraíso: a história do movimento ambientalista**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1992.
- McLUHAN, Marshall. **Os meios de Comunicação: como extensão do Homem**. São Paulo: Cultrix, 1964. 407p.
- McNAMARA, Robert. A nova ordem internacional. In: VELLOSO, João Paulo dos Reis; MARTINS, Luciano (coord.) **A Nova Ordem Mundial em questão**. 2 ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1994. 433p p.33-64.
- MONTAIGNE, Michel de. **Ensaio**. São Paulo: Abril, 1972. 504p. Cap.10, Dos Livros, p. 196.

- MORIN, Violette. **Aplicação de um método de análise da imprensa.** São Paulo: USP, 1970. 107p.
- OMS considera Chernobyl motivo de preocupação. **Gazeta Mercantil,** São Paulo, 24, 26 abr. 1993. p.18.
- PAULINO NETO, Fernando. Barcelona prepara-se para tornar-se uma metrópole europeia. **Gazeta Mercantil,** São Paulo, 4 jul. 1993 p.13.
- PESADELO de nós todos: balanço do envenenamento do globo. **Visão.** São Paulo, v. 14, n. 25, p. 20-23, jun. 1959.
- PINTO, Celso. Mais da metade das usinas nucleares pode apresentar rachaduras. **Gazeta Mercantil,** São Paulo, 26 març. 1993. p.17.
- POSTEL, Sandra. Capacidade de suporte: a palavra final da terra. In: Brown, Lester R. **Qualidade de Vida 1994: salve o planeta!** São Paulo, Globo, 1994. 317p. p. 23-40.
- REYNOLDS latasa pretende reciclar 38 milhões de latas de alumínio em 93. **Gazeta Mercantil,** São Paulo, 6 jan.1993.p.10
- RICHARDSON, Roberto Jarry et al. **Pesquisa Social: método e técnicas.** 2 edi. São Paulo: Atlas, 1989. 287p.
- RODGER, In . Suíça começa a reciclar pilhas usadas. **Gazeta Mercantil,** São Paulo, 14 jan. 1993. p. 11.
- ROSSI, Paolo. **A ciência e a filosofia dos modernos.** São Paulo: Unesp, 1992. 387p.
- SCMDIHEINY, Stephan. **Mudando de Rumo.** Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1992. 361p.
- SERRA, Neuza. América Latina destina adequadamente apenas 30% de seu lixo. **Gazeta Mercantil,** São Paulo, 10 fev. 1993. p.11
- \_\_\_\_\_, Neuza Atlas mostra destruição em 10 estados brasileiros. **Gazeta Mercantil,** São Paulo. 24 nov. 1993. P.15
- \_\_\_\_\_, Neuza. Indústrias de São Paulo poderão fazer o controle dos seus próprios efluentes. **Gazeta Mercantil,** São Paulo, 10 fev. 1993. p.11
- \_\_\_\_\_, Neuza. Petroquímica aumenta controle sobre transporte de substâncias perigosas. **Gazeta Mercantil,** São Paulo, 13 mar. 1993. p.13
- \_\_\_\_\_, Neuza. Prefeitura de São Paulo prepara concorrência para a construção de incineradores. **Gazeta Mercantil,** São Paulo, 9 nov. 1993. p.12
- \_\_\_\_\_, Neuza. Prefeitura pretende normalizar hoje coleta na zona sul de São Paulo. **Gazeta Mercantil,** São Paulo, 14 dez. 1993. p.16
- SERRES, Michel. **O contrato Natural.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991. 142p.

- \_\_\_\_\_, Michel. **Filosofia Mestiça**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993. 190p.
- \_\_\_\_\_, Michel. **Hermes, uma filosofia das ciências**. Rio de Janeiro: GRAAL, 1990. 175p.
- SILVEIRA, Virgínia. INPE investiga efeitos do buraco na camada, 31 de ozônio sobre o território nacional. **Gazeta Mercantil**, São Paulo mar. 1993. p.16
- \_\_\_\_\_, Virgínia. Os focos de poluição no rio Paraíba. **Gazeta Mercantil**, São Paulo, 16 abri. 1993. p.23
- TACHINARDI, Maria Helena. Fundo Econômico do Japão financiará projectos ambientais no Brasil. **Gazeta Mercantil**, São Paulo, 12 mar. 1993 p. 13
- \_\_\_\_\_, Maria Helena. Governo brasileiro receia a adoçam de restrições ambientais ao comércio. **Gazeta Mercantil**, São Paulo, 5 fev. 1993. p.10
- \_\_\_\_\_, Maria Helena. Participantes do GEF poderão dar tratamento especial ao Brasil. **Gazeta Mercantil**, São Paulo, 15 jun. 1993 p.19.
- TAKAHASHI, Kazuo. Parceria global para a paz e o progresso. In: VELLOSO, João Paulo dos Reis. MARTINS, Luciano (coord.) **A Nova Ordem Mundial em Questão**. 1 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994. 433p p. 175-188. Fórum Nacional.
- THOMAS, Keith. **O Homem e o Mundo Natural**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. 454p.
- THUILLER, Pierre. **De Arquimedes a Einstein**. Rio de Janeiro: Zahar, 1994. 247p.
- UM relatório para Angra 2. **Gazeta Mercantil**, São Paulo, 31 mar.1993 p.16.
- VELLOSO, João Paulo dos Reis. **Inovação e Sociedade**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1994. 121p. Fórum Nacional: as bases do desenvolvimento moderno.
- \_\_\_\_\_, João Paulo dos Reis. (Coo.) **A nova ordem internacional e a terceira revolução industrial**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1992. 191p.
- VERRINAR, Jacques. **O meio ambiente**. Campinas: Papyrus, 1994. 132p.
- VIOLA, Eduardo J.; LEIS, Héctor R. O ambientalismo multissetorial no Brasil para além da Rio 92: o desafio de uma estratégia globalizada viável. In: VIOLA, Eduardo J. ; LEIS, Héctor Ricardo; SCHERER-WARREN, Ilse et al. **Meio ambiente, desenvolvimento e cidadania: desafios para as ciências sociais**. São Paulo: Córtez, Florianópolis: UFSC, 1995, 220 p. p.134-160.

- \_\_\_\_\_, Eduardo J., LEIS, Héctor Ricardo. Desordem global da biosfera e a nova ordem internacional: o papel organizador do ecologismo; In VIOLA, Eduardo J.; LEIS, Héctor, Ricardo (org.) **Ecologia e política mundial**. Rio de Janeiro: FASE, Petrópolis: Vozes, 1991. 147 p. p. 23=50.
- VIRILIO, Paul. **O espaço crítico**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993, 119p.
- \_\_\_\_\_, Paul. **A inércia polar**. Lisboa : Dom Quixote, 1993. 128p.
- \_\_\_\_\_, Paul. **A máquina de visão**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1994. 107p.
- WEBER, Max. **Economia y sociedad**. México: Fondo de Cultura Económica, 1992. 210 p.
- \_\_\_\_\_, Max. **Metodologia das Ciências Sociais**. São Paulo: Cortez, 1992. 210 p.
- WEBER, Peter. Salvando os oceanos. In: Brown, Lester R. (Org.) **Qualidade de Vida 1994**. São Paulo: Globo, 1994. 317p. P. 65-86.
- WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade: na história e na literatura**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. 439 p.
- WILSON, Edward O. **A diversidade da vida**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. 447 p.
- WITTGENSTEIN, Ludwig. **Tractatus logico-philosophicus**. São Paulo: Edusp, 1993. 281 p.